



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DE VITÓRIA
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

JOSÉ ANTÔNIO DA SILVA NETO

**ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE AS CONCEPÇÕES DE ENSINO E TREINO COM
AS INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS NO TREINO DE FUTEBOL
PROFISSIONAL: UM ESTUDO PRELIMINAR**

VITÓRIA DE SANTO ANTÃO

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DE VITÓRIA DE SANTO ANTÃO
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

JOSÉ ANTÔNIO DA SILVA NETO

ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE AS CONCEPÇÕES DE ENSINO E TREINO COM
AS INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS NO TREINO DE FUTEBOL
PROFISSIONAL: UM ESTUDO PRELIMINAR

TCC apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Marcellus Brito de Almeida.

VITÓRIA DE SANTO ANTÃO

2015

Catálogo na Fonte
Sistema de Bibliotecas da UFPE. Biblioteca Setorial do CAV.
Bibliotecária Jaciane Freire Santana, CRB4: 2018

S586a Silva Neto, José Antônio da
Análise da relação entre as concepções de ensino e treino com as intervenções pedagógicas no treino de futebol profissional: um estudo preliminar / José Antônio da Silva Neto. – Vitória de Santo Antão: O Autor, 2015.

130 f.; il.

Orientador: Marcellus Brito de Almeida
TCC (Graduação) – Universidade Federal de Pernambuco, CAV, Licenciatura em Educação Física, 2015.
Inclui bibliografia.

1. Futebol. 2. Treinamento esportivo. 3. Pedagogia esportiva. I. Almeida, Marcellus Brito de (Orientador). II. Título.

796.334 CDD (23.ed.)

BIBCAV/UFPE-056/2015

OSÉ ANTÔNIO DA SILVA NETO

**ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE AS CONCEPÇÕES DE ENSINO E TREINO COM
AS INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS NO TREINO DE FUTEBOL
PROFISSIONAL: UM ESTUDO PRELIMINAR**

TCC apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória, como requisito para a obtenção do título de em Licenciado em Educação Física.

Aprovado em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^o. Dr. Marcellus Brito de Almeida (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof.^o. Ms. José Antônio dos Santos (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof.^o. Ms. Adriano Bento Santos (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Aos meus pais Ademilton e Maria,

Ao meu filho João Miguel.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos, que de alguma forma, participaram da conclusão deste trabalho, em especial:

A Deus, a quem devo tudo nessa vida.

Ao meu amigo e orientador Marcelus Almeida, quem disponibilizou um pouco de seu tempo, mas o suficiente, para me dar assistência e as devidas orientações, não só para a conclusão deste trabalho, mas acima de tudo para vida.

Aos meus Pais Ademilton e Maria, os quais me apoiaram em todos os momentos, quer nos momentos mais difíceis e mais complicados quer nos momentos mais felizes de nossas vidas.

Ao meu filho João Miguel, apesar dos poucos meses de vida tem me ensinado coisas que jamais poderia ter imaginado, a valorizar a vida do jeito que ela é e, sempre seguir em frente com uma olhar brilhante sobre o futuro.

Aos meus irmãos Aniely, Aldair, Allyson, Júnior, Adeliane e Adenilma, que apesar dos pesares sempre acreditaram no meu potencial, confiando acima de tudo nas minhas decisões.

Aos meus pequenos sobrinhos Guilherme e Júlio, que apesar dos poucos aninhos me ensinam a valorizar o maior ganho que duas pessoas podem ter, a Amizade.

Ao meu primo Djalma, que esteve me dando assistência em todos os momentos ao longo da minha história acadêmica e, acima de tudo, familiar.

Ao meu colega e parceiro Alex, que sempre esteve me apoiando e, sobretudo, prestando conselhos de amigos nos momentos mais confusos de minha vida.

Aos meus tios, tias, primos, primas, parentes, avós, e outros que de alguma forma tiveram participação desta realização, de entre muitas, dos meus sonhos.

“A paciência é amarga, mas seus frutos são doces” Kant

(CURY, 2004 p.18)

RESUMO

Objetivo geral: o presente estudo teve por objetivo analisar a relação entre as concepções de ensino e treino do treinador de futebol com as intervenções pedagógicas no decorrer dos treinos. **Objetivos específicos:** identificar a formação específica e o modelo de jogo defendido pelo treinador; o conteúdo substantivo transmitido; quando, como e a quem são direcionados; a natureza das tarefas instrucionais propostas; bem como a relação aos conteúdos substantivos de feedback pedagógico e a alteração da natureza das tarefas instrucionais e dos conteúdos substantivos de feedback pedagógico durante os treinos. **Materiais e métodos:** para este estudo recorreremos a dois treinadores de equipes da série A do Campeonato Pernambucano de Futebol, com experiência desportiva considerável ao nível de treinamento profissional. O estudo adotou uma entrevista semi-estruturada, a fim de compreender os aspectos conceituais, situacionais e contextuais que podem influenciar a intervenção pedagógica do treinador nos treinos, bem como a aplicação de um instrumento de observação sistemática, de modo a obter o perfil de intervenção pedagógica do treinador no processo de ensino-treino-aprendizagem dos conteúdos substantivos do futebol. **Resultados e conclusão:** Treinador I (T I) apresenta uma relação coerente entre a sua intervenção pedagógica com as suas concepções de ensino e treino, enquanto que não acontece o mesmo com o treinador II (T II); os dois treinadores transmitem as informações mais de caráter tático (natureza do conteúdo); T I e T II emitem as ideias de forma generalizada, sob o *feedback* prescritivo e encorajamento, respectivamente; ambos transmitem as informações principalmente para os jogadores individuais; as tarefas de aplicação e refinamento são as mais utilizadas pelos treinadores, respectivamente; na intervenção do T I há uma relação de compromisso entre a natureza do conteúdo e aos dos exercícios apresentados, não sendo visto o mesmo com T II.

Palavras-chave: Método de treino. Futebol. Pedagogia do esporte. Observação de jogo.

ABSTRACT

General Objective: This study aimed to analyze the relationship between conceptions of teaching and football coach training with pedagogical interventions during the training.

Specific objectives: to identify the specific training and the game model advocated by the coach; the substantive content transmitted; when, how and to whom they are directed; the nature of the tasks instructional proposals; as well as regarding the substantive content of teaching feedback and changing the nature of instructional tasks and the substantive content of pedagogical feedback during workouts.

Methods: In this study we used the two coaches of teams in the series The Pernambucano Football Championship, with considerable sporting experience to the level of professional training. The study adopted a semi-structured interview, in order to understand the conceptual, situational and contextual aspects that may influence the pedagogical intervention of the coach in training, and the application of a systematic observation instrument, in order to obtain the intervention profile pedagogical coach in the teaching-learning-training of nouns football content.

Results and conclusion: Coach I (TI) shows a consistent relationship between their pedagogical intervention with their education and training concepts, while not so with the coach II (T II); the two coaches convey information more tactical nature (nature of the content); TI and T II emit ideas across the board, under the prescriptive feedback and encouragement, respectively; both transmit the information primarily to individual players; the application tasks and refinement are the most used by coaches, respectively; in IT intervention there is a compromise between the nature of the content and the years presented, not being viewed the same with T II.

Keywords: Training Method. Soccer. Sport Pedagogy. Game of Observation.

LISTA DE ABREVIACÕES

CA	Conhecimento do Aluno
CC	Conhecimento do Conteúdo
CCE	Conhecimento dos Contextos Educacionais
CCr	Conhecimento Curricular
CCS	Centro de Ciências da Saúde
CEPSH	Comitê de tica em Pesquisa com Seres Humanos
CFE	Conhecimento dos Fins Educacionais
CPC	Conhecimento Pedagógico do Conteúdo
CPG	Conhecimento Pedagógico Geral
ECs	Esportes Coletivos
FD	<i>Feedback</i> Descritivo
FE	<i>Feedback</i> de Encorajamento
FIAN	<i>Feedback</i> de Informação Avaliativa Negativa
FIAP	<i>Feedback</i> de Informação Avaliativa Positiva
FIFA	<i>Fédération Internationael de Football Association</i>
FP	<i>Feedback</i> Prescritivo
FQ	<i>Feedback</i> de Questionamento
JECs	Jogos Esportivos Coletivos
SAPCI	<i>The Systematic Analysis of Pedagogical Content Interventions</i>
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dados descritivos gerais relativos à dimensão “O Quê” T I.....	55
Tabela 2 – Dados descritivos gerais relativos à dimensão “O Quê” T II.....	57
Tabela 3 – Dados descritivos gerais relativos à dimensão “Quando” T I.....	58
Tabela 4 – Dados descritivos gerais relativos à dimensão “Quando” T II.....	59
Tabela 5 – Dados descritivos gerais relativos à dimensão “Como” T I.....	60
Tabela 6 – dados descritivos gerais relativos à dimensão “Como” T II.....	61
Tabela 7 – Dados descritivos gerais relativos à dimensão “como” T I.....	62
Tabela 8 – Dados descritivos gerais relativos à dimensão “como” T II.....	64
Tabela 9 – Dados descritivos gerais relativos à dimensão “A quem” T I.....	66
Tabela 10 – Dados descritivos gerais relativos à dimensão “A quem” T II.....	67
Tabela 11 – Dados descritivos gerais relativos à dimensão “Natureza das tarefas instrucionais” T I.....	68
Tabela 12 – Dados descritivos gerais relativos à dimensão “Natureza das tarefas instrucionais” T II.....	69

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 REVISÃO DA LITERATURA	14
2.1 O futebol no cenário dos Jogos Esportivos Coletivos (JECs).....	14
2.2 Natureza e características do jogo de Futebol.....	18
2.3 O Jogo de Futebol no processo de ensino-treino-aprendizagem: pressupostos básicos necessários para a construção e concretização do modelo de jogo.....	22
2.4 A instrução no processo de ensino-treino-aprendizagem: comunicação, <i>feedbacks</i> e natureza das tarefas instrucionais.....	27
2.4.1 Natureza e enquadramento das tarefas instrucionais.....	30
2.5 A intervenção pedagógica do treinador sobre o conteúdo do jogo de Futebol.....	33
3 OBJETIVOS E HIPÓTESE	37
3.1 Objetivo Geral.....	37
3.2 Objetivos Específicos.....	37
3.3 Hipótese.....	37
4 MATERIAIS E MÉTODOS	38
4.1 Amostra.....	38
4.2 Métodos utilizados na recolha de dados.....	38
4.3 Condições de realização do estudo.....	40
4.4 Instrumentos utilizados na recolha dos dados.....	41
4.5 Análise de dados.....	45
5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	46
5.1 Análise da intervenção pedagógica do conteúdo.....	46
5.2 Análise da relação entre a concepção e a intervenção pedagógica dos treinadores.....	54
5.3 Relação entre a natureza das tarefas instrucionais e o conteúdo substantivo do <i>feedback</i> pedagógico ao longo das sessões de treino.....	70
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
6.1 Sugestões.....	73
REFERÊNCIAS	75
ANEXO A: Entrevistas Semi-estruturadas	80

ANEXO B: Observações Sistemáticas.....	96
ANEXO C: Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa.....	130

1 INTRODUÇÃO

No panorama atual, podemos observar que o esporte é considerado um dos, se não o único, fenômenos sócio-culturais que mais se desenvolveu no último século, a tal ponto de se tornar importantíssimo nas relações sócio-econômico-políticas. Não bastando a isso, um grande número de pessoas tem sido atraído cada vez mais para prática esportiva, buscando através dele uma forma de ascensão pessoal, social, econômica, política e cultural. Isso pode ser evidenciado pelo fato da ocorrência de inúmeras manifestações, dos diferentes cenários, objetivos e motivos que induz diferentes pessoas às práticas esportivo-corporais (REVERDITO; SCAGLIA; PAES, 2009).

Entre os esportes, o futebol é o mais popular do mundo, destacando-se na sociedade capitalista atual como um fator importante no que se refere ao papel fundamental socioeconômico. Segundo relatório da FIFA a entidade com sede na Suíça, registra um recorde de receita entre 2011 e 2014 de US\$ 6,4 bilhões (KRAUSE, 2015). Cada vez mais, esse esporte tem conquistado novos adeptos, resultando no aumento da atenção da mídia e do interesse de uma infinidade de pessoas no mundo todo (CORRÊA *et al*, 2002).

O futebol pertence a um quadro de modalidades designado Jogos Esportivos Coletivos (JECs), pelos quais são considerados os jogos mais complexos, nas suas lógicas internas de jogo, devido ao número maior de participantes, que por sua vez atuam de forma autônoma e arbitrária nas decisões do jogo, emergindo de situações imprevisíveis, aleatórias e específicas. Entretanto, dentre os JECs o futebol, no contexto interno de jogo, é considerado o mais imprevisível, aleatório e complexo, por apresentar uma grande variedade técnico-tático-físico-psicológica. Além disso, pode se enquadrar como jogo de invasão (OSLIN *et al.*, 1998 *apud* SILVA, 2008), com os participantes atuando simultaneamente num mesmo espaço sobre um objeto, a bola (HERNANDEZ MORENO, 1994 *apud* SILVA, 2008).

Dessa forma, o futebol hoje praticado tem sido associado cada vez mais a interesses sociais e econômicos, que por sua vez ganham novos adeptos e atraem milhares de admiradores pelo desporto. Desse modo, causa um impacto significativo na estrutura e organização das relações internas, levando os protagonistas do esporte a diversos interesses, perpassando pela prática-corporal, pela direção, gestão e organização de entidades e competições. Nesse sentido, evidencia-se que os clubes tentam obter resultados desportivos apostando na competência dos treinadores (MESQUITA, 2009). Nisso, a figura do treinador de futebol ganha espaço e respeito nos últimos anos e vem se destacando em muitos clubes (COSTA; SAMULSKI; COSTA, 2010).

Porquanto, o treinador é o principal responsável pelo direcionamento das ações das equipes, podendo intervir nos comportamentos técnico-táticos buscando tirar proveito dos pontos fortes e fracos da sua equipe e dos adversários na tentativa de obter os melhores resultados (COSTA, 2010). Para que isso aconteça com exatidão, é necessária uma eficaz intervenção pedagógica orientada por um conjunto de princípios de ensino-aprendizagem (MESQUITA, 2009), no processo de ensino-treino-aprendizagem. Sendo assim, atender aos princípios da aprendizagem do futebol técnico-taticamente bem jogado e, além disso, aprender mais que futebol, é necessário que toda a comissão técnica, principalmente o treinador, assuma procedimentos que levem o atleta a compreender as próprias ações do jogo (FREIRE, 2003 *apud* FIGUEIRA; GRECO, 2008).

Apesar de tudo isso, no panorama nacional, as intervenções pedagógicas do conteúdo dos treinadores não é um tema muito discutido no meio acadêmico, assim como, segundo Bernardes Filho (2009), as competências e formação do treinador de futebol no Brasil. Nesse caso, podemos observar ainda que haja uma relação distante entre os conhecimentos científicos elaborados do meio acadêmico com os conhecimentos práticos adquiridos pelas experiências concretas. Desse modo, temos um jogo menos dinâmico e espetacular. Para tanto, é nesse direcionamento que este estudo visa contribuir, a partir dos métodos utilizados por Mesquita (2009), para um melhor entendimento e compreensão do processo de ensino-treino-aprendizagem do futebol brasileiro, mais especificamente do estado de Pernambuco, bem como nos avanços significativos referentes à intervenção pedagógica eficaz. Dessa forma, este trabalho tem como objetivo principal analisar a relação entre as concepções de ensino e treino dos treinadores de futebol profissional com as suas intervenções pedagógicas no decorrer das sessões de treino.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 O futebol no cenário dos Jogos Desportivo Coletivo (JECs)

O esporte tem sido conceituado como uma ação social institucionalizada, convencionalmente regrada, que se desenvolve com base lúdica, em forma de competição entre duas ou mais partes oponentes ou contra a natureza, cujo objetivo é, através de uma comparação de desempenhos, designar o vencedor ou registrar o recorde; seu resultado é determinado pela habilidade e estratégia do participante, e é para este gratificante tanto intrínseca como extrinsecamente. (BETTI, 1991 *apud* GALATTI; PAES, 2007).

Em outra perspectiva, considerando o panorama atual, o esporte é um fenômeno sócio-cultural, que ocupa uma posição importante nas relações sociais e econômico-políticas atingindo um patamar nunca visto na história da sociedade:

O esporte se desenvolveu de tal forma no século XX, que ultrapassou as fronteiras que há algumas décadas eram inimagináveis. Esse fato pode ser evidenciado logo que vislumbramos as inúmeras manifestações, os diferentes cenários, objetivos e motivos que levam diferentes pessoas às práticas esportivo-corporais diariamente. (REVERDITO; SCAGLIA; PAES, 2009, p. 600).

Evidentemente, o esporte se tornou um dos fenômenos mais importante no início do século passado até os dias de hoje, visto pelo crescente número de pessoas interessadas pelas práticas esportivas corporais (REVERDITO; SCAGLIA; PAES, 2009). Nisso, observa-se que um dos aspectos que marcou a dimensão fenomenológica do esporte nesses séculos, foi à pluralidade de significados e re-significados que em sua prática se vem moldando, para tal tornando-o cada vez mais fascinante (PAES, 2006; GAYA, 2001).

Sendo assim, o esporte como um dos fenômenos sócio-culturais mais importantes na atualidade, causado pelo aumento de interessados pela prática esportiva, já era de se esperar que houvesse um aumento de investigadores na busca de entender o mesmo nas suas diversas dimensões: dimensão histórica, fenomenológica, antropológica, epistemológica, sociológica, etc.; assim como, na perspectiva da práxis que perpassa por todas as áreas de intervenção e atuação na estruturação e organização do esporte, bem como nas suas vivências e práticas esportivas (nestes últimos, estão os treinadores, jogadores, preparadores físicos, etc.).

Saindo de um plano maior de esporte, encontramos os Esportes Coletivos (ECs) que ainda chama mais atenção dos estudiosos, atraindo de forma significativa quando comparado aos Esportes Individuais. Talvez isso seja pelo presente contexto do desporto que envolve situações altamente complexas, aleatórias e imprevisíveis na sua lógica interna de jogo, isto

provocado pelo grande número de participantes autônomos e arbitrários, decidindo quais ações tomarem perante as situações que estão envolvidas, a fim de encontrar as melhores soluções.

Portanto, os ECs, também conhecidos como Jogos Esportivos Coletivos (JECs), se enquadram num cenário esportivo dentro de um contexto de situações complexas, aleatórias e imprevisíveis na sua lógica interna de jogo. Neles enquadram-se, via de regras, duas equipes, simultaneamente, em situações de confronto desportivo, disputando um elemento (a bola, comumente) num mesmo terreno de jogo, regido por um conjunto de regras estabelecidas que normatizem e legitimam a prática, com um alvo a defender e um a atacar, vence a equipe que mais pontua, ou seja, a que mais atingir o alvo com o elemento de jogo num tempo estimado.

Para explicar melhor, alguns autores se posicionaram dando as características gerais do que vem a ser os JECs:

Teodorescu (1984, *apud* MOURA *et al.*, 2008), entende por JDC como uma atividade organizada socialmente, na qual os jogadores estão reunidos em duas equipes numa situação de rivalidade desportiva, visando a obtenção da vitória, com a ajuda de um implemento do jogo (muitas vezes sendo este, a conhecida bola), fazendo-se uso de regras preestabelecidas.

Bayer (1994) segundo Daolio (2002), estrutura os JECs de acordo com 3 aspectos fundamentais que são comuns, enquadram-se: (1) seis elementos invariantes (espaço de jogo; alvo a atacar/defender, regras específicas pré-determinadas, objeto disputado, etc.); (2) seis princípios operacionais (três ofensivos e três defensivos) e (3) regras de ação (relacionadas a operacionalização dos princípios do jogo).

Moura (2004) entende que os JECs decorrem de situações distintas que não podem ser reproduzidas de forma análoga, tanto pelo fato do jogo ser imprevisível quanto pela singularidade dos jogadores em questão, os quais possuem diferenças não só históricas, como também, biológicas, psicológicas e sociais, o que nesse caso, o jogo lida com esses diferentes indivíduos.

Para Garganta e Gréhaigne (1999), direcionar-se para o objetivo do jogo, vencer o jogo, as modalidades dentro dos JECs têm identidades indiferentes quando se refere a um quadro de atividades particulares, dado por:

- relação de forças materializada no confronto entre dois grupos de jogadores de equipe diferentes que disputam ou trocam um objeto, ou implemento do jogo (na maior parte dos casos uma bola);

- seleção de habilidades motoras realizadas a partir do repertório motor do praticante;

-estratégias individuais e coletivas que condicionam as decisões implícitas e explícitas, tomadas com propósito de vencer o adversário.

Assim, podemos entender que os autores, acima citados, apontam às características gerais que se enquadram num contexto dos JECs, não sendo por eles detalhados especificamente os elementos estruturais, organizacionais e operacionais correspondentes às unidades das modalidades pré-existentes. Para tanto, diversos autores buscam sistematizar e classificar os JECs de acordo com as suas estruturas espaço-temporal, do modo de jogar, etc. No entanto, os JECs podem ser visualmente classificados de acordo com as suas peculiaridades no contexto de jogo, tais como: o terreno/espaço e tempo dimensionado; o objeto do jogo a ser disputado (tipo de bola), o modo como as habilidades são permitidas nas ações de jogo, ou seja, o modo como os participantes atuam; regras específicas; número de participantes, etc. O que para Castelo (2002) e Oslin *et al* (1998) segundo Silva (2008) cada modalidade se caracteriza pelo conjunto de habilidades específicas, havendo as inúmeras semelhanças táticas entre elas.

Nesse sentido, podemos dividir os JECs em três categorias de jogo de acordo com Oslin *et al* (1998) segundo Silva (2008):

- Jogo de invasão (futebol, basquetebol, handebol);
- Jogo de rede (voleibol);
- Jogo de campo/corrida/marcação (pontuação) – (softball).

Ainda Silva (2008) cita a classificação dos JECs de Hernandez Moreno (1994), o qual pressupõe diferenciar em três formas, os quais são em função do espaço e das características de participação dos respectivos intervenientes:

- num mesmo terreno em espaços separados, participação alternada (voleibol, tênis);
- num mesmo terreno em espaços comuns, participação alternada (squash);
- num mesmo terreno em espaços comuns e ação simultânea sobre o objeto (futebol, basquetebol, handebol, hóquei, rúgbi, etc.).

Nesse contexto, os autores citados, em comum, caracterizam os JECs em função da lógica interna do jogo, perpassando pela estrutura e organização do terreno de prática, pelos objetivos do jogo até o modo como os jogadores participam. É nessa última classificação, também conhecido por jogo de invasão, que o jogo de futebol se enquadra, ou seja, este se caracteriza pela presença de duas equipes num mesmo terreno em situações simultânea de rivalidade desportiva (TEODORESCU, 1998 *apud* MOURA *et al.*, 2009), sobre momentos alternados de ataque/defesa, onde uma equipe quando se encontra em situação de ataque, necessariamente dever-se-á estar avançando à zona defensiva do adversário para efetivar o

ataque. A esses jogos, as ações técnico-táticas desenvolvem-se num contexto diversificado, configurado a partir de uma complexa relação de oposição e de cooperação (GARGANTA; GRÉHAIGNE, 1999).

Além do mais, Pinto (2007 *apud* SILVA, 2008) designa a reunião de um conjunto de variáveis comuns inerentes a essa última classificação:

- Um objeto em geral esférico, cuja composição foi se modificando ao longo dos tempos dos jogos;
- Espaço de jogo, caracterizado por um terreno limitado com maior ou menor área;
- Objetivos ofensivos e defensivos;
- Companheiros que ajudam a progressão da bola à zona adversária (cooperação);
- Adversários a superar (oposição);
- Regras a respeitar.

Considerando a complexidade pertinente ao jogo, isso se dá pelos fatores (imprevisibilidade, arbitrariedade e especificidade) que tange a estes jogos a constituição de modalidades complexas (GARGANTA, 1996; PINTO, 2007 *apud* SILVA, 2008). Porquanto, essas modalidades desportivas, mais especificamente o futebol, decorrem-se de acontecimentos dinâmicos que necessita de uma relevante compreensão tática (OSLIN *et al.*, 1998 *apud* SILVA, 2008). Ainda que, nesse sentido, Garganta (1997) salienta que é nos JECs que a capacidade tática atinge ao seu mais alto nível de manifestação.

Nessa perspectiva, levando em consideração os fatores que fazem do jogo, um sistema complexo, os profissionais que se dispõem e/ou se interessam em ensinar o esporte, independentemente da categoria, sugerem que os mesmos obtenham em suas concepções¹ de ensino ideias inerentes e pertinentes ao conhecimento tático do jogo, que possam os orientar, no processo de ensino-treino-aprendizagem, na organização, sistematização e estruturação do modelo de ensino. A esse plano, integram-se todas as outras dimensões: técnicas, físicas e psicológicas, etc. Para tanto, consideramos o conhecimento tático o elemento chave que direcionará as ações e comportamentos dos jogadores em campo durante toda a partida. Nesse sentido, corroboramos com Silva (1997) quando diz entender “que a edificação de qualquer matriz que vise elucidar um ‘olhar’ sobre o jogo de Futebol, deverá necessariamente ter como

1 - As concepções de ensino, também conhecidas de abordagens pedagógicas, são consideradas, neste estudo, as que se relacionam com o treinamento, tais como: abordagens de aptidão física (objetiva promover a prática e manutenção da aptidão física); abordagem desenvolvimentista (objetiva adaptar o sujeito ao meio); abordagem psicomotricista (ensina os conhecimentos através dos movimentos) e; a abordagem tecnicista (trabalha a eficiência técnica) (AZEVEDO; SHIGUNOV, 2000).

núcleo diretor a dimensão tática do jogo, porque é nela, e através dela, que se consubstanciam os comportamentos que ocorrem ao longo de uma partida”.

Ainda nesse sentido, Garganta (1995; *apud* REVERDITO; SCAGLIA; PAES, 2009, p. 604) salienta que:

A estratégia-metodológica orientada para o ensino do esporte, especificamente os jogos coletivos, [nesse caso o futebol], deverão acontecer por meio dos jogos condicionados, unidades funcionais, orientados para compreensão do jogo (razões do fazer) e integrado a sua especificidade técnica (modo de fazer), contemplando uma prática transferível a partir da assimilação dos princípios comuns nos jogos, através de formas jogadas acessíveis, motivantes e desafiadoras.

É nesse contexto que o jogo de futebol se enquadra nos designados JECs. Portanto, pressupomos aprofundar mais, na subseção seguinte, os conhecimentos sobre o jogo de futebol, perpassando pela natureza e enquadramento das características inerentes ao jogo, bem como sua estrutura organizacional, capacidades e competências exigidas aos jogadores.

2.2 Natureza, estrutura e características do jogo de futebol

“Os Jogos Esportivos Coletivos (JEC) ocupam um lugar importante no quadro da cultura desportiva contemporânea, dado que, na sua expressão multitudinária [mais especificamente o Futebol], não são apenas um espetáculo desportivo, mas também um meio de educação física e desportiva, um campo de aplicação da ciência [e uma disciplina de ensino]”. (SILVA, 1998, p. 20)

Como já foi referido na subseção anterior, o jogo de futebol se constitui no quadro dos designados JECs por apresentar características pertinentes a estes jogos. Nessa perspectiva, Silva (1997, p. 24) coloca em primeira instância que caracteriza os JECs “[...] o conflito entre duas equipas, condicionadas pelo cumprimento de um regulamento, que se dispõe de uma forma particular no terreno de jogo e se movimentam, com o objetivo de vencer”. Sendo assim, consideramos a natureza do jogo de futebol decorrente de situações de oposição/cooperação entre duas equipas, disputando um objeto (bola) de jogo, num mesmo terreno, visando à obtenção da vitória sob condições das regras preestabelecidas, para quais situações encontra-se, necessariamente, uma das equipas na fase de ataque (conservação, progressão da bola, e finalização) enquanto que a outra em fase de defesa (recuperação da bola, impedir progressão, impedir finalização do adversário).

Nesse contexto:

O futebol assegura na natureza do seu jogo relações de oposição nas quais os jogadores devem garantir a defesa do jogo, através da coordenação de ações, que visam à captura, conservação e condução da bola para a zona de finalização da equipe adversária, onde devem pontuar. (DIETRICH, 1979; GRÉHAIGNE *et al.*, 1997 *apud* SILVA, 2008, p. 2).

Na mesma linha de raciocínio, podemos estruturar detalhadamente o jogo de futebol a partir da expressão dada por Almeida (2009, p. 14) quando diz que:

Como todo desporto, o futebol é praticado com regras. Duas equipes formadas por 11 jogadores objetivam fazer [...] gol no adversário, assim disputam a bola durante todo o tempo de duração do jogo. Dessa forma a equipe vencedora será a que fizer mais gols e se o número de gols for o mesmo, será dado por empatado. Se, porém, o jogo for de ‘eliminação’, deve-se observar o regulamento do campeonato, pois o resultado pode ocorrer por prorrogação e pênaltis.

Nesse caso, consideramos o futebol, hoje conhecido, jogado por duas equipes constituídas por onze jogadores, no mesmo terreno (“oficialmente” em um campo retangular gramado) e tempo; cujas dimensões do campo são de no mínimo 90 metros e no máximo 120 metros para o comprimento, enquanto que para a largura é de 45 e 90 metros, para o mínimo e máximo, respectivamente (ALMEIDA, 2009); ambas as equipes disputam (oposição) a bola, o tempo todo, objetivando fazer o gol (pontuação) através dum conjunto coordenado de ações defensivo-ofensivas (cooperação); e, tudo isso decorre a partir de um conjunto de regras.

O futebol nessa perspectiva se encontra num contexto complexo que, em sua lógica interna de jogo, demanda um amplo conhecimento, por parte dos praticantes, sobre a própria estrutura da modalidade (regras, espaço, tempo, etc) em questão, bem como os princípios e sub-princípios táticos (relacionado às ações individuais/coletivas dos jogadores) que servirão para um condicionamento comportamental tático refletindo na inteligente prestação desportiva dos mesmos para que as metas e/ou objetivos do jogo sejam alcançadas de forma efetiva. Não obstante, dever-se-á integrar a esse plano tático todos os outros aspectos de condicionamento que influenciam no desempenho desportivo, ou seja, as dimensões técnicas, físicas, psicológicas, etc., já que estas servirão de base para a concretização das ações táticas dos jogadores (WEINECK, 1983 *apud* SILVA, 1997).

Nesse âmbito, levando em consideração a complexidade dada ao jogo, Garganta e Gréhaigne (1999) referem-se que o desenvolvimento do jogo deriva da interação entre um plano mais previsível, condicionado pelas normas e princípios do jogo, e um plano mais imprevisível, consolidada pela autonomia dos jogadores, que colocam a diversidade e

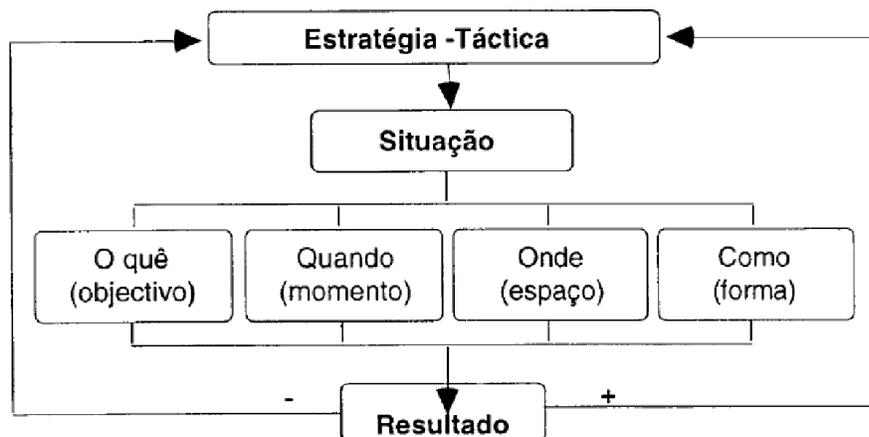
singularidade espaço-temporal dos acontecimentos. O que, nesse caso, Gréhaigne *et al* (1997 *apud* SILVA, 2008) entende por acontecimentos os modos de ações técnico-táticas individuais/coletivas que, possivelmente, influenciam positiva ou negativamente a dinâmica do jogo.

Portanto, é nesse contexto complexo de grande variabilidade (técnica, tática...) que o jogo de futebol é, entre os JECs, considerado o mais imprevisível e aleatório, produto do envolvimento aberto do elevado número de jogadores e do tamanho dado ao espaço de jogo, bem como a duração do tempo de jogo (COSTA *et al.*, 2002). Sendo assim, é necessário que os jogadores tomem consciência permanente de suas atitudes estratégico-táticas para resolução das situações problemas pertinentes ao jogo, já que não se podem prever antecipadamente a frequência, ordem cronológica e complexidade dos acontecimentos (GARGANTA, 1994 *apud* SILVA, 1997). O que na verdade, para Castelo (2004 *apud* SILVA, 2008) o jogo de futebol evoluiu devido aos acontecimentos, que o materializa, se desencadearem de forma mais intensos, competitivos, complexos, ritmados, pressionados, transitórios e instáveis.

Nesse sentido, Costa *et al* (2010, p. 44) salienta que “o futebol atual exige um ritmo acelerado, que requer dos jogadores um empenho permanente para se tomar decisões”. Entendemos, nesse caso, a tomada de decisões dos jogadores um fator decisivo para o desenrolar efetivo do jogo, bem como um elemento pertinente do conhecimento tático. Porquanto, é o alto nível de conhecimento tático, adquirido pelo jogador, que possibilita uma inteligente prestação desportiva, devido a uma ótima capacidade de leitura de jogo permitindo-lhes captar, decifrar e selecionar as informações essenciais do ambiente, nesse caso, proporcionando-lhes espaço e tempo suficiente para quais decisões tomarem, assim espera-se a efetiva solução da situação problema.

Sendo assim, podemos observar a partir da figura seguinte um esquema que melhor representa as tarefas dos jogadores em campo, adaptado de Silva, 1997:

Figura 1 – A dimensão estratégico-tática enquanto pólo de atração, campo de configuração e território de sentido das tarefas dos jogadores no decurso do jogo.

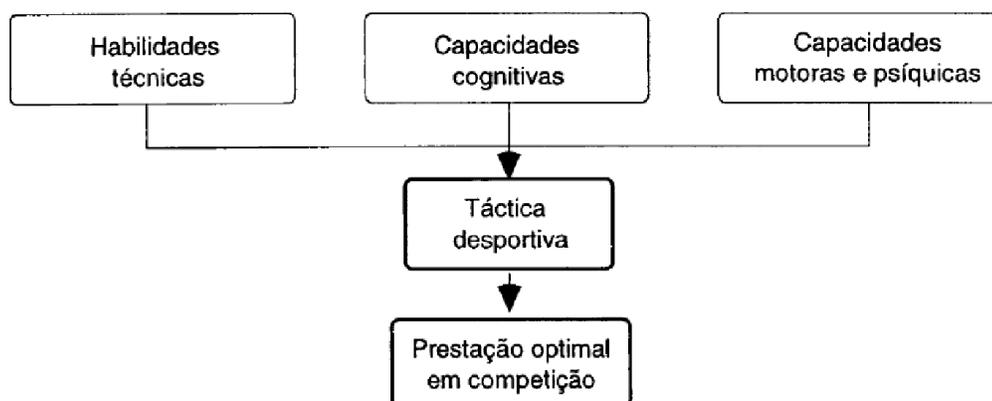


Fonte: SILVA, 1997, p. 25

O que podemos observar, nesse caso, são as situações de jogo, pertinentes da variabilidade, alternância e aleatoriedade, que determinam o direcionamento dos comportamentos a adotar pelos jogadores, aos quais são solicitados uma atitude tática permanente (GARGANTA, 1995 *apud* SILVA, 1997).

Por outro lado, é evidente que a dimensão tática não é exequível se não estiver sobre uma base técnica correspondente, bases condicionantes (capacidades físicas) adequadas e capacidades cognitivas a nível compatível (WEINECK, 1983 *apud* SILVA, 1997). Nesse caso, podemos observar mais detalhadamente a partir da leitura da figura seguinte:

Figura 2 - Componentes do rendimento desportivo (adaptado de WEINECK, 1983)



Fonte: SILVA, 1997, p. 24.

Nesse direcionamento, reconhece-se que as dimensões estão interconectadas e que cada um tem seu potencial ao seu modo, não sendo, neste caso, uma dimensão, de forma isolada, mais importante do que as demais (CARVALHO, 1984; QUEIRÓS, 1986 *apud* SILVA, 2008). Com isso, podemos aferir que no contexto do jogo de futebol, a sua lógica interna de jogo é influenciada pelo envolvimento conjunto das referidas dimensões (COSTA *et al.*, 2002).

Ainda no contexto, tratar as ações técnicas com bola/sem bola de forma isolada e abstrata, pode não haver sentido (PACHECO, 2002). Além disso, os elementos técnicos são identificados como os meios (fundamentos técnicos do futebol) utilizados pelos jogadores nos momentos de ataque e defesa, orientados aos princípios táticos para que se possam atingir os objetivos do jogo (QUEIRÓS, 1983 *apud* FÁRIAS, 2007).

Sendo assim, Leal (2001 *apud* FÁRIAS, 2007, p. 65) entende as ações táticas individuais e coletivas, respectivamente, “como o conjunto das ações individuais, com ou sem bola, realizadas por um jogador, de acordo com o modelo de jogo adotado pela sua equipe todas as ações coletivas dos jogadores da equipe, desenvolvidas de forma organizada, ordenada e uniformizada”.

Como foi visto nesta subseção, os aspectos dimensionais da lógica interna do jogo de futebol, tais como: natureza, estrutura e características do jogo, bem como as dimensões técnico-táticas, psicológicas e físicas, etc., exigidas aos jogadores para que possam adotar comportamentos inteligentes e criativos para o desenvolvimento do jogo. Veremos na próxima subseção as concepções e conhecimentos de ensino no treino no que direcione a aprendizagem dos jogadores sobre o jogo de futebol. Nesse sentido, levamos em consideração pressupostos básicos necessários no processo de ensino-treino-aprendizagem no que proporcione a garantia da aprendizagem efetiva dos jogadores.

2.3 O jogo de futebol no processo de ensino-treino-aprendizagem: pressupostos básicos necessários para a construção e concretização de um modelo de jogo

‘Os processos de treino e competição são todos diferentes. Para nós [equipe técnica] é uma questão de concepção, mas mais do que isso é uma questão de operacionalização’, ou seja, de nada serve ter boas ideias, dizer que se defende esta ou aquela metodologia, este ou aquele modelo se depois, no terreno, o processo de treino não vai de encontro a essas mesmas ideias. (MOURINHO, 2005e *apud* LOPES, 2005, p. 32-33)

É nítido e notório, pelo menos aqui no Brasil, que no plano de concepção pedagógico-metodológica do treino de futebol, ainda, existe uma carência enorme de procedimentos de ensino e treino que vise à promoção de um jogo ainda mais dinâmico e espetacular, deixando-se levar pela crença de que as habilidades e competências dos jogadores são inatas, não podendo ser treinadas e/ou desenvolvidas, ou seja, já nascemos com o “dom”. Em contrapartida, Frade (2004 *apud* LOPES, 2005, p. 4) refere que:

‘O futebol de top não é um fenômeno natural, é construído’, isto é, que o jogo de qualidade tem demasiado científico (organizado) para ser só jogo. E segundo o mesmo autor, é nos princípios e sub-princípios de jogo, vistos como uma padronização da forma como se ataca, se defende e se transita de um momento para o outro, que reside o lado científicável do futebol.

Nesse contexto, Costa *et al* (2010, p. 42) salienta que:

No âmbito metodológico do treino o futebol ainda necessita evoluir para promover um jogo ainda mais dinâmico e espetacular. Nesse sentido, a respectiva evolução passa, inevitavelmente, por uma melhoria no processo pedagógico de ensino dos aspectos técnico-táticos do jogo, [...] deve ser concebido sobre duas vertentes que se complementam: ensiná-lo com o objetivo de transmitir valores culturais e educativos, e paralelamente ensiná-lo com o propósito de provocar melhorias no desempenho.

Por outro lado, os JECs, principalmente o futebol, têm sido palco de atração dos estudiosos e investigadores, provocando com isso uma evolução ao nível dos modelos de ensino, o que, paralelamente pode-se constatar uma evolução ao nível da concepção dos exercícios de treino (SILVA, 2008). Porquanto, é no âmbito do processo de ensino-treino-aprendizagem que devemos aprofundar o nosso conhecimento, quer em base científica ou empírica, sobre os diversos fatores (organização, sistematização e estruturação do processo de treino em geral, etc.) decisivos na aprendizagem dos jogadores, que influenciarão no desempenho desportivo. Neste caso, Borba (2007) entende os fatores de aprendizagem, por organização do ambiente e as condições de prática, as condições das tarefas, a quantidade e qualidade de prática e o êxito obtido pelos praticantes.

Sendo assim, o processo de ensino-treino-aprendizagem do jogo de futebol dever-se-á está num quadro de atividades organizacionais, pelas quais carecem responder essencialmente as quatro dimensões de ensino, dado por (GUILHERME OLIVEIRA, 2004 *apud* LOPES, 2005): ensinar na dimensão do modelo de jogo (princípios e sub-princípios táticos do jogo); na dimensão dos momentos de jogo (organização ofensiva e defensiva, transição defensiva e ofensiva); na dimensão da especificidade (relacionado à concepção e percepção individual de jogo) e; na dimensão da modelação dos exercícios/tarefas (devem refletir o jogo que se quer).

Vale salientar que para ensinar esses conteúdos, paralelamente, deve-se levar em consideração os valores educativos e culturais mencionado por Costa *et al* (2010), apesar disso, centraremos o nosso foco apenas nos conhecimentos dado por Guilherme Oliveira, por enquadrar-se aos objetivos do presente estudo.

Nessa perspectiva, Marina (1995; *apud* CASARIN *et al*, 2011, p. 145):

Busca-se no processo de ensino-aprendizagem orientado pelos princípios do jogo, construir um modelo de jogo, para compreensão e resolução dos problemas próprios ao contexto do jogo, valorizar e respeitar a riqueza de ações que emergem e a capacidade do jogador de responder às suas emergências, enquanto sujeito detentor de inteligência criadora.

Nessas condições, é evidente que ao treinador já se conceba um modelo de jogo referencial para a sua prática pedagógica, contanto que este seja constituído pelos princípios táticos de jogo para melhor compreensão, por partes dos jogadores, sobre as ações e comportamentos táticos dos mesmos para que se resolvam os problemas próprios das situações de jogo; bem como, deve ser flexível e variável no que se refere às operacionalizações dos princípios de jogo, traduzindo-se assim numa variabilidade e complexidade na forma de jogo. Além disso, “deve ser compreendido como um sistema dinâmico que apresenta variabilidade para desenvolver criatividade dentro do mesmo e permitir aos potenciais talentos evoluírem para níveis de complexidade mais elevados, sem perda de identidade” (OLIVEIRA, 2004; GOMES, 2008 *apud* CASARIN *et al*, 2011, p. 143).

Ainda nesse contexto, Guilherme Oliveira (2003 *apud* CUNHA, 2007) refere que há necessidade do Departamento de Formação do clube construir um modelo de jogo próprio que atenda adequadamente à evolução dos jogadores e de forma a potencializar o seu desempenho.

Para tanto, segundo Silva (1997) o modelo de jogo procura desenvolver um processo coerente e específico de treino, preocupado em criar determinados comportamentos de jogo, orientado pelos princípios táticos nos quatro momentos de jogo: organização defensiva e ofensiva, transição defensiva e ofensiva. Além de que este constitua os comportamentos dos jogadores nas diversas variáveis, interconectadas com a dimensão tática, técnica, física e psicológica (TEODORESCU, 1984; BOTA; COLIBABA-EVULET, 2001 *apud* CASARIN *et al*, 2011).

Nessa perspectiva, reconhecendo a necessidade de os jogadores adquirirem hábitos comportamentais, para que numa equipe se construa uma forma de jogo própria (LOPES, 2005). O treino, nesse aspecto, tem grande importância para além da construção desta forma de jogo, também, para a potencialização da capacidade psicológica e condição física por parte

dos jogadores, bem como tem o potencial de melhorar o desempenho destes na tentativa de se superarem, para que no jogo esteja ao mais alto nível possível, com consistência técnica-tática (CUNHA, 2007). Sendo que, para se chegar ao formato de jogo pretendido, é necessário que se trabalhe nesse sentido (GUILHERME OLIVEIRA, 2003 *apud* CUNHA, 2007). O que, para isso, é imprescindível o ensinamento dos princípios táticos de jogo, que para Oliveira *et al* (2006 *apud* CUNHA, 2007, p. 43) “estes fazem aparecer com regularidade a coordenação coletiva e que emprestam a organização à equipe”.

No contexto dos princípios de jogo, Costa *et al* (2009) refere que na literatura especializada em futebol, existe uma variedade de denominações que menciona e caracteriza estes princípios. Pois então, os mesmos autores mencionam diferentes outros autores (ZERHOUNI, 1980; TEODORESCU, 1984; WRZOS, 1984; BAUER; UEBERLE, 1988; MOMBAERTS, 1991; BAYER, 1994; CASTELO, 1994; GARGANTA; PINTO, 1994; PERENI; DI CESARE, 1998; RAMOS, 2003; ABOUTOIH, 2006; DUPRAT, 2007) que apesar da variedade de conceitos apresentados por estes, percebe-se certa congruência das idéias acerca de três planos teóricos, os quais compreendem a organização tática dos jogadores no campo de jogo, e que são identificados: **princípios gerais** – referente às relações espaciais e numéricas entre os jogadores, nas zonas de disputa da bola; **operacionais** – relacionado aos conceitos atitudinais para as duas fases (ofensivo-defensiva) de jogo; e, **fundamentais** – referente ao conjunto de regras de base que orientam as ações dos jogadores e da equipe:

Princípios Gerais – (I) impedir a inferioridade numérica, (II) evitar a igualdade numérica e, (III) criar superioridade numérica (QUEIROZ, 1983; GARGANTA; PINTO, 1994 *apud* COSTA *et al*, 2009).

Princípios Operacionais – defensivos: (I) anular as situações de finalização, (II) recuperar a posse de bola, (III) impedir/retardar a progressão do adversário, (IV) defender a baliza e, (V) diminuir o espaço de jogo do adversário; **ofensivos:** (I) criar situações de finalização, (II) manter a posse de bola, (III) avançar pelo espaço de jogo do adversário, (IV) finalizar a baliza adversária e, (V) construir ações ofensivas.

Princípios Fundamentais – defensivos: (I) contenção, (II) cobertura defensiva, (III) equilíbrio, (IV) concentração e, por último, proposto por Costa *et al* (2009) o da (V) unidade defensiva; **ofensivos:** (I) penetração, (II), cobertura ofensiva, (III) mobilidade, (IV) espaço e, (V) unidade ofensiva. Estes últimos princípios das duas fases de jogo estão relacionados com a concepção tática de jogo e com as capacidades e competências singulares dos jogadores (COSTA *et al.*, 2009).

Nesse contexto, os princípios táticos de jogo são considerados, segundo Gomes (2008 *apud* CASARIN *et al*, 2011) como referências intencionais do treinador e dos jogadores para resolver as constantes situações problemas pertinentes do jogo nos seus quatro momentos: de organização ofensiva/defensiva e transição defensiva/ofensiva. Ainda que estes correspondam a padrões de comportamentos técnico-táticos, evidenciados nas componentes coletiva inter-setorial, setorial e individual esperados pela equipe nos diferentes momentos do jogo (OLIVEIRA, 2008 *apud* CASARIN *et al.*, 2011).

Portanto, é evidente que os princípios de jogo assumem um papel imprescindível no que se refere ao processo de ensino-treino-aprendizagem do jogo de futebol, os quais determinam as atitudes comportamentais táticas dos jogadores e da equipe, com intuito de ajudá-los na busca permanente de soluções táticas das situações problemas advindas do contexto do próprio jogo. Nesse sentido, cada equipe interpretará os princípios ao seu modo, devendo refletir no seu modelo de jogo e treino, portanto, nesse caso, denominamos de “especificidade”. Nesta linha de raciocínio, para Gomes (2008 *apud* CASARIN *et al*, 2011, p. 142) não existe um modelo de jogo único e global, porque cada clube possui uma cultura de jogo alicerçada pelas peculiaridades e que, cada treinador tem suas concepções a essa cultura.

Apesar disso, independentemente de qualquer concepção, é por meio dos princípios que, os jogadores, se direcionam em função da compreensão de jogo e do modelo de jogo preconizado para a equipe, bem como se pressupõe que os mesmos ocupem de forma racional o campo de jogo, em função das configurações instantâneas da partida [...] (HAINAUT; BENOIT, 1979 *apud* COSTA *et al.*, 2009).

Tudo isso, deve está bem claro nas concepções dos treinadores, já que são eles os que estão à frente direcionando as atitudes comportamentais, dos jogadores, no processo de ensino-treino-aprendizagem, com intuito de melhor oferecer condições, quer em nível do trato do conteúdo específico através do *feedback* pedagógico quer em nível dos exercícios/tarefas instrucionais no treino, em função do aperfeiçoamento do desempenho desportivo. Isto é, qualquer que seja a natureza das informações transmitidas e das atividades/tarefas instrucionais que emerge no treino, deve atender a um modelo coerente e específico de jogo, a forma que se quer jogar e/ou, ainda, a uma cultura de jogo construída e modificada nas relações esportivas no clube. Para tanto, veremos na próxima subseção os conhecimentos acerca das instruções, através dos *feedbacks* pedagógico, realizado pelos treinadores, quais as importâncias e objetivos de uma boa comunicação para a qualidade do resultado.

2.4 A instrução no processo de ensino-treino-aprendizagem: comunicação, *feedbacks* e natureza das tarefas instrucionais

Independente do contexto, principalmente no treino, a instrução é uma das principais funções do treinador e que a sua eficácia depende da capacidade de comunicação que este detém (MESQUITA, 1998: 56 *apud* MESQUITA, 2009). Consideramos a instrução, nesse caso, um conjunto de técnicas de intervenções pedagógicas que o treinador visa comunicar as idéias/informações, importantes para a direção e gestão de uma equipe de futebol, sendo que:

“É importante que o sistema de comunicação entre o treinador e os jogadores seja eficaz, tendo em conta que a informação transmitida fornece indicações acerca da execução de ações técnico-táticas, o que influencia o rendimento individual e coletivo” (PINA; RODRIGUES, 1994 *apud* SANTOS, 2010, p. 8).

No entanto, não basta ao treinador apenas idealizar um modelo de jogo para equipe, ou seja, é necessário que este, para além da imaginação de um modelo, saiba transmitir de forma clara e consistente as ideias que possam ser bem compreendidas tanto pelos jogadores quanto por todos que ali trabalham com ele, para os quais, desta forma, as operacionalizem de forma coerente e competente em função das metas e objetivos almejados. De acordo com o que foi dito, o treinador pode conhecer bem a modalidade, saber sobre procedimentos didático-metodológicas, pode ser um excelente observador de jogo, mas apenas isso não garante o êxito da sua atuação, uma vez que isto está intimamente dependente da comunicação com os jogadores da sua equipe (SANTOS, 2010).

Portanto, pressupomos a comunicação dos treinadores com os jogadores um fator decisivo a considerar no processo de ensino-treino-aprendizagem, pois é a partir deste comportamento que o treinador consegue relacionar-se com os jogadores, fundamental para concretização do ensino. Sendo assim, é importante que a comunicação seja eficaz no processo de ensino-treino-aprendizagem, para que, desta forma, o treinador conquiste a liderança frente à equipe, provocando desenvolvimento da auto-estima, autoconfiança e motivação, por parte dos jogadores, necessárias a um bom rendimento desportivo (SANTOS, 2010). O que, nesse caso, Pacheco (2002) salienta que a preparação dos jogadores para a competição, se faz, principalmente, através do processo de ensino e treino, e que ensinar e treinar bem exige das relações dos treinadores com os seus jogadores um estabelecimento de comunicação eficiente.

No âmbito da comunicação eficaz, é necessário que os treinadores correspondam, conforme Martens (1999 *apud* FÁRIAS, 2007, p. 21), a um conjunto de comportamentos de intervenções, como tal sugere:

Ser diretas, ou seja, direcionadas aos atletas em questão e de uma forma positiva ou negativa; assumir pessoalmente o que se quer dizer, e para isso deve-se falar na primeira pessoa; ser completas e específicas, fornecendo toda a informação necessária para que os atletas percebam o que se pretende transmitir; ser claras e sem duplo sentido, retirando a ambiguidade às instruções; separar e distinguir os fatos das opiniões; contemplar apenas uma mensagem de cada vez; ser efetuadas imediatamente a seguir à observação de algo que não se concorda; fornecer algum apoio; ser congruentes entre o domínio verbal e o não verbal.

Nesse contexto, Farias (2007) presume que a instrução surge como uma figura importante para realização do ensino, tendo como consequência a transmissão dos conteúdos, conceitos e parâmetros pedagógicos inerentes ao desenvolvimento natural dos jovens atletas. Ainda o mesmo autor diz entender que o processo de ensino-treino-aprendizagem está inevitavelmente conectado ao processo de instrução. Nesse direcionamento, existem várias maneiras dos treinadores transmitirem as informações, onde o processo de instrução pode ser vista pelos comportamentos verbais (explicação, *feedbacks*, uso de palavras-chave...) e os comportamentos não verbais (demonstração), que estão diretamente relacionados com os objetivos do processo ensino-treino-aprendizagem (MESQUITA, 2009). Ainda neste contexto, Siedentop (1991 *apud* FÁRIAS, 2007; MESQUITA, 2009) defende que a instrução tem relação com os comportamentos de ensino, os quais fazem parte dos comportamentos verbais e não verbais e que estão intimamente ligados aos objetivos da aprendizagem, fazendo-se parte do repertório do treinador para comunicar informação pedagógica aos seus jogadores.

Contudo, para além da exposição clara das informações/ideias pedagógicas sobre o conteúdo e os objetivos dos exercícios, é necessário que tenha outro elemento essencial no decorrer do mesmo, o *feedback* (LOPES, 2005), consideramos, nesse caso, o *feedback* pedagógico do conteúdo.

Nesse sentido, Rosado e Mesquita (2009 *apud* MESQUITA, 2009) apontam que o *feedback*, independente do contexto, é visto simplesmente como um elemento essencial do ensino especialmente para o treinador que está a frente de um processo de interação pedagógica. Que para Siedentop (1991 *apud* MESQUITA, 2009) o *feedback* consiste na informação dada a uma resposta, utilizada para orientar a resposta seguinte.

Considerando o *feedback*, de acordo com o seu tipo ou objetivo principal, Mesquita (2009) o enquadra da seguinte maneira:

- a) *Feedback* Descritivo (FD), quando o treinador descreve a forma como o(s) jogador(es) ou à equipe realiza(m) a ação/tarefa e pode(m) assumir a forma correta ou a incorreta;
- b) *Feedback* Prescritivo (FP), quando o treinador prescreve a forma como o(s) jogador(es) ou a equipe devem realizar a ação/tarefa ou função, podendo referir e justificar os critérios e/ou os erros a não cometer;
- c) *Feedback* de Questionamento (FQ), quando o treinador questiona o(s) jogador(es) sobre determinadas situações de caráter generalizado ou específico acerca da treino;
- d) *Feedback* de Informação Avaliativa (FIA), quando o treinador avalia o comportamento do(s) jogador(es) ou da equipe, de forma simples, não especificando pormenores sobre a avaliação. Aprovando (avaliação positiva) ou desaprovando (avaliação negativa) a ação do(s) jogador(es) e/ou a equipe.
- e) *Feedback* de Encorajamento (FE), quando o treinador encoraja o(s) jogador(es) a intensificar(em) os seus esforços e empenhamento em determinada ação.

No que foi referido, a necessidade e a pertinência do *feedback* depende, segundo Graça (1998 *apud* LOPES, 2005) das características da tarefa, bem como o estado de desenvolvimento dos jogadores, valendo-se ressaltar que dependendo dos aspectos circunstanciais, o *feedback* pode ser altamente útil, inconsequente ou até prejudicial.

Porquanto, independentemente dos vários tipos de *feedbacks* a disposição do treinador, consideramos, no nosso estudo, o *feedback* de questionamento potencialmente eficaz no que se refere ao processo de ensino-treino-aprendizagem do futebol, já que este possibilita espaço e tempo suficiente para o jogador desenvolver suas capacidades cognitivas, traduzindo-se no melhor pensamento tático e autonomia na tomada de decisão perante as situações problemas. Neste caso, corroboramos com Mesquita *et al* (2009, p. 32-33) quando dizem que “a estratégia instrucional de questionamento é considerada como crucial no processo de ensino-aprendizagem, ao possibilitar ao praticante liberdade processual na interpretação das situações-problemas”. Bem como, paralelamente, é potencializadora do desenvolvimento da inteligência tática e da autonomia nas tomadas de decisões, planos básicos para a construção da prática do jogo dinâmico (MESQUITA, 2006 *apud* MESQUITA *et al.*, 2009).

Apesar de tudo isso, é importante transmitir a informação (conteúdo do *feedback*) de forma ajustada ao nível de desempenho dos jogadores (MESQUITA, 1998 *apud* MESQUITA, 2009). Para isto, é necessário que o treinador conheça bem seus jogadores, quer em nível

pessoal (relacionado ao comportamento social/familiar) quer em nível das capacidades e competências dos mesmos, bem como o conteúdo, objetivos e especificidades do *feedback* pedagógico.

2.4.1 Natureza e enquadramento das tarefas instrucionais

Para além dos comportamentos de comunicação adotados nas relações entre o treinador e os jogadores, vistos na subseção acima, com intuito de favorecer um eficaz processo de ensino-treino-aprendizagem, é necessário que os mesmos estejam ajustados a um modelo de jogo, influenciando num modelo de ensino/treino, modelo de exercícios/tarefas instrucionais e, por fim, modelo de jogador em que se acredita.

Partindo então do pressuposto que um ‘futebol’ deve expressar um conjunto de regularidades comportamentais, dentro do universo caótico que representa o jogo, e que essas regularidades são consequências da assimilação dos princípios que caracterizam um determinado tipo de jogar, o treino será o espaço por excelência para a sua construção, porque os exercícios de treino são a ‘linguagem’ de comunicação com os jogadores. (LOPES, 2005, p. 8)

Nesse contexto, se o objetivo principal é o jogo, treinar tem que ser jogando (FARIAS, 2003 *apud* CUNHA, 2007). Para tanto, no âmbito do processo de ensino-treino-aprendizagem do jogo de futebol, as tarefas instrucionais/exercícios numa diversidade contextual, é concebida como um meio para atingir um fim, o qual reúne em si um leque de operações inerentes (FARIAS, 2007). Neste caso, podemos considerar os exercícios/tarefas de treino como atividades pedagógicas utilizadas pelos treinadores, pelas quais objetivam provocar nos seus jogadores determinados comportamentos/hábitos técnico-táticos que visem uma forma de jogo.

Nesse direcionamento, Mesquita (1998a *apud* FARIAS, 2007) destaca três definições de tarefa:

- A tarefa composta por um conjunto de estímulos e por uma série de instruções que coerentemente deve ser realizado em relação aos estímulos; as instruções apontam as ações que o sujeito deve executar respeitando os estímulos e os fins que devem ser alcançados (RIERA, 1995 *apud* FARIAS, 2007);
- A tarefa composta por uma organização conjunta de condições materiais e dos constrangimentos do envolvimento, referenciada a um objetivo previamente definido, onde a realização das condutas motoras é efetuada por um ou mais participantes (PARLEBAS, 1981 *apud* FARIAS, 2007);

- A tarefa na sua dimensão didático-metodológica, uma vez que, através desta os alunos estabelecem o contato com o currículo e sistematizam o pensamento sobre o conteúdo da aprendizagem. Integra o objetivo a ser alcançado no espaço e o respeito às condições envolventes, bem como as operações que incluem os pensamentos e as ações envolvidas para alcançar o objetivo previamente proposto (DOYLE, 1992 *apud* FARIAS, 2007).

Sendo assim, as tarefas instrucionais podem ser concebidas como procedimentos/exercícios pedagógicos associados à aquisição de conhecimentos de uma prática esportiva, tais como regras, estratégias, etc (FARIAS, 2007). Portanto, o processo de ensino-treino-aprendizagem decorre do confronto entre os jogadores com os exercícios altamente potencializadores de alterações nos seus comportamentos (FARIAS, 2007).

Nisso, de acordo com Doyle (1985) segundo Mesquita (2009) as tarefas podem ser caracterizadas através da presença dos seguintes critérios:

- Objetivos a serem atingidos;
- O conjunto de operações e os recursos disponíveis para atingir os objetivos;
- Os meios de responsabilização que indicam a importância da tarefa, para a operação global que acontece no treino.

Para tanto, ao considerar o objetivo do ensino, o próprio jogo, necessita salientar-se que, para criar as situações de ensino, segundo Garganta e Pinto (1998 *apud* CUNHA, 2007) deve-se optar pelo uso de formas fundamentais, de complexidade crescente e respeitando três elementos essenciais:

1. Relação de oposição, onde as fases de ataque e defesa se relacionam;
2. Indivisibilidade dos fatores de jogo;
3. Finalização.

No entanto, o processo de seleção dos exercícios de treino mostra ser uma tarefa fundamental do treinador, em que o direcionamento e a dinâmica na realização destes devem garantir um eficaz processo de ensino-treino-aprendizagem do jogo de futebol (SILVA, 2008). Para que isso aconteça, os exercícios/tarefas de treino que pretendem desenvolver o jogo dinâmico devem conter na sua lógica interna de realização as vertentes estruturais – regulamento, técnica, espaço, tempo, comunicação, etc., e não se distanciar da sua própria particularidade que é ou vai ser, a realidade competitiva (CARVALHAL, 2000; CASTELO, 2002 *apud* SILVA, 2008). Isto é, a equipe e os seus jogadores que se comportam de uma determinada forma de jogo, são a imagem e semelhança do que treinam (LEAL; QUINTA, 2001 *apud* CUNHA, 2007).

No entanto, Castelo (2002 *apud* SILVA, 2008) aponta o problema da conceitualização e seleção do exercício/tarefa de treino está na exigência de pressupostos orientadores, designadamente: o modelo de jogo da equipe, em função das capacidades condicionantes e coordenativas dos jogadores que estão integrados no plantel e aos seus níveis potenciais de progressão; e, programas de ação, de forma a conciliar o modelo ótimo e evoluído a atingir no futuro, com o nível momentâneo da própria equipe nessa realidade.

No processo de ensino-treino-aprendizagem o ensino do conteúdo por parte do treinador pode ser entendido através da análise do tipo de tarefas que são apresentadas, assim como o desenvolvimento do conteúdo é realizado a partir da integração de diversas formas de tarefas (MESQUITA, 2009). Rink (1993 *apud* MESQUITA, 2009) categoriza as tarefas instrucionais, tendo em conta o propósito relacionado com o desenvolvimento das competências, de tal modo que obedecem à seguinte sistematização e quadro conceitual de referência, adaptado por Mesquita 2009:

- A) Tarefas de Informação fornecem informações aos jogadores acerca do exercício a que se propõem, particularmente com a explicação dos requisitos necessários à realização da mesma onde o teor de informação é genérico. A introdução de uma nova habilidade ou de uma tarefa em fase inicial;
- B) Tarefas de Refinamento estão relacionadas com o melhoramento da qualidade das performances dos jogadores. Diz respeito à dimensão da qualidade da execução ou do uso estratégico das habilidades e focaliza-se em um desempenho específico com a apresentação de “dicas” que assistem o desenvolvimento de determinada habilidade;
- C) Tarefas de aplicação fornecem aos jogadores oportunidades para aplicar as suas capacidades em situações de jogo ou próximas deste. Concentram-se essencialmente no “como usar” o movimento em detrimento do “como fazer” o movimento. O critério aponta para a valorização do objetivo externo da tarefa;
- D) Tarefas de extensão são prolongamentos e progressões de tarefas anteriores, que colocam desafios e situações de dificuldade mais acentuada para o desempenho dos jogadores. O professor/treinador altera a complexidade/dificuldade de uma tarefa que se está a realizar.

Apesar de tudo isso, para uma boa comunicação, entre o treinador e jogadores, através do *feedback* do conteúdo pedagógico, assim como as realizações das tarefas instrucionais/exercícios para um determinado modelo de jogo, é necessário uma eficaz intervenção pedagógica do treinador. Para tanto, na próxima subseção, iremos abranger concepções e conhecimentos acerca da intervenção pedagógica do treinador.

2.5 A intervenção pedagógica do treinador sobre o conteúdo do jogo de futebol

Habituar uma equipe e os seus jogadores a determinados comportamentos, os quais possam respeitar os princípios e sub-princípios táticos pertinentes a um modelo de jogo, exige do treinador um elevado nível de Conhecimento Pedagógico do Conteúdo (CPC), neste caso o do jogo de futebol. Sendo assim, permite-lhe estruturar e organizar melhor, e com responsabilidade, todo o processo de ensino-treino-aprendizagem, utilizando um leque de atividades que lhes possibilitem definir, direcionar e modificar o processo de desenvolvimento dos jogadores (CASTELO, 1996 *apud* CUNHA, 2007), traduzindo-se numa eficaz intervenção pedagógica.

Portanto, “o conhecimento pedagógico do conteúdo [...] constitui uma categoria particular de conhecimento, emergente das transformações realizadas pelo professor, sobre os conteúdos de ensino, com o propósito de torná-los compreensíveis para os alunos” (GRAÇA, 1997 *apud* MESQUITA, 2009 p. 43).

Nessa perspectiva, estudiosos e investigadores no ensino têm sido singularmente motivados na tentativa de compreender o papel e a influência que os conhecimentos mais importantes para um ensino eficaz, detêm nos conhecimentos, processos cognitivos e ações do professor considerado especialista (BERLINER, 1988, 1994 *apud* FARIAS, 2007). Nisto, Hashweh (1987 *apud* FARIAS, 2007, p. 51) “ilumina com clareza as conexões verificadas entre o conhecimento dos professores e a sua prática de ensino, ressaltando, contudo que possuir um conhecimento vasto num determinado corpo de conhecimento não torna o professor necessariamente um perito”. Em contra partida, possuir um vasto conhecimento sobre determinada matéria fornecerá melhores hipóteses para que seja um bom profissional (FARIAS, 2007).

Nesse contexto, Shulman (1986 *apud* FARIAS, 2007) já vinha alertando à comunidade relacionada com a investigação no ensino, sobre a importância do CPC, relacionado a uma forma específica de conhecimento do professor, para o conhecimento efetivo do treinador. Neste caso, Shulman (1986 *apud* FARIAS, 2007) caracteriza o CPC como uma forma de conhecimento do professor, traduzindo-se num conhecimento da matéria para o ensino, não ficando apenas no conhecimento da matéria. Pode-se assim dizer que, o CPC é considerado uma fusão especial de conteúdo e de pedagogia unicamente pertinente dos professores, sendo modulado na sua forma especial de compreensão profissional (SHULMAN, 1987 *apud* FARIAS, 2007).

Ainda nesse âmbito, é através do raciocínio pedagógico que se torna possível transformar o conhecimento da matéria em formas que são pedagogicamente compreensíveis e adaptáveis às variações das condições e conhecimentos dos atletas (Shulman 1987 *apud* MESQUITA, 2009). Sendo que, para isto, é essencial o treinador investir cada vez mais na análise criteriosa do conteúdo do jogo, através de observações sistemática e reflexiva, no sentido de registrar os dados mais relevantes para uma posterior interpretação (SILVA, 1997), para que possa consolidar-se no processo de intervenção (CASTELO, 1994 *apud* CUNHA, 2007).

Numa forma geral de conhecimento do ensino, Shulman (1987 *apud* RAMOS; GRAÇA; NASCIMENTO, 2008) apresenta sete categorias fundamentais de conhecimento para o ensino: Conhecimento Pedagógico Geral (CPG); Conhecimento do Conteúdo (CC); Conhecimento Pedagógico do Conteúdo (CPC); Conhecimento Curricular (CCr); Conhecimento dos Alunos (CA); Conhecimento dos Contextos Educacionais (CCE); e, Conhecimento dos Fins Educacionais (CFE). Desses, considera-se o CPC o núcleo do modelo que detém o impacto maior nos comportamentos pedagógicos do professor em aula (FARIAS, 2007; MESQUITA, 2009).

Muito dos estudos na linha do ensino, utilizaram a observação sistemática de treinadores para o estabelecimento de padrões de comportamento pedagógico (FARIAS, 2007). Portanto, segundo Jones *et al* (1997 *apud* MESQUITA, 2009) tornar compreensível veridicamente e por acabado o fenômeno do treino, é imprescindível que as técnicas de observação direta seja complementada por métodos que explorem os processos de pensamento e intervenção dos treinadores.

No entanto, é nesse modo que os investigadores no ensino do contexto das atividades esportivas têm tentado colocar a descoberta a complexidade do CPC (VICKERS, 1990 *apud* MESQUITA, 2009), posteriormente se estendendo às intervenções na dimensão do treino (FARIAS, 2007).

A formulação do termo, intervenção pedagógica do conteúdo (*Pedagogical Content Interventions*), foi baseada na descrição de Shulman (1987 *apud* FARIAS, 2007; MESQUITA, 2009) do conhecimento pedagógico do conteúdo.

Com intuito de apresentar um desenvolvimento e uma aplicação dos sistemas de observação, surge o S.A.P.C.I., *The Systematic Analysis of Pedagogical Content Interventions* (Análise Sistemática das Intervenções Pedagógicas do Conteúdo) de Gilbert *et al.* (1999). Este instrumento foi construído sobre conceitos referenciais do formulário de conhecimento pedagógico do conteúdo apresentado por Shulman (1986 *apud* FARIAS, 2007; MESQUITA,

2009) e no modelo das estruturas do conhecimento para a instrução no esporte, desenvolvido por Vickers (1990 *apud* FARIAS, 2007; MESQUITA 2009). Este último buscou relacionar os métodos de ensino/treino com o conteúdo do esporte.

O S.A.P.C.I. de Gilbert *et al.* (1999) permite a recolha de dados em quatro dimensões da observação:

- “**O Quê**” – qual o conteúdo da intervenção pedagógica?;
- “**Quando**” – em que momento a intervenção é transmitida?;
- “**Como**” – de que forma e qual o objetivo é transmitida a intervenção?;
- “**Quem**” – quem é o receptor da intervenção?.

No primeiro estudo de Gilbert *et al.* (1999), focalizando a intervenção dos treinadores de jovens de hóquei no gelo, trazem as principais conclusões que podem salientar-se que:

O número de intervenções pedagógicas do conteúdo transmitidas pelos treinadores durante os jogos e treinos foi considerado baixo; as intervenções dos treinadores direcionavam, predominantemente, o conteúdo da tática coletiva da equipe, sobretudo a tática ofensiva. Todavia, nos treinos registrou-se um maior número de intervenções de natureza técnica individual; os treinadores preferiram transmitir os conteúdos, majoritariamente sob a forma de instrução em detrimento ao *feedback* e à conjugação destas duas formas combinadas. As intervenções dos treinadores eram transmitidas com maior número aos atletas em ação, do que em situação de não ação; os treinadores dirigiram preferencialmente as suas intervenções para os atletas de forma individual, depois para sub-grupos e menos frequentemente, para a equipe.

Sendo assim, para promover a aprendizagem dos jogadores durante os treinos é importante saber “o quê?”, “quando?” e “como?” transmitir conteúdos aos seus respectivos atletas (FARIAS, 2007).

Nesse cenário de investigação, Farias (2007) encontra outros estudos relacionados com o hóquei no gelo (TRUDEL; BRUNELLE, 1985; SEABORN *et al.*, 1998), com a reunião de preparação para a competição no futebol (PACHECO, 2002), no voleibol (MEIRELES; ROSA, 2003) e no treino de hóquei em patins (CRUZ, 2002).

No panorama nacional, as intervenções pedagógicas do conteúdo dos treinadores não é um tema muito discutido no meio acadêmico, trazendo dificuldades em encontrar estudos que venham dar suporte à pesquisa neste tema, principalmente os relacionados com a modalidade futebol. Porém, encontramos estudos realizados no exterior que pudessem dar suporte ao nosso estudo. Neste caso, podemos referir Farias (2007) e Mesquita *et al.* (2009) que investigaram a intervenção pedagógica do conteúdo de treinadores de futebol, nas escolinhas

e na categoria infantil, durante as sessões de treino, em função, respectivamente, da formação acadêmica especializada dos mesmos (licenciados e não licenciados em Educação Física) e da formação acadêmica em Educação Física e desporto, assim como Mesquita (2009) referente a análise da congruência entre as concepções de ensino e treino do treinador de Futebol e as suas intervenções pedagógicas sobre o conteúdo substantivo, durante o treino.

No estudo de Mesquita (2009) conclui-se que: o treinador em estudo apresenta uma intervenção pedagógica congruente com a sua concepção sobre o ensino e treino de jogo de futebol; o treinador possui um modelo de jogo claramente definido, nos seus princípios e sub-princípios de jogo para os quatro momentos do jogo, bem como realiza exercícios que potenciem o refinamento e aplicação dos mesmos; o total de intervenções pedagógicas do conteúdo foi de 528 unidades de informação nas três sessões de treino observadas, tendo uma média de 176 intervenções por treino o equivalente a três intervenções por minuto; o treinador revelou um perfil instrucional centrado no conteúdo tático; a intervenção ocorreu, sobretudo, nos momentos de ação em detrimento das situações de não ação dos jogadores; relativamente ao grau de especificidade da informação, o treinador emitiu preferencialmente informação de carácter geral, ou seja, sem especificação dos critérios de realização da tarefa; a emissão de *feedback* teve como principal objetivo prescrever a forma como os jogadores devem realizar as tarefas, seguido da descrição e do encorajamento; a informação foi dirigida, na sua maioria, aos jogadores individualmente; as tarefas instrucionais mais apresentadas pelo treinador são de refinamento seguidas das tarefas de aplicação; e, por último, há uma explicação na relação de compromisso estabelecida entre a natureza das tarefas instrucionais e o conteúdo substantivo do *feedback* pedagógico ao longo das sessões de treino, onde os conteúdos substantivos são cada vez mais de ordem tática, com a progressiva passagem de preocupações específicas de um sub-princípios de jogo (parte) para preocupações referentes a transferência e aplicação dos grandes princípios de jogo (todo) da equipe.

3 OBJETIVOS E HIPÓTESE

3.1 Objetivo geral

- Analisar a relação entre as concepções de ensino e treino no futebol com as intervenções pedagógicas no decorrer das sessões de treino.

3.2 Objetivos específicos

- Identificar a formação do treinador de futebol e a relação entre a forma de treino e o modelo de jogo defendido;
- Identificar e analisar o tipo de informação (O quê), os momentos (Quando), a especificidade e o objetivo (Como) e os receptores (A Quem) foram destinados e articulados pelo treinador nas suas intervenções pedagógicas sobre o conteúdo;
- Identificar e analisar a natureza instrucional das tarefas ao longo dos treinos observados, bem como a relação com o conteúdo substantivo do *feedback* pedagógico;
- Analisar se a natureza das tarefas instrucionais e do conteúdo substantivo do *feedback* pedagógico se altera ao longo dos treinos observados.

3.3 Hipótese

- Os treinadores de futebol possuem seus modelos de jogo claramente bem definido, além disso, existe uma relação entre as concepções de ensino e treino dos mesmos com as suas intervenções pedagógicas sobre o conteúdo ministrado.

4 MATERIAIS E MÉTODOS

4.1 Amostra

Particularidades do estudo

Treinadores- A fim de realizar este estudo, direcionamos a dois (2) treinadores do Campeonato Pernambucano da Série A com vínculo desportivo de alto rendimento.

Jogadores- Participaram neste estudo 49 jogadores profissionais masculinos, 23 da equipe I e 26 da equipe II, numa faixa etária entre 19 e 30 anos de idade.

4.2 Métodos utilizados na recolha de dados

Na realização do estudo, partimos de dois procedimentos de recolha de dados complementares:

- I. Entrevista Semiestruturada (**Anexo A**), a fim de se compreender os aspectos conceituais, situacionais e contextuais que, possivelmente, podem influenciar os comportamentos do treinador durante os treinos observados.
- II. Aplicação de um instrumento de Observação Sistemática (SAPCI), de tal forma que obtenha o perfil de intervenção pedagógica do treinador, no processo de ensino-treino-aprendizagem, sobre os conteúdos do futebol.

I. Entrevista SemiEstruturada:

Observa-se que no âmbito da prática, os sentimentos, as atitudes e as intenções são aspectos não observáveis (SMITH & CUSHION, 2006; *apud* MESQUITA, 2009). Isso implica à realização da entrevista com finalidades em perceber os elementos, como as concepções, atitudes, opiniões, crenças e valores dos treinadores, que alicerçam os comportamentos pedagógicos instrucionais para o processo de ensino-treino-aprendizagem.

A entrevista Semiestruturada foi realizada com questões abertas, previamente elaboradas, as quais permitirão os entrevistados expor suas representações referentes à metodologia e intervenção pedagógica do treino de forma clara e mais aprofundada possível. Percebe-se nesse caso, uma flexibilidade importante, pois qualquer restrição ao entrevistado pode limitar o alcance do entrevistador.

A entrevista foi gravada com o conhecimento e autorização do entrevistado. Mais adiante, a entrevista foi transcrita para o papel para ser lida e analisada novamente. Assim sendo, o investigador pode familiarizar-se com a entrevista e isolar com facilidade os conteúdos a analisar.

II. Observação Sistemática:

Para a observação sistemática da intervenção pedagógica do treinador recorreremos à filmagem em vídeo e registro áudio das sessões de treino, com o propósito principal de se poder seguir o treinador em ambiente natural de treinos, nos momentos de intervenção verbal do primeiro sobre os segundos.

O treinador foi informado sobre os objetivos do nosso estudo de uma forma geral, não sendo por nós especificada, a incidência da observação sobre as suas intervenções pedagógicas do conteúdo. Esse procedimento não teve como intuito condicionar as próprias intervenções do treinador durante os treinos. Ficou desde logo assegurado à confidencialidade das observações, bem como o seu anonimato. Os jogadores foram informados pelos treinadores de que as filmagens não tiveram um caráter avaliativo para que estes evidenciem um comportamento natural, livre de constrangimentos.

O sistema de registro foi aplicado em todos os treinos com períodos determinados pela duração do próprio treino.

Os treinadores foram submetidos ao mesmo tipo de observação durante o microciclo semanal, na medida em que o alvo das observações se desinteressasse na parte específica dos treinos desconsiderando-se as iniciais (aquecimento, mobilização) e as partes finais (relaxamento).

Para efetuarmos as gravações das sessões de treino, utilizamos o seguinte sistema: Filmadora Sony HXRMC 2500 (com um cronômetro digital integrado que permita verificar as horas, os minutos e os segundos de treino) fixa num tripé; atrelamos à câmara de vídeo um sistema áudio de longo alcance, para registarmos as instruções efetuadas pelo treinador. O sistema de gravação foi composto por um conjunto emissor/receptor sendo emissor composto por um microfone de lapela (sem fio) que foi transportado pelo treinador.

No registro das observações, optamos pelo método de registro de ocorrências, que se caracteriza pelo registro sucessivo dos comportamentos previamente definidos. Após as filmagens, procedemos à transferência do conteúdo para DVD/HD externo no sentido de facilitar o manuseio posterior do equipamento no momento da análise das observações. Os dados recolhidos foram lançados numa folha de cálculo de Excel.

Conservamos os dados no computador pessoal do pesquisador, mantendo-os em sigilo e seguros sem que haja o escapamento para terceiros sem fins académicos (pesquisa). Também, ficou desde logo a confidencialidade dos dados obtidos, bem como o anonimato dos voluntários.

4.3 Condições de realização do estudo

Antes do início da coleta de dados, este trabalho foi submetido ao Comitê de Ética de Pesquisa em Seres Humanos do Centro de Ciências da Saúde, da Universidade Federal de Pernambuco – CEPESH/CCS/UFPE – em 03/11/2014. Após aprovação do trabalho (02/12/2014) assegurado pelo CAAE: 38646014.7.0000.5208 (Anexo C) - foram enviados convites aos treinadores informando-os sobre a pesquisa na sua forma geral convidando-os para a participação voluntária. Neste período encontramos dois treinadores que voluntariamente decidiram participar.

Portanto, já na visita aos clubes comunicamos aos treinadores o propósito da pesquisa, cujo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi lido e, por fim, assinado.

Para tanto, a coleta dos dados decorreu durante o período competitivo do campeonato estadual da 1ª divisão entre os dias 23 e 26 de Dezembro de 2014, 16 e 19 de Fevereiro de 2015. A entrevista foi realizada após a primeira sessão de treino semanal, configurando um micro-ciclo semanal.

Para este estudo foi alvo de análise, as três sessões intermediárias do referido micro-ciclo. Esta opção, apresentada por Mesquita (2009), prende-se ao fato de se situarem no centro do micro-ciclo, estando para isto menos contaminado pelos treinos que sucedem à competição anterior e à seguinte, configuração particular que deve ser considerada na análise.

Era esperado que a combinação entre a informação proveniente da entrevista produzisse informação qualitativa que ajudasse a verificar os resultados obtidos através da análise quantitativa (POTRAC *et al*, 2002; SMITH; CUSHION, 2006 *apud* MESQUITA, 2009).

Para participação da pesquisa, utilizamos os critérios de inclusão/exclusão, respectivamente: os treinadores deveriam estar vinculado com o clube correspondente ao time profissional, com participação da Série A do Campeonato Pernambucano 2014/15, e terem no mínimo 3 anos na profissão; Exclusão: Treinadores amadores, que não fazem parte de clubes da serie A não foram estudados.

4.4 Instrumentos utilizados na coleta dos dados

1) Entrevista Semiestruturada

A entrevista orientadora abrange as categorias comportamentais do modelo de jogo defendido pelo treinador de futebol e na sua intervenção pedagógica no processo de ensino-treino-aprendizagem.

2) Observação Sistemática

O sistema de observação adotado permite definir um perfil geral dos comportamentos mais frequentes do treinador durante o processo de ensino-treino-aprendizagem. Neste sentido utilizamos o instrumento de observação para uma análise em duas grandes áreas: a intervenção pedagógica do conteúdo e a natureza das tarefas instrucionais.

Na primeira área do instrumento analisamos a intervenção pedagógica do conteúdo com base no protocolo desenvolvido por Gilbert *et al.* (1999) o S.A.P.C.I., do Inglês The Systematic Analysis Of Pedagogical Content Interventions (Análise Sistemática das Intervenções Pedagógicas do Conteúdo). Esse instrumento foi construído para a modalidade de hóquei no gelo, assentando sobre referências conceituais no formulário de conhecimento pedagógico do conteúdo apresentado por Shulman (1986 *apud* MESQUITA, 2009) e no modelo das estruturas do conhecimento para a instrução no desporto, desenvolvido por Vickers (1990 *apud* MESQUITA, 2009). Permite a recolha de dados em quatro dimensões relativo às intervenções pedagógicas substantivas do treinador:

-“**O Quê**” – qual o conteúdo da intervenção?;

-“**Quando**” – em que momento a intervenção é transmitida?;

-“**Como**” – de que forma e qual o objetivo a intervenção é transmitida?;

-“**A Quem**” – quem é o receptor da intervenção?.

A validação do referido instrumento para a modalidade de Futebol foi realizado por Mesquita *et al* (2009).

Procedemos à descrição do protocolo desenvolvido por Gilbert *et al* (1999) o S.A.P.C.I.:

1ª Dimensão: “O Quê”

É usado para registrar o conteúdo das intervenções pedagógicas substantivas dos treinadores (GILBERT *et al.*, 1999). Para além deste autor, outros conteúdos foram adotados com base em Silva (1997) e Pacheco (2001, *apud* MESQUITA, 2009).

Técnica: são todas as habilidades fundamentais necessárias para o desenrolar do jogo.

Tática individual: é o conjunto das ações individuais, com ou sem bola, realizadas por um jogador, de acordo com o modelo de jogo adotado pela sua equipe, no sentido de perseguir os objetivos do jogo, quer na fase de ataque quer na fase de defesa.

Tática Coletiva: são todas as ações coletivas dos jogadores da equipe, desenvolvidas de forma organizada, ordenada e uniformizada e que se processam em funções dos objetivos e momentos de jogo da equipe.

Categoria Energético-Funcional- são todas as informações verbais transmitidas pelo treinador focalizadas no desempenho físico, quer do ponto de vista do tipo de esforço solicitado, quer das capacidades motoras mobilizadas do atleta e da equipe.

Regras: Violações – ato representado pela infração às normas inerentes ao funcionamento leal do jogo.

Faltas – ações ilegais cometidas, que são sancionadas pelos árbitros (agarrar, empurrar, rasteirar, obstruir, etc.).

Situações Neutras: situações que implicam uma quebra do ritmo de jogo, devido às disputas menos coerentes da posse de bola (bola dividida/confusão).

2ª Dimensão: “Quando”

É a segunda dimensão do instrumento do S.A.P.C.I. e refere o momento em que a intervenção é transmitida. É constituída por duas variáveis e não foram efetuadas adaptações em relação ao protocolo original de Gilbert *et al* (1999).

Em ação: quando o atleta se encontra diretamente envolvido na ação do jogo.

Não está em ação: quando o atleta não se encontra diretamente envolvido na ação do jogo.

3ª Dimensão: “Como”

Refere à forma como é transmitida a intervenção (GILBERT *et al*, 1999). Esta dimensão sofreu uma adaptação por MESQUITA *et al* (2009) em relação ao protocolo inicial principalmente na categoria feedback onde não foram consideradas a afetividade positiva e negativa.

1. Especificidade da instrução emitida no feedback

Geral – intervenção verbal pedagógica do conteúdo transmitida ao(s) atleta(s) pelo treinador, que não inclui a ação específica de como executar a habilidade ou estratégia ou jogar de acordo com as regras. Pretende indicar ao (s) atleta (s) a realização de uma tarefa mais abrangente sem focalizar os critérios de êxito a atingir (ex.: Deves deslocar-te para frente).

Específica – intervenção verbal pedagógica do conteúdo transmitida ao(s) atleta(s) pelo treinador, que inclui a explicação específica de como executar a habilidade ou estratégia ou jogar de acordo com as regras. Para este estudo consideramos como instrução específica, as intervenções verbais dos treinadores focalizadas nos critérios de êxito das diferentes componentes pertencentes à dimensão “O Quê” (ex.: Deves deslocar-te para a frente de forma a saíres da marcação do defensor fornecendo uma linha de passe).

2. Objetivo da informação do Feedback

Feedback Descritivo (FD) – o treinador relata ao (s) jogador (es) ou a equipe a forma como este (s) realizaram a tarefa (ex.: Executaste o passe pelo chão).

Feedback Prescritivo (FP) – o treinador informa ao (s) jogador (es) ou a equipe a forma de realização da tarefa ou função, podendo referir e justificar os critérios e/ou os erros a não cometer (ex.: Quero que conduzas a bola com sola da chuteira).

Feedback de Questionamento (FQ) – o treinador formula questões relacionadas com situações de caráter generalizado do jogo. (ex.: É dessa forma que o passe deve ser feito?).

Feedback de Informação Avaliativa Positiva (FIAP) – O treinador avalia a prestação do (s) jogador (es) ou da equipe. A expressão utilizada é positiva e reflete uma aprovação (ex.: Está ótimo!).

Feedback de Informação Avaliativa Negativa (FIAN) – O treinador avalia a prestação do(s) jogador (es) ou da equipe. A expressão utilizada é negativa e reflete uma desaprovação (ex.: cada vez está pior!).

Feedback de Encorajamento (FE) – O treinador encoraja o(s) jogador(es) levando-o(s) a intensificar os seus esforços e empenhamento em determinada ação (ex.: Vamos lá!).

4ª Dimensão: “ A Quem”

É a quarta dimensão da primeira área do instrumento de observação e refere quem é o receptor da intervenção. Mesquita (2009) adaptou esta dimensão à modalidade de futebol uma vez que no protocolo original do S.A.P.C.I. os códigos estavam direcionados para o hóquei no gelo. A componente está dividida em 3 códigos.

Individual – é a intervenção do treinador transmitida a um só jogador: Goleiro, lateral direito/esquerdo, zagueiro direito/esquerdo, volante, meio campista, ponta direita/esquerda e centroavante.

Subgrupo – é a intervenção do treinador transmitida a um só jogador: Goleiros, laterais, zagueiros, volantes, meio campistas, pontas e centroavantes.

Equipe – é a intervenção do treinador transmitida para todos os jogadores da equipe.

“Natureza das tarefas instrucionais”

Esta dimensão é constituída por quatro códigos. Os tipos de tarefas instrucionais adotados são baseados na classificação de Rink (1993 *apud* MESQUITA, 2009).

Informação – fornece informações aos jogadores acerca da tarefa a que se propõem, particularmente com a explicação dos requisitos necessários à tarefa.

A introdução de uma nova habilidade ou de uma tarefa em fase inicial.

Refinamento – relacionada com o melhoramento da qualidade das performances dos jogadores. Diz respeito à dimensão da qualidade da performance, providencia a focalização numa atuação específica com a apresentação de dicas que assistem o desenvolvimento de determinada habilidade.

Aplicação – fornece aos jogadores oportunidades para aplicarem as suas capacidades em situações de jogo. Focaliza-se essencialmente no “como usar” o movimento em detrimento do “como fazer” o movimento.

Extensão – é um prolongamento e uma progressão relativos a tarefas anteriores, que coloca aos jogadores desafios e situações de maior dificuldade. O treinador altera a complexidade/dificuldade de uma tarefa que se está a realizar.

4.5 Análises de dados

1. Entrevista Semi-Estruturada

- Análise do conteúdo
- Unidades de codificação construídas a partir da interpretação lógico-semântica do conteúdo informativo

2. Observação Sistemática

Para análise da intervenção pedagógica sobre o conteúdo, no referente à dimensão de análise e respectivas categorias consideradas, recorre-se à estatística descritiva: frequências, médias e percentagens de ocorrência.

No final estabelecerá a triangulação de dados pelo confronto entre as concepções do treinador acerca do ensino e treino do Futebol e a intervenção pedagógica sobre o conteúdo nas sessões de treino observadas.

5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção iremos apresentar os resultados obtidos durante a pesquisa, assim como colocá-los em discussão com os resultados de outros estudos semelhantes ao nosso.

5.1 Análises da intervenção pedagógica do conteúdo

Nesta subseção apresentamos os resultados e discussões acerca da intervenção pedagógica dos treinadores de forma separada, sem quaisquer comparações entre si.

A concepção de ensino e treino do jogo de futebol

TREINADOR I (Graduado em Educação Física)

De acordo com o treinador I, a sua equipe deve jogar “**aproximando as linhas de jogo**”, buscando sempre a compactação tática, e “**não deixar as linhas de jogo ficar muito distanciada [...] uma da outra**”. Reforça, ainda a ideia afirmando que isto é “**pra que em momento em que a gente estiver atacando, vá compacto, momento em que estiver defendendo esteja compacto**”. Ainda que nessa forma de jogo, no “**momento em que a gente está sendo atacado [...] pelo adversário [...] eu procuro reduzir bastante o espaço do adversário**”, e, ao mesmo tempo, “**quando eu tenho a posse de bola eu procuro sair rápido no contra-ataque pra tentar surpreender o adversário**”. Evidentemente, a ideia de jogo defendido pelo treinador I, apresenta-se de forma clara e bem objetiva, subtendendo que para o mesmo a compactação das linhas táticas é um fator decisivo para uma qualidade de jogo a ser compreendida pelos jogadores.

Nesse sentido, para o treinador modular suas próprias ideias de jogo, bem como operacionalizá-las de tal forma que os jogadores comecem a incorporá-las, requer, segundo Araújo (1994 *apud* COSTA, 2005), necessariamente os conhecimentos inerentes à tática, à técnica e à preparação condicional na modalidade desportiva em que se especialize, assim como deve dominar conhecimentos da pedagogia e metodologia de ensino e a necessidade expressa de ser um especialista no estimular o interesse e a motivação dos que com ele aprendem e treinam.

Compreende-se que para a operacionalização das ações técnico-táticas dentro de uma determinada forma de jogar, o modelo de jogo deve responder a um conjunto de princípios específicos (MESQUITA, 2009), onde o treinador I defende que o trabalho é realizado,

muitas vezes, **“em cima de repetição”** e, reforçando, **“quanto mais você repetir, quanto mais você ensaiar, quanto mais você trabalhar [...] as chances são maiores de dar certo no jogo”**. Ainda não conformado, diz que trabalha **“individualmente a função de cada um [...] de forma separada em determinados trabalhos pra que cada um vá melhorando na sua função”** para depois **“a gente coloca[r] em prática já no coletivo”**.

Dessa forma, observa-se que a proposta pedagógico-metodológica adotada pelo treinador está estritamente relacionada com as concepções convencionais por ser de fácil compreensão, organização e aplicação quando comparadas à organização tática do futebol por necessitar de mais tempo, perspicácia e criatividade (BANGSBO, 1994) ainda que, a metodologia possibilita pouca compreensão do jogar em equipe que o futebol demanda, já que o exercitar-se prevalece em detrimento do jogar-se (VICKERS, 2000; GRIFFIN; BUTLER, 2005 *apud* CASARIN *et al*, 2011).

Podemos entender, pelas palavras do treinador, que através de comportamentos repetitivos dos princípios técnico-táticos é possível melhorar a compreensão da qualidade de jogo. Sendo assim, são nas situações, em que os atletas se encontram repetindo/exercitando tais ações técnicas-táticas, as oportunidades de intervenção adequada e apropriada.

Entretanto, nas palavras do treinador I **“uma equipe se não for organizada, se não for bem estruturada, não adianta a qualidade do jogador porque ele vai ficar correndo em vão”** e, **“tem que ser um time organizado [...] tem que ser um time que se preocupa em fazer o gol, mas ao mesmo tempo se preocupa em não deixar o adversário fazer o gol na gente”**. Sendo que, para a compreensão do próprio modelo de jogo, é necessário, também, que os jogadores **“tenham a inteligência de assimilar aquilo que é passado pra ele”**. Dentro dessa perspectiva, Farias (2007) salienta que a aprendizagem dos atletas ocorre de forma individual, logo que o nível desta pode ser influenciado de forma decisiva a depender da capacidade e competência do treinador em estruturar o processo pedagógico.

Ainda no contexto, o treinador I acrescenta que o trabalho é realizado visando as **“dificuldades em que vou encontrar no jogo [...] é claro que cada jogo o adversário tem uma forma de jogar, então eu tenho que tá baseando meu trabalho em cima disso”**. Neste sentido, Balbino (2001) aponta que para ensinar jogos esportivos coletivos, dos quais o futebol faz parte, a visão que valoriza apenas o ensinamento dos gestos e desempenho físico deve ser superada, e que crie ambientes que estimulem os potenciais de resoluções de problemas táticos e de comportamento moral [...].

Nesse caso, o treinador utiliza os problemas do jogo como referência a considerar na construção do próprio modelo de ensino no treino. Ainda que, nesse sentido, podemos

considerar que o treino é o mais específico possível quando se refere às situações problemas advindas do jogo e sua forma de jogar.

Em nível de treino, o treinador I diz que as atividades **“tem que ser passada todos os dias”**, onde a realização de exercícios que **“nós fazemos nos treinamentos [...] com certeza [...] são movimentos que eles [os jogadores] vão ter, vão precisar no jogo”**. Portanto, **“se ele praticou aquilo ali no treinamento com certeza no jogo ele vai ter facilidade em executar aquilo que a gente pede pra eles”**. Nesse caso, pressupõe-se que o treinador considera o exercício um fator potencial que influencia positivamente nas capacidades e habilidades dos atletas, para que eles possam executar as ações com mais facilidades durante o jogo, ou seja, realizar a transferência de aprendizagem do treino para o jogo.

Evidentemente, o treinador I utiliza diferentes métodos e procedimentos de treino para a operacionalização das idéias de jogo que possibilite aos jogadores se desenvolverem acerca do modelo pretendido, isto é visto quando o próprio diz: ora trabalha **“individualmente a função de cada um [...] de forma separada em determinados trabalhos pra que cada um vá melhorando na sua função”** para depois **“a gente coloca [r] em prática já no coletivo”**, e; ora o trabalho é realizado visando as **“dificuldades em que vou encontrar no jogo [...] é claro que cada jogo o adversário tem uma forma de jogar, então eu tenho que tá baseando meu trabalho em cima disso”**.

Mais adiante, segundo o treinador I é importante intervir **“em todo o processo”**, pois a intervenção antes dos treinamentos serve para **“planeja [r] aquilo que vai colocar em campo”**, já durante o treino serve para **“corrigir aquilo que não deu certo”** e, para depois **“fazer uma análise e ver se há necessidade de mudança”**, e que para ele, não existe uma abordagem específica, pois deve estar **“mudando sempre”** já que existem diversas situações que influenciarão na abordagem. Tudo isso indica que fornecer informações pedagógicas pode ser um princípio fundamental a respeitar no ensino das competências técnico-táticas e na orientação dos atletas (FARIAS, 2007).

Ainda nesse contexto, deve-se existir uma preocupação na estruturação, sistematização e modificação de situações da aprendizagem, que possa proporcionar ou facilitar a própria aprendizagem (SILVERMAN, 1994 *apud* FARIAS, 2007). Com isso, as situações são vista como momentos oportunos para a transmissão das informações, tendo como referência três momentos: 1) momentos que antecedem a prática, recorrendo-se as explicações e demonstrações; 2) momentos durante a prática, através da emissão de *feedback*, e; 3) momentos após a prática, análise reflexiva referente a prática desenvolvida (SIENDETOP, 1991 *apud* FARIAS, 2007).

Pelo que foi dito, o treinador I considera o jogo a referência que modula o processo de treino, cabendo a ele identificar tais situações problema, advindas do jogo para com elas modular o processo de ensino-treino-aprendizagem.

Para o treinador I existem diferentes concepções acerca do processo de ensino e treino no que se refere a levar os jogadores a desenvolver determinados comportamentos técnico-táticos. Sendo assim, o treinador, em questão, discorda com as idéias estratégicas de ensino-aprendizagem/treino designado pela, como refere José Mourinho (OLIVEIRA, 2006 *apud* MESQUITA, 2009), “descoberta guiada” que visa à dúvida como o direcionamento de todo o processo, incorporando nos jogadores a necessidade de procurarem ativamente uma solução, a partir de um processo de investigação e descoberta (ROSADO; MESQUITA, 2009 *apud* MESQUITA, 2009).

Nessa perspectiva, o treinador I diz que **“cada um [treinador] tem uma visão [...], ninguém pode dizer que a visão de um tá ultrapassada, ou que a visão de outro é a visão certa”**, ainda que **“se você analisar direitinho, cada autor vai ter uma visão diferente, uma da outra, cada um vai ter a sua utilidade”**. Entretanto, observa-se que o treinador I diverge com as ideias da “descoberta guiada” como procedimentos e/ou meios de atingir os objetivos traçados para a equipe, no que se refere às operacionalizações das ideias no processo de ensino-treino-aprendizagem e de suas formas de jogar. No entanto, o treinador I acredita **“que o objetivo dos trabalhos, a intensidade dos trabalhos, é que faz com que você consiga seus objetivos”**, para isso **“eu procuro prescrever [as tarefas/ações] [...] que a gente quer”** que os jogadores realizem, portanto o trabalho deve recorrer a **“repetição, como falei em perguntas anteriores, é tá sempre repetindo”**, isso **“pra que no jogo a única oportunidade que ele tiver”** (o jogador) possa concluir com exatidão e efetividade a ação desejada, quer seja ação defensiva ou ação ofensiva.

Face ao que foi dito, para os jogadores adotarem comportamentos técnico-táticos altamente satisfatórios, entende-se que a pertinência da intervenção do treinador I é conferida a partir de repetições dos fundamentos como estratégias regulares, concebidas no processo de ensino-treino aprendizagem, para chegar a tal ponto.

Com tudo isso, ainda, o treinador I deixa claro sobre sua concepção, afirmando que a visão adotada por ele **“é uma visão individual”** e, além disso, **“não estou dizendo que minha visão é a visão certa, mas eu procuro colocar em prática aquilo que acho”**, pois tudo isso tenho adquirido a partir da **“minha vivência no futebol”** mais a formação acadêmica.

Na comunicação com os jogadores, **“eu procuro ter uma comunicação mais clara possível”** a tal ponto que **“o jogador assimile aquilo que você quer que ele faça dentro da partida”**. Tendo em vista que existem diferentes níveis de escolaridades dos jogadores, nesse caso refletindo nos diferentes ritmos de aprendizagem, na realidade do futebol, **“quando você trabalha com jogadores de um ‘nível intelectual’ mais avançado, você pode botar mensagens mais difíceis, mais requintadas”**. Todavia, **“quando você trabalha com [...] jogadores que muitas vezes não concluiu estudos, [...] você tem que ter uma linguagem prática”**, não obstante **“não adianta [...] falar em fisiologia, não adianta [...] falar em processo de aprendizagem da parte cognitiva que eles não vão entender”**.

TREINADOR II (Não graduado)

Nas palavras do treinador II, o seu modelo de jogo se caracteriza pelo **“equilíbrio das ações ofensivas e defensivas [...] respeitando as características individuais dos jogadores”**, não sendo por ele explicado detalhadamente, ainda afirma que se preocupa em **“idealizar treino que leve o jogador a desempenhar funções”**. Funções essas, por exemplo, **“é a função dos meias quando precisamos deles para fazer ligação entre a defesa e o ataque”**. Sendo assim, **“é de fundamental importância o entendimento entre o setor de meio campo, tanto do setor defensivo como do setor ofensivo”**, referente à zona de campo onde os meias atuam, quer seja os mais recuados (meias defensivos) ou os mais avançados (meias ofensivos), por isso o **“trabalho deles é fundamental para essa transição acontecer com sucesso”**.

Pelo que foi dito, o treinador II possui uma idéia pouco clara de jogo, apontando os princípios e características adotados pela equipe, como a distribuição dos jogadores em campo, para tal, cada jogador deve assumir suas funções específicas, correspondente às zonas de atuação, dentro de suas possibilidades.

Nesse contexto, Castelo (1994 *apud* COSTA *et al*, 2009), salienta que cada jogador para além da tomada consciente da superfície do campo de jogo, dos seus limites e das suas funções específicas de base, é necessário que conheça igualmente as missões dos seus companheiros e se prepare para ajudá-los em quaisquer situações de jogo, apoiando ou assumindo as suas funções.

Para isso, Araújo (1994 *apud* COSTA, 2005) afirma que **“o treinador deve ter um conhecimento multidisciplinar, tornando-se, evidentemente, imprescindíveis os**

conhecimentos inerentes à tática, à técnica e à preparação condicional na modalidade desportiva em que se especialize, bem como o domínio da pedagogia e metodologia de ensino e a necessidade expressa de ser um especialista em estimular o interesse e a motivação dos que consigo aprendem e treinam”.

Entende-se que para operacionalizar as ações táticas dentro de uma forma de jogo, o modelo de jogo deve estar estruturado num conjunto de princípios específicos (Mesquita, 2009). Para isso, o treinador diz que procura **“sempre verbalizar as ideias para o modelo de jogo e praticá-las em treino”**, ainda que **“me preocupo em idealizar treino que leve o jogador a desempenhar funções”**, como se referiu anteriormente. Reforça a ideia dizendo que costuma **“conversar com os jogadores dentro dos vestiários, antes de treinos e jogos”** e que **“é muito importante passar para os jogadores aquilo que penso”**, e ainda **“eu utilizo sempre palestras e preleções antes de treinos e jogos, pra deixá-los unidos de informações acerca do que se pretende para o jogo que se segue”**.

Face ao que foi dito, compreende-se que, nas palavras do treinador II, apenas através de transmissões das informações dos conteúdos no que se refere aos princípios técnico-táticos em momentos específicos como nas preleções, conversas no vestiário antes dos treinos e jogos, bem como a vivência das idéias em campo por parte dos jogadores, é que possibilita uma melhor compreensão da qualidade de jogo pretendida, sendo estas as oportunidades para intervenção adequada e apropriada.

Não obstante, para o treinador II, o modelo de jogo deve respeitar **“sempre a organização coletiva, [...] porque no futebol uma equipe não é feita com um ou dois atletas, mas sim o coletivo”**, ainda que este modelo permita que a **“criatividade individual esteja inserida dentro de um contexto coletivo”**. Sendo que para adotar tal modelo, o treinador II diz que realiza o trabalho pedagógico **“de forma a levar o atleta de cada posição para desenvolver a função e, praticar na sua perfeição”** e que para ele **“o trabalho específico é um dos fatores que constitui a qualidade do jogo”**. Assim sendo, subtende que o treinador II pressupõe o modelo de jogo criado na sua dimensão coletiva, uma preocupação sempre na perspectiva de ensinar tais conhecimentos que provoquem nos atletas a compreensão de suas funções específicas em prol do respectivo modelo coletivo.

Nesse contexto, Silva (1997) pressupõe que o modelo de jogo tende a desenvolver um processo coerente e específico de treino, propositalmente relacionado à construção de uma determinada forma de jogar, alicerçadas num conjunto de princípios táticos de jogo em seus quatro momentos (organização defensiva e ofensiva, transição defensiva e ofensiva).

Ainda nesse contexto, o treinador II operacionaliza as ideias do modelo de jogo através do considerado treino específico, que para ele o treino é o mais específico possível quando se refere ao **“trabalho defensivo”**, trabalho de transição defensivo/ofensiva que os jogadores joguem **“tanto desarmando como armando”** e, também, trabalho com **“jogadores que jogam na área ofensiva do campo”**. Além disso, o treinador declara/afirma que, o trabalho **“de cruzamento, de cabeceamento, de passe”** e, acrescentando nesse caso, o de **“[finalização]”**, **“tudo isso é trabalho específico”**.

Nesse sentido, o treinador II organiza o treino de forma sistematizada e estruturada a partir das separações (das zonas do campo) por divisões das superfícies/zonas do campo, para cada qual aponta as ações (comportamentos táticos) específicas correspondentes (levantadas no parágrafo anterior) a serem trabalhadas. Ainda que, nesse direcionamento, podemos considerar que o treino é o mais específico possível quando se refere aos trabalhos que busca desenvolver as habilidades técnico-táticas inerentes a modalidade e a sua forma de jogar.

Em nível de treino, o treinador II não apresenta uma ideia clara no que se refere aos exercícios realizados no treino para a potencialização das capacidades técnico-táticas dos jogadores, porém, o mesmo, como cita anteriormente, diz que se preocupa em **“idealizar treino que leve o jogador a desempenhar funções”**. Além disso, compreende-se que o treinador II utiliza recorte de situações reais de jogo, denominado método situacional, para sua intervenção durante os exercícios, isso só é possível ser visto quando o mesmo declara que trabalha especificamente situações de **“cruzamento, de cabeceamento, de passe, [...] [finalização]”**, já que considera que **“tudo isso é trabalho específico”**.

Pelo que foi dito, o treinador II considera o jogo a referência moduladora do processo de treino, sendo que para isso, pressupõe-se que o mesmo realiza “recortes do jogo” na realização do treino, isto é para a operacionalização dos fundamentos técnico-táticos.

Em relação à intervenção pedagógica acerca do conteúdo através de *feedback*, o treinador II considera que não há momentos específicos para intervir, no entanto **“todos os momentos são oportunos”**. Contando que **“o antes [de treinos/jogos], é exatamente o momento em que você tá transmitindo, passando todas as informações possíveis”** no que se refere aos conteúdos pedagógicos. Por outro lado, o mesmo considera que **“durante [...], é o processo”** e após o treino **“é exatamente, a preparação para continuação”** tendo em vista que **“existe uma continuidade”**. Ou seja, para ele, apesar de considerar que todos os momentos têm espaço e tempo para intervenção pedagógica, desconsidera todos os momentos, com exceção durante o treino, como elementos chave que constituem todo o processo de ensino-aprendizagem do futebol.

Da mesma forma que o treinador I, Farias (2007) refere-se que o fornecimento de informações pedagógicas, possivelmente são princípios fundamentais que devem ser respeitados no processo de ensino das competências técnico-táticas e na orientação dos atletas.

Assim como o treinador I, o treinador II considera que existem diferentes concepções acerca dos processos de treino que proporcionem aos jogadores o desenvolvimento das competências técnico-táticas. Sendo assim, o treinador II, em questão, discorda com as idéias estratégico-metodológicas de ensino-treino-aprendizagem designado pela “descoberta guiada” de Mourinho (OLIVEIRA, 2006 *apud* MESQUITA, 2009), que visa à dúvida o direcionamento de todo o processo, incorporando nos jogadores a necessidade de procurarem ativamente uma solução, a partir de um processo de investigação e descoberta (ROSADO; MESQUITA, 2009 *apud* MESQUITA, 2009).

Nesse contexto, o treinador II confirma que **“a questão da descoberta guiada é uma idéia particular”**, no entanto ele discorda afirmando que **“ela é muito vaga, [...] muito solta, [...] deixa muitas brechas, aí como não é fundamentada [...] em algo que nos dê segurança”**. Sendo assim, quase não utiliza este tipo de concepção de ensino. Entretanto, observa-se que o treinador II diverge com as ideias da “descoberta guiada” como procedimentos e/ou meios de atingir os objetivos traçados para a equipe, no que se refere às operacionalizações das ideias no processo de ensino-treino-aprendizagem e de suas formas de jogar. Por outro lado, o mesmo dar importância a exercícios de **“treino que leve o jogador a desempenhar funções”**, que na realização do exercício quaisquer tipos de *feedbacks* pedagógicos **“têm a sua importância”**, porém, **“eu gosto muito da avaliação positiva e negativa e, também, de encorajamento”**, só assim se consegue **“o desenvolvimento de um bom trabalho”**.

Face ao que foi dito, para os jogadores adotarem comportamentos técnico-táticos altamente satisfatórios, entende-se que a pertinência da intervenção do treinador II é conferida pela situação de jogo, retirando “recortes do jogo” para a implementação no treino e proporcionando aos jogadores compreensão e entendimento do contexto.

Na comunicação com os jogadores, o treinador II se diz prezar **“muito pela comunicação”**, pois entende que **“o jogador deve saber as pretensões do treinador acerca do treino”**, já que **“é do treino [...] que se vai levar para o jogo todas as pretensões do treinador”**. Portanto, qualquer que seja a natureza das informações pedagógicas, o treinador considera que **“o jogador tem que entender na perfeição quais são as pretensões [...], a idéia real, [...] o projeto ou pelo menos a estratégia pra o jogo que se segue”**.

5.2 Análise da relação entre a concepção e a intervenção pedagógica dos treinadores

TREINADOR I e II

O número total de unidades de informação centradas nas intervenções do **Treinador I (T I)** foi de 503 *feedbacks*, durante os três treinos observados num total de 174 minutos.

Nesse caso, para a totalidade da amostra, verificamos uma ocorrência média de 3 intervenções por minuto. Contudo, como o tempo das sessões de treino foi variado: treino 1 (T1TI) com duração de 82 minutos; treino 2 (T2TI) com 59 minutos; e, treino 3 (T3TI) com 33 minutos.

Por outro lado, o número total de unidades de informação centradas nas intervenções do **Treinador II (T II)** foi de 416 *feedbacks*, nos treinos, de número 1 e 3, observados, com um total de 144 minutos nos três treinos. Porém, o treino de número 2, ministrado pelo preparador físico, propôs o trabalho físico para o desenvolvimento da força de resistência muscular localizada, nesse caso, as informações foram registradas, mas não serão levadas em consideração neste estudo, portanto, serão digitalizadas apenas para conferências.

Com isso, para a totalidade da amostra, verificamos uma ocorrência média de 3 intervenções por minuto. Portanto, como o tempo das sessões de treino foi variável: treino 1 (T1TII) com duração de 46 minutos; treino 2 (T2TII) com 47 minutos; e, treino 3 (T3TII) com 51 minutos.

Dimensão “O Quê”

Nas tabelas 1 e 2 apresentamos os dados descritivos gerais relativos à média e à percentagem de unidades de informação sobre a dimensão “O Quê” do nosso estudo, ou seja, em relação aos conteúdos dos *feedbacks* pedagógicos transmitidos pelo Treinador I e II, respectivamente.

TREINADOR I

Tabela 1 – Dados descritivos gerais relativos à dimensão “O Quê” T I

SAPCI	T1TI	T2TI	T3TI	N=503	%	Média
Técnica	41	15	13	69	13,7	23
Tática individual	107	54	35	196	38,9	68
Tática coletiva	83	75	51	209	41,6	67
C. Energético funcional	1	0	1	2	0,4	1
Regras	10	2	3	15	3	5
Situações neutras	9	2	1	12	2,4	4

Nota: Elaborado pelo autor com formato adaptado de MESQUITA (2009) e dados coletados durante a pesquisa.

Com a leitura da tabela 1 é possível constatar que a tática coletiva (41,6%) e individual (38,9%) são as categorias que manifesta mais intervenções do T I no total dos registros. Em seguida, a técnica com 13,7% surge num plano posterior. Verificamos uma tendência de se privilegiar intervenções de caráter tático coletivo e individuais em relação à intervenção de caráter técnico por parte do treinador.

Assim como os resultados encontrados neste estudo, Pacheco (2002) e Mesquita (2009) no futebol, Gilbert *et al.* (1999) no hóquei no gelo e Meireles e Rosa (2003) no voleibol, as intervenções de caráter tático foram em maiores números do que as demais observações. Os resultados desses estudos, coincidentemente, podem ser evidenciados pelo fato dos estudos serem realizados, sobretudo, na categoria adulta. Nesse caso, pressupomos que os treinadores não direcionam as suas intervenções preocupadas com o aperfeiçoamento técnico-físico dos atletas, uma vez que consideramos que estes já possuem acervo motor compatibilizado com as exigências mínimas para aplicação da tática no futebol. Ainda que, quanto mais elevada à categoria é, mais as intervenções pedagógicas são transmitidas com maior preocupação nas informações de caráter tático do jogo, se direcionando aos princípios específicos do modelo de jogo adotado.

Além disso, podemos considerar no nosso estudo, o período competitivo um fator decisivo na modulação do comportamento pedagógico adotado pelo treinador em questão, o qual privilegia a transmissão de informações centradas no desenvolvimento tático da equipe.

Em contra partida, nos estudos de Farias (2007) e Mesquita *et al* (2009), com crianças e adolescentes, praticantes de futebol, sobre a intervenção pedagógica do conteúdo de treinadores em nível de formação, houve uma preponderância da técnica sobre a natureza tática. Contudo, o fato da divergência dos resultados apresentados por esses autores com os do presente estudo, pode ser evidenciado quando observamos que as categorias adotadas pelos mesmos autores direcionam-se ao nível de formação de crianças e jovens. Nesse caso, os

treinadores estudados intervêm pedagogicamente visando o melhoramento do desempenho motor, especificamente os fundamentos técnicos do jogo de futebol. Com isso, pressupomos que quanto menor for à faixa-etária, maior é a preocupação dos treinadores em intervir nas capacidades técnicas dos mesmos. Esse fato pode ser considerado por os mesmos ainda não possuírem um amplo domínio dos fundamentos técnicos, que são adquiridos ao longo da história de suas experiências práticas.

Como a pesquisa se desenvolveu durante o período competitivo, podemos entender que a dimensão tática é o elemento nuclear perante o planejamento e organização de um modelo de treino coerente com o modelo de jogo. Dessa forma, subtemos que a tática está para integrar todas as outras dimensões técnica, física e psicológica numa só ação. Com isso podemos observar, nas palavras do treinador, que a preocupação maior de ensinar o plano tático está relacionada com as **“dificuldades em que vou encontrar no jogo [...] é claro que cada jogo o adversário tem uma forma de jogar, então eu tenho que tá baseando meu trabalho em cima disso”** (ANEXO A, T I). Contudo, podemos observar alguns dos exemplos das intervenções pedagógica do T I durante o treino, vejamos (ANEXO B, T I):

- Capricha, capricha, é esses passes que acabam com a gente, passes errados aqui complica com a gente... O adversário não perdoa a gente se pegar essa bola...
- Toca a bola jogador 1... foi o que, que falei neste instante aê jogador 1? Aqui não faz isso jogador 1, aqui não tem como fazer isso aqui, se perde a bola a gente toma o gol, acabei de falar ali, acabei de falar ali, aqui faz 1-2, agora ali pode ir pra dentro velho...
- Jogador 1 já chega decidido pra tomar a bola, ficou você e jogador 2 esperando um pelo outro, comunicação [...], se nós não estivermos comunicação o adversário passa por cima da gente...
- Aí a gente erra um passe desse olha, aí o adversário faz o que eles (equipe reserva) estão fazendo com a gente, o adversário vai fazer isso, não pense que eles não venham pra cima da gente não, então a gente tem que ter paciência...

Preferimos não levar à discussão as intervenções pedagógicas do conteúdo do treinador centradas nas categorias energético-funcional, regras e situações neutras por apresentarem valores baixos.

TREINADOR II

Tabela 2 – Dados descritivos gerais relativos à dimensão “O Quê” T II

SAPCI	T1TII	T2TII	T3TII	N=416	%	Média
Técnica	28	0	32	60	14,5	20
Tática individual	90	0	52	142	34,1	48
Tática coletiva	119	0	38	157	37,7	52
C. Energético funcional	2	0	0	2	0,5	1
Regras	2	0	6	8	1,9	3
Situações neutras	24	0	23	47	11,3	15

Nota: Elaborado pelo autor com formato adaptado de MESQUITA (2009) e dados coletados durante a pesquisa.

Por outro lado, com a leitura da tabela 2 é possível constatar que a tática coletiva é a categoria que manifesta mais intervenções do T II com 37,7% do total dos registros. Logo em seguida a tática individual com 34,1% das ocorrências e a técnica com 14,5% surge num plano posterior. Apuramos uma tendência de privilegiar as intervenções de caráter tático coletivo e individual em relação à intervenção de caráter técnico por parte do T II. Apesar de tudo isso, T II teve uma preocupação maior em intervir nos conteúdos de situações neutras quando comparada ao T I, estas assumindo a quarta categoria mais utilizada com 11,3%.

Semelhante ao T I, T II também utilizou as intervenções pedagógicas com foco no caráter tático de jogo da equipe.

De igual modo ao T I, podemos considerar as mesmas evidências como explicação para a tal natureza tática sobressair as demais observações durante as intervenções pedagógicas de T II. Entretanto, damos uma maior atenção à intervenção pedagógica centrada nas informações das situações neutras, as quais obtiveram alta ocorrência nos treinos observados quando comparadas a outros estudos. Contudo, pressupomos que esse fato pode ser explicado pela adoção de um comportamento pedagógico do treinador cuja preocupação é manter os jogadores realizando as tarefas, evitando muitas confusões durante a disputa acirrada da bola. Nesse caso, consideramos o T II o instrutor que coloca ordem na casa. Para entendermos melhor, vejamos, abaixo, alguns dos exemplos de intervenções do mesmo durante os treinos (ANEXO B, T II):

- Tá valendo, tá valendo
- vamos andar, vamos andar, joga, joga
- joga, joga, joga, joga
- Bota no chão, bota no chão

Como a pesquisa desenvolveu-se, também, durante o período competitivo, podemos entender que a dimensão tática é o elemento nuclear perante o planejamento e organização de

um modelo de treino coerente com o modelo de jogo. Dessa forma, subtemos que a tática está para integrar todas as outras dimensões técnica, física e psicológica numa só ação. Com isso, podemos aferir, nas palavras do T II, que o processo de ensino e treino da tática tem implicação em trabalhar pedagogicamente **“de forma a levar o atleta de cada posição para desenvolver a função e, praticar na sua perfeição”**. Além disso, existe sempre uma preocupação em utilizar **“palestras e preleções antes de treinos e jogos, pra deixá-los unidos de informações acerca do que se pretende para o jogo que se segue”** (ANEXO A, T II). Ou seja, consideramos que o T II comporta o processo de ensino e treino de tal forma que vise os problemas do jogo seguinte, buscando aperfeiçoar o desempenho dos jogadores compatibilizado à forma de jogo que se quer e, que possivelmente prever o padrão de jogo do adversário.

Dimensão “Quando”

Nas tabelas 3 e 4 apresentamos os dados descritivos gerais relativos à média e à percentagem de unidades de informação sobre a dimensão “Quando” do nosso estudo, ou seja, em relação ao momento de ocorrência dos *feedbacks* pedagógicos transmitidos pelo treinador I e II respectivamente.

TREINADOR I

Tabela 3 – Dados descritivos gerais relativos à dimensão “Quando” T I

SAPCI	T1TI	T2TI	T3TI	N= 503	%	Média
Em ação	208	118	77	403	80,1	134
Não na ação	43	30	27	100	19,9	34

Nota: Elaborado pelo autor com formato adaptado de MESQUITA (2009) e dados coletados durante a pesquisa.

Com a análise da tabela 3 é possível verificar que as intervenções pedagógicas do conteúdo do treinador, ocorrem fundamentalmente nos momentos de ação dos praticantes com 80,1% das ocorrências em confronto com os 19,9% dos registros em momentos de não ação.

No que se refere aos momentos de intervenção do T I, observamos que este privilegia os momentos de ação dos jogadores para transmitir as informações pedagógicas do conteúdo, em detrimento das intervenções nas situações de não ação. Essa opção do treinador em emitir a informação nos momentos de ação, encontra consonância nos estudos de Gilbert *et al.* (1999) na competição de hóquei no gelo, no de Mesquita (2009) no futebol profissional, nos de Pacheco (2002) e Meireles e Rosa (2003) na reunião de preparação para a competição no

futebol e voleibol respectivamente, e nos de Farias (2007) e Mesquita *et al* (2009) no futebol em nível de formação.

Nesse plano, podemos observar que os treinadores estudados pelos autores mencionados acima, também emitem as informações, na maioria das vezes, nos momentos de ação dos jogadores em detrimento dos momentos de não-ação, corroborando-os com o nosso estudo.

No entanto, pressupomos que o comportamento pedagógico, adotado pelos treinadores, é uma técnica utilizada para o aproveitamento máximo do tempo de treino, com a situação de realização das tarefas, sem haver muitas paradas para explicação. Com isso, evidencia-se que os jogadores devem estar no máximo de tempo do total do treino, realizando tarefas e ações que visem o aperfeiçoamento do desempenho desportivo. Contudo, de igual modo que é importante o treinador parar a tarefa para correção do comportamento dos jogadores (MESQUITA, 2009), também é importante transmitir as informações aos jogadores nos momentos de ação, porém, estas podem ser perdidas e/ou distorcidas, devido ao fato das atenções dos jogadores estarem fundamentalmente nos exercícios de treino (GILBERT *et al*, 1999).

TREINADOR II

Tabela 4 – Dados descritivos gerais relativos à dimensão “Quando” T II

SAPCI	T1TII	T2TII	T3TII	N= 416	%	Média
Em ação	224	0	110	334	80,3	111
Não/ação	41	0	41	82	19,7	28

Nota: Elaborado pelo autor com formato adaptado de MESQUITA (2009) e dados coletados durante a pesquisa.

Com a análise da tabela 4 é possível verificar que as intervenções pedagógicas do conteúdo do T II ocorrem fundamentalmente nos momentos de ação dos jogadores com 80,3% das ocorrências em confronto com os 19,7% dos registros em momentos de não ação.

Assim como TI, TII privilegia os momentos de ação dos jogadores para transmitir as informações pedagógicas do conteúdo em relação a dimensão “Quando”.

Dimensão “Como”

Especificidade da informação do Feedback

As tabelas 5 e 6 apresentam os dados descritivos gerais relativos à média e à percentagem de unidades de informação sobre a dimensão “como” deste estudo, principalmente, em relação ao tipo de instrução do treinador I e II, respectivamente.

TREINADOR I

Tabela 5 – Dados descritivos gerais relativos à dimensão “Como” T I

SAPCI	T1TI	T2TI	T3TI	N=503	%	Média
Instrução geral	235	138	97	470	93,4	156
Instrução específica	16	10	7	33	6,6	11

Nota: Elaborado pelo autor com formato adaptado de MESQUITA (2009) e dados coletados durante a pesquisa.

Com a leitura da tabela 5 é possível constatar que o treinador fornece mais instrução de carácter geral (93,4%) do que de modo específico (6,6%). Pelos resultados obtidos fica claro que há uma esmagadora preponderância da instrução geral do treinador durante o processo de ensino-treino-aprendizagem.

O fato do T I fornecer mais informações de carácter geral, corrobora com os estudos de Gilbert *et al* (1999) no hóquei no gelo, Mesquita (2009) no futebol profissional, e significativamente mais semelhante com os de Farias (2007) e Mesquita *et al* (2009) no futebol em nível de formação. Contudo, apesar da grande semelhança dos nossos resultados com os dos estudos de Farias e Mesquita *et al.*, bem como as observações decorreram no período competitivo, devemos evidenciar-se de que estes estudos visaram as intervenções pedagógicas dos treinadores no futebol em nível de formação.

Neste estudo, podemos considerar vários fatores que influenciam na intervenção pedagógica do T I, os quais se enquadram: o nível de conhecimento pedagógico e conceitual do conteúdo de futebol, bem como a adoção de uma estratégia-didática-metodológica em utilizar apenas as transmissões de informações generalizadas, a fim de evitar paradas durante a realização dos exercícios (para transmitir informações pedagógicas de forma específica).

Por outro lado, as informações pedagógicas transmitidas de forma generalizada, são direcionadas, na maior parte, aos jogadores que estão diretamente envolvidos no centro do jogo, determinando desta maneira a necessidade do treinador adotar este comportamento pedagógico. Ou seja, evidenciamos uma relação estreita entre o “Momento” e “Como” o treinador transmite as informações pedagógicas aos seus jogadores. Pode-se observar esse

comportamento através das expressões generalizadas sobre as informações pedagógicas transmitidas pelo T I aos seus jogadores, vejamos (ANEXO B, T II):

- Dar opção, dar opção jogador 1, dar opção jogador 2... dar opção...
- Vem, vem com ele, vem com ele jogador 1...
- Diminui o espaço, diminui o espaço jogador 1...

Com tudo isso, podemos observar que, mais do que as informações generalizadas serem transmitidas aos jogadores envolvidos no centro do jogo, estas são centradas no ensino da tática coletiva e individual, mais especificamente sobre as ações ofensivas e defensivas durante o confronto direto dos jogadores. Isso se torna mais um pressuposto de que há uma relação entre a dimensão da natureza do conteúdo abordado com as demais observadas.

TREINADOR II

Tabela 6 – dados descritivos gerais relativos à dimensão “Como” T II

SAPCI	T1TII	T2TII	T3TII	N= 416	%	Média
Instrução geral	263	0	148	411	98,8	0
Instrução específica	2	0	3	5	1,2	0

Nota: Elaborado pelo autor com formato adaptado de MESQUITA (2009) e dados coletados durante a pesquisa.

Com a leitura da tabela 6 é possível constatar que o treinador fornece mais instrução de caráter geral (98,8%), do que de modo específica (1,2%), ficando claro que há uma preponderância da instrução geral do treinador durante o processo de ensino-treino-aprendizagem.

Assim como o T I, T II fornece mais informações de caráter geral, sobre a dimensão “como” principalmente em relação ao tipo de instrução. Vejamos abaixo alguns exemplos de instrução geral realizadas pelo T II (ANEXO B, T II):

- Joga pra frente, joga pra frente...
- aparece outro, aparece outro (dar opção)
- sai da marcação, sai da marcação, sai dele

Objetivo de informação do Feedback

Na tabelas 7 e 8 apresentam os dados descritivos gerais relativos à média e à percentagem de unidades de informação sobre a dimensão “Como” deste estudo em relação aos objetivos dos *feedbacks* pedagógicos transmitidos pelo treinador I e II respectivamente.

TREINADOR I

Tabela 7 – Dados descritivos gerais relativos à dimensão “como” T I

SAPCI	T1TI	T2TI	T3TI	N=503	%	Média
F. Descritivo	15	4	5	24	4,8	8
F. Prescritivo	92	56	47	195	38,8	65
F. Av. Positivo	34	27	14	75	14,9	25
F. Av. Negativo	27	10	8	45	8,9	15
F. Questionamento	8	1	0	9	1,8	3
F. Encorajamento	75	50	30	155	30,8	52

Nota: Elaborado pelo autor com formato adaptado de MESQUITA (2009) e dados coletados durante a pesquisa.

A emissão do *feedback* pedagógico é um comportamento do treinador que assume extrema importância na sua condução, explicando-se que este apresenta como uma das variáveis capazes de influenciar o sucesso pedagógico, bem como um elemento essencial para modificar o comportamento técnico-tático do jogador (PESTANA, 2006 *apud* SOARES, 2008).

Nessa categoria, o *feedback* prescritivo (38,8%) é a variável que registra a maioria das intervenções do treinador, seguida do *feedback* de encorajamento (30,8%) e de avaliação positiva (14,9%). O *feedback* de questionamento é o menos ocorrido com 1,8% da totalidade dos registros. Com isso, podemos referir que T I aponta uma preocupação em prescrever as tarefas e/ou ações para os jogadores as realizarem, logo em seguida, costuma encorajá-los durante as ações técnico-táticas para a efetivação da ação e, por fim, avalia o comportamento realizado pelo jogador, prevalecendo à avaliação positiva em detrimento a negativa. O fato do treinador utilizar preferencialmente o *feedback* prescritivo nas suas intervenções pedagógicas, enquadra-se nos resultados de Pacheco (2002) e Mesquita (2009) no futebol.

Pelos resultados obtidos, podemos considerar pertinente a convergência entre a concepção e intervenção do T I no que diz respeito ao objetivo da informação pedagógica transmitida aos jogadores. Onde o mesmo diz “**que o objetivo dos trabalhos, a intensidade dos trabalhos, é que faz com que você consiga seus objetivos**”, para isso **‘eu procuro prescrever [as tarefas/ações] [...] que a gente quer**’ que os jogadores realizem, portanto o trabalho deve recorrer a **‘repetição, como falei em perguntas anteriores, é tá sempre**

repetindo’, isso **‘pra que no jogo a única oportunidade que ele tiver’** (o jogador) possa concluir com exatidão e efetividade a ação desejada, quer seja ação defensiva ou ação ofensiva” (ANEXO A, T I). Nesse caso, podemos entender que, nas palavras do TI, a ideia é privilegiar tarefas que promova aos atletas oportunidades de realização da ação para o aperfeiçoamento do desempenho desportivo.

Vejamos alguns exemplos de *feedbacks* prescritivos do treinador (Anexo B, T I):

- Joga em jogador 1, joga em jogador 1...
- Vai com ele jogador 1...
- Agora sai rápido, sai rápido quando pegar no contra-ataque jogador 1...

Apesar do T I utilizar o *feedback* de encorajamento como segunda opção, encontramos consonância nos estudos de Meireles e Rosa (2003), Farias (2007) e Mesquita *et al* (2009) por apresentar altos valores deste tipo de intervenção pedagógica. Com isso, mesmo o T I prescrever, fundamentalmente, as tarefas e/ou ações técnico-táticas dos jogadores que se pretende, em relação ao modelo de jogo, costuma estimular os jogadores a desenvolverem as ações com mais intensidade. Ou seja, para o T I não basta apenas prescrever os comportamentos técnico-táticos dos jogadores, e sim deve acompanhar-se de um *feedback* pedagógico de encorajamento que possa motivar e estimular os atletas a desenvolverem as ações no seu mais alto nível de exercitação.

Vejamos alguns exemplos de *feedbacks* de encorajamento utilizado pelo T I (ANEXO B, T I):

- Vamos gente, joga, joga, vai fechando do lado, vai fechando do lado... vem jogador 1, vem jogador 1, isso, isso!
- Vamos jogador 1, joga em pé jogador 1...
- Vamos garoto, vamos jogador 1, isso!

Como terceira e quarta opção adota pelo T I, o *feedback* de avaliação positiva e negativa, não obteve consonância em nenhum estudos observados, porém, os resultados mais próximo observados foram os dos estudos de Farias (2007) e Mesquita *et al* (2009), apesar destes apresentarem maiores números de intervenções quando comparados a este. Mesmo assim, o fato do T I utilizar o *feedback* avaliativo positivo/negativo como terceira/quarta opção, evidenciamos que este, após prescrever os comportamentos técnico-táticos, seguidos de encorajamento para realização da ação, presta uma avaliação sobre o comportamento do

jogador. Desse modo, o T I costuma avaliar, após ação do jogador, se os critérios de ação foram efetivos ou não.

Apresentamos alguns dos exemplos de *feedbacks* avaliativos positivo/negativo utilizados pelo T I (ANEXO B, T I):

- Valeu, valeu jogador 1...
- Isso, valeu a jogada, valeu, tem que arriscar a jogada, tem que arriscar...
- Isso jogador 1...
- Não pode perder essa bola, primeira bola!
- Não, não, sai dele jogador 1... aí é jogador 2...
- Não, jogador 1 não, jogador 1 não vale gol, cada um marca o seu, jogador 1 não pode fazer gol...

No que se refere à intervenção pedagógica do treinador centrada no *feedback* de questionamento, como vimos na dimensão anterior que o mesmo transmite, majoritariamente, as informações pedagógicas sobre a forma generalizada e, mais especificamente nos momentos de ação dos jogadores, já esperávamos que esta categoria fosse utilizada com o menor número de intervenções. Sendo assim, o fato do T I utilizar, em menor escala, a intervenção pedagógica sobre forma de questionamento, evidenciamos que este comportamento pode ser explicado pelo fato de que não é possível questionar um jogador durante a realização da ação. Isso faz reforçar, ainda, a idéia de que existe uma inter-relação entre “o quê”, “quando” e “como” as informações pedagógicas são transmitidas pelo treinador aos seus jogadores.

TREINADOR II

Tabela 8 – Dados descritivos gerais relativos à dimensão “como” T II

SAPCI	T1TII	T2TII	T3TII	N= 416	%	Média
F. Descritivo	6	0	8	14	3,4	5
F. Prescritivo	82	0	68	149	35,8	50
F. Av. Positivo	44	0	19	63	15,1	21
F. Av. Negativo	5	0	5	10	2,4	3
F.	1	0	3	4	1	1
Questionamento						
F.	127	0	49	176	42,3	59
Encorajamento						

Nota: Elaborado pelo autor com formato adaptado de MESQUITA (2009) e dados coletados durante a pesquisa.

Nesta categoria, o *feedback* de encorajamento é a variável que registra a maioria das intervenções do treinador (42,3%), seguida do *feedback* prescritivo (35,8%) e de avaliação

positiva (15,1%). O *feedback* de questionamento é o menos ocorrido com 1% da totalidade dos registros. Diferente do T I, o fato do T II utilizar preferencialmente o *feedback* de encorajamento nas suas intervenções pedagógicas, enquadra-se nos resultados de Farias (2007) e Mesquita *et al* (2009) no futebol.

Com esses resultados, podemos considerar pertinente uma pequena convergência entre a concepção e intervenção do T II no que diz respeito ao objetivo da informação pedagógica transmitida aos jogadores. Onde o mesmo diz que idealiza exercícios de “**treino que leve o jogador a desempenhar funções**”, que na realização destes exercícios a utilização de quaisquer tipos de *feedbacks* pedagógicos “**têm a sua importância**”, porém, “**eu gosto muito da avaliação positiva e negativa e, também, de encorajamento**”, só assim se consegue “**o desenvolvimento de um bom trabalho**” (ANEXO A, T II). Nesse caso, podemos entender que, nas palavras do T II, a ideia é privilegiar atividades que promovam nos atletas um aperfeiçoamento do desempenho de determinadas funções.

Vejam, abaixo, alguns dos exemplos de *feedbacks* de encorajamento transmitido pelo T II (ANEXO B, T II):

- Vamos, vamos, vamos laranja, vamos laranja...
- borá, tem que criar situação de gol, tem que criar situação de gol...
- movimenta, movimenta, movimenta

O fato do T II utilizar o *feedback* prescritivo como segunda opção, não encontramos consonância em nenhum estudo observado, mas este obteve valores idênticos ao do T I (mesmo sendo a primeira opção). Com isso, apesar do T II encorajar, fundamentalmente, os jogadores na realização das ações técnico-táticas, em relação ao modelo de jogo, observou-se que este costuma prescrever os comportamentos dos jogadores. Ou seja, entendemos que, a partir das intervenções pedagógicas do T II, não basta apenas encorajar os jogadores a exercitarem as tarefas/ações táticas de forma mais intensa, e sim, também, prescrever alguns comportamentos que estejam relacionados às pretensões do modelo de jogo defendido.

Vejam, agora, alguns exemplos de *feedbacks* prescritivo utilizados pelo T II (ANEXO B, T II):

- Vem, vem, vem jogador 1, está faltando gente aqui, está faltando gente aqui
- Jogador 1 joga assim (prescrição)...
- Escora pra ele...

Assim como T I, T II adota em sua intervenção pedagógica, como terceira opção, o *feedback* de avaliação positiva, portanto, não tivemos consonância em nenhum estudos

observados, porém, os resultados mais próximo que chegamos foram os dos estudos de Farias (2007) e Mesquita *et al* (2009), apesar destes apresentarem maiores números de intervenções quando comparados aos nossos. Contudo, o fato do T II utilizar o *feedback* avaliativo positivo (aprovação da ação do jogador) como terceira opção, evidenciamos que este, após encorajar e prescrever os comportamentos técnico-táticos dos jogadores, presta uma avaliação positiva sobre as ações realizadas pelos jogadores. Dessa forma é negligenciado o uso da avaliação negativa (desaprovação do comportamento adotado pelo jogador).

Apresentamos abaixo alguns dos exemplos de *feedbacks* avaliativos positivo utilizados pelo T II (ANEXO B, T II):

- isso, isso, isso...
- É bom jogador 1, é bom jogador 1...
- Boa, boa jogador 1! Boa jogador 1!

Enfim, observamos que o T II inverte a sequência lógica de intervenções pedagógicas utilizada pelo T I. Ou seja, podemos ver que: em vez do T II primeiramente prescrever o comportamento desejado para o jogador, em seguida encorajá-los à realização deste e, por fim, avaliar a disposição do atleta perante o comportamento realizado; o próprio os encoraja a determinado comportamento, depois o prescreve, e no final, avalia o serviço prestado pelos jogadores.

Dimensão “Quem”

Nas tabelas 9 e 10 apresentamos os dados descritivos gerais relativos à média e à percentagem de unidades de informação sobre a dimensão “Quem” deste estudo, ou seja, quem é o receptor do *feedback* pedagógico do treinador I e II, respectivamente.

TREINADOR I

Tabela 9 – Dados descritivos gerais relativos à dimensão “A quem” T I

SAPICI	T1TI	T2TI	T3TI	N= 503	%	Média
Individual	154	82	65	301	59,9	100
Grupo	77	51	11	139	27,6	46
Equipe	20	15	28	63	12,5	21

Nota: Elaborado pelo autor com formato adaptado de MESQUITA (2009) e dados coletados durante a pesquisa.

Pela leitura da tabela 9 percebemos que a maioria das intervenções é efetuada tendo em vista o jogador a nível individual (59,9%). Como segunda opção, o treinador refere transmitir

as intervenções destinadas a subgrupos de jogadores (27,6%) e só depois veicula as intervenções para toda a equipe (12,5%).

O T I tem preferência de transmitir as informações para os jogadores, de forma individual, em detrimento da informação veiculada para um subgrupo de jogadores ou para toda a equipe. Estes resultados vão ao encontro do observado nos estudos de Gilbert *et al.* (1999), Farias (2007), Mesquita *et al.* (2009) e Mesquita (2009). Consideramos que estes resultados sejam explicados pela necessidade do treinador focalizar a atenção do jogador nas informações mais importante/significante, sobre determinado conteúdo.

TREINADOR II

Tabela 10 – Dados descritivos gerais relativos à dimensão “A quem” T II

SAPICI	T1TII	T2TII	T3TII	N= 416	%	Média
Individual	123	0	81	204	49	68
Grupo	85	0	59	144	34,6	148
Equipe	57	0	11	68	16,4	22

Nota: Elaborado pelo autor com formato adaptado de MESQUITA (2009) e dados coletados durante a pesquisa.

Pela leitura da tabela 10 percebemos que a maioria das intervenções é efetuada tendo em vista o jogador em nível individual (49%). Como segunda opção, o treinador refere transmitir as intervenções destinadas a subgrupos de jogadores (34,6%) e só depois veicula as intervenções para toda a equipe (16,4%).

De igual modo ao T I, T II tem preferência de transmitir as informações para os jogadores, de forma individual, em detrimento da informação veiculada para um subgrupo de jogadores ou para toda a equipe. Esses resultados vão ao encontro do observado nos estudos de Gilbert *et al.* (1999), Farias (2007), Mesquita *et al.* (2009) e Mesquita (2009). Assim como TI, consideramos que estes resultados sejam explicados pela necessidade do treinador focalizar a atenção do jogador nas informações mais importante/significante, sobre determinado conteúdo.

Natureza das tarefas instrucionais

Nas tabelas 11 e 12 são apresentados os dados descritivos gerais relativos à percentagem de ocorrências relativas ao tipo de tarefas instrucionais deste estudo.

TREINADOR I

Tabela 11 – Dados descritivos gerais relativos à dimensão “Natureza das tarefas instrucionais” T I

SAPCI	T1TI	T2TI	T3TI	N= 6	%
Introdução	0	0	0	0	0
Refinamento	1	0	0	1	16,7
Aplicação	2	2	1	5	83,3
Extensão	0	0	0	0	0

Nota: Elaborado pelo autor com formato adaptado de MESQUITA (2009) e dados coletados durante a pesquisa.

Observamos neste plano a ocorrência de seis (6) tarefas instrucionais, onde induzimos a possibilidade de extrair o máximo de informação de natureza qualitativa, de forma a fazer uma análise minuciosa da intervenção pedagógica do treinador.

A tabela 11 nos permite constatar que as tarefas de aplicação são as mais utilizadas pelo treinador, ocorrendo em 83,3% das ocasiões, equivalente a cinco (5) tarefas. Por último, surge a ocorrência de apenas uma tarefa de refinamento (16,7%). Sendo as tarefas de introdução e extensão não utilizadas por ele. Nesse caso, verificamos que o treinador privilegia as tarefas de aplicação relacionadas com a materialização de exercícios que forneçam aos jogadores oportunidades para aplicação das suas capacidades e habilidades em situações de jogo, concentrando-se especialmente no “como usar” o movimento em detrimento do “como fazer” o movimento.

De acordo com estes resultados, podemos considerar uma relação indireta com a sua concepção em nível do exercício. Isso pode ser visto quando diz “ora trabalhar **‘individualmente a função de cada um [...] de forma separada em determinados trabalhos pra que cada um vá melhorando na sua função’** para depois **‘a gente coloca [r] em prática já no coletivo’**, e; ora o trabalho é realizado visando as **‘dificuldades em que vou encontrar no jogo [...] é claro que cada jogo o adversário tem uma forma de jogar, então eu tenho que tá baseando meu trabalho em cima disso’**” (ANEXO A, T I).

Mesmo assim, vejamos no T I uma convergência parcial quando se refere que o treino visa às dificuldades em que se encontrará no jogo. Isso pode ser explicado pelo trabalho realizado a partir da utilização de exercícios de aplicação, permitindo o mesmo intervir nos momentos em que mais necessita para dar orientação aos jogadores sobre os comportamentos técnico-táticos referentes ao padrão de jogo.

TREINADOR II

Tabela 12 – Dados descritivos gerais relativos à dimensão “Natureza das tarefas instrucionais” T II

SAPCI	T1TII	T2TII	T3TII	N= 16	%
Introdução	0	0	0	0	0
Refinamento	0	11	1	12	75
Aplicação	3	0	1	4	25
Extensão	0	0	0	0	0

Nota: Elaborado pelo autor com formato adaptado de MESQUITA (2009) e dados coletados durante a pesquisa.

Observamos neste plano a ocorrência de dezesseis (16) tarefas instrucionais, onde induzimos a possibilidade de extrair o máximo de informação de natureza qualitativa, de forma a fazer uma análise minuciosa da intervenção pedagógica do treinador.

A tabela 12 permite-nos constatar que as tarefas de refinamento são as mais utilizadas pelo T II, ocorrendo em 75% das ocasiões, equivalente a doze (12) tarefas. Por último, surge a ocorrência de quatro (4) tarefas de aplicação (25%), sendo as tarefas de introdução e extensão não utilizadas por ele. Por outro lado, verificamos que o T II privilegia as tarefas de refinamento relacionadas com a melhoria das performances dos jogadores, com focalização numa atuação específica com a apresentação de dicas que assistem o desenvolvimento de determinada habilidade.

Esses resultados nos levam a crer que o T II mantém uma relação estreita entre a sua concepção e intervenção pedagógica em nível do exercício. Nisso, evidenciamos que esse fato é possível quando o mesmo refere que “se preocupa em **‘idealizar treino que leve o jogador a desempenhar funções’**. Funções essas, por exemplo, **“é a função dos meias quando precisamos deles para fazer ligação entre a defesa e o ataque”**” (ANEXO A, T II).

Não obstante, a partir das nossas observações sobre a qualidade dos exercícios, nos faz ir de encontro com a concepção, pois vimos que os exercícios buscavam desenvolver, fundamentalmente, as capacidades condicionantes, mais especificamente as qualidades físicas de resistência muscular localizada. Portanto, pressupomos que é pertinente a divergência entre a concepção e intervenção pedagógica do treinador.

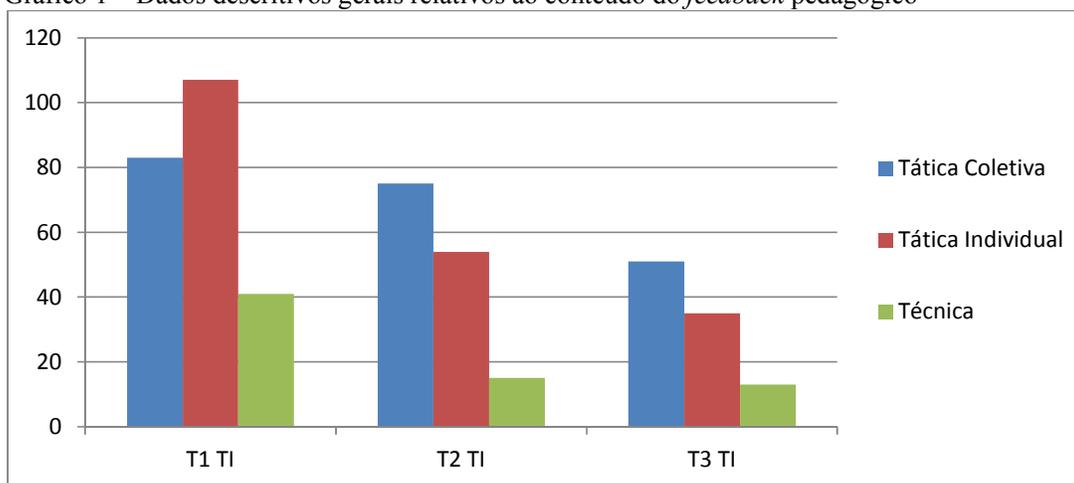
Podemos observar que ambos os treinadores deste estudo (T I e T II), não se dispuseram das tarefas instrucionais de introdução e extensão para as suas intervenções pedagógicas, pelo fato de que o nosso estudo decorreu no período competitivo. Esse fato pode ser explicado pelo comportamento pedagógico dos treinadores se preocuparem em ensinar os aspectos técnico-táticos do jogo com vista o padrão de jogo do adversário.

5.3 Relação entre a natureza das tarefas instrucionais e o conteúdo substantivo do *feedback* pedagógico ao longo das sessões de treino

Nos gráficos seguintes apresentamos os dados descritivos gerais relacionados ao número de ocorrências relativas ao conteúdo do *feedback* pedagógico e ao tipo de tarefas instrucionais em cada um dos treinos observados de T I.

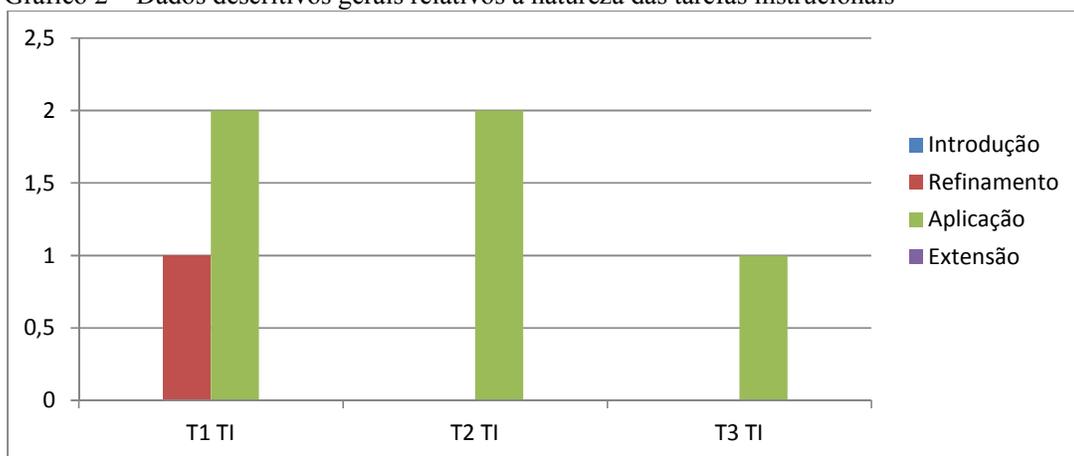
TREINADOR I

Gráfico 1 – Dados descritivos gerais relativos ao conteúdo do *feedback* pedagógico



Nota: Elaborado pelo autor com formato adaptado de MESQUITA (2009) e dados coletados durante a pesquisa.

Gráfico 2 – Dados descritivos gerais relativos à natureza das tarefas instrucionais



Nota: Elaborado pelo autor com formato adaptado de MESQUITA (2009) e dados coletados durante a pesquisa.

Com vista o emparelhamento dos dados significativos, relativos ao conteúdo do *feedback* pedagógico e à natureza das tarefas instrucionais ao longo dos treinos observados, os gráficos apresentados revelam uma maior propensão do T I em intervir nos conhecimentos táticos coletivos e individuais quando se realizam tarefas de aplicação. Isto é notório quando se observa nos três treinos (T1, T2 e T3). Nestes, há uma grande distância entre os *feedbacks* técnicos e táticos devido ao menor número de tarefas de refinamento.

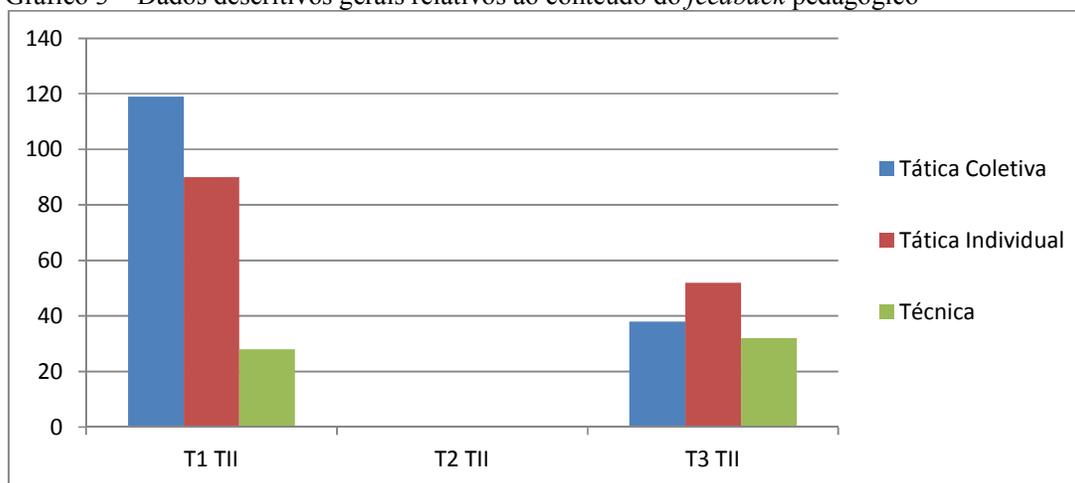
Pressupomos que este tipo de comportamento adotado pelo T I pode ser explicado por vários fatores que implicam nesta tomada de decisão, o qual direciona maior atenção as intervenções pedagógicas centradas no ensinamento das capacidades e competências técnico-táticas, mais especificamente a tática coletiva e individual, ou seja: por está no período competitivo; preocupação de se trabalhar visando o jogo seguinte; adaptação da equipe a forma de jogo pretendida com preocupação no padrão de jogo dos adversários; etc.

Portanto, não é preciso colocar as tarefas de introdução e extensão a discussão, já que estes não tiveram nenhuma pretensão pelo treinador em questão.

TREINADOR II

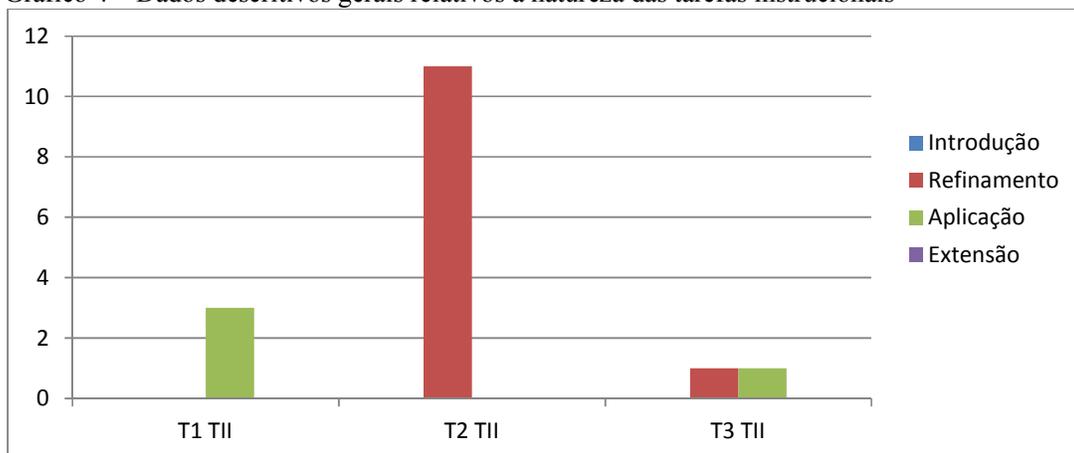
Nos gráficos seguintes apresentamos os dados descritivos gerais relacionados ao número de ocorrências relativas ao conteúdo do *feedback* pedagógico e ao tipo de tarefas instrucionais em cada um dos treinos observados de T II.

Gráfico 3 – Dados descritivos gerais relativos ao conteúdo do *feedback* pedagógico



Nota: Elaborado pelo autor com formato adaptado de MESQUITA (2009) e dados coletados durante a pesquisa.

Gráfico 4 – Dados descritivos gerais relativos à natureza das tarefas instrucionais



Nota: Elaborado pelo autor com formato adaptado de MESQUITA (2009) e dados coletados durante a pesquisa.

Por outro lado, com vista o emparelhamento dos dados significativos, relativos ao conteúdo do *feedback* pedagógico e à natureza das tarefas instrucionais ao longo dos treinos observados, os gráficos apresentados revelam uma maior propensão do T II em intervir nos conhecimentos táticos coletivos e individuais, quando se realizam tarefas de aplicação. Contudo, no treino 3 (T3) podemos ver que há uma leve proximidade entre o *feedback* técnico e tático devido ao número de tarefas de refinamento ser igual ao de aplicação.

Assim sendo, consideramos que existe uma relação proporcional entre a realização de tarefas de aplicação com as intervenções pedagógicas do treinador através de *feedbacks* táticos, ou seja, o número de *feedbacks* táticos está diretamente proporcional ao número de tarefas de aplicação.

Entende-se que este tipo de comportamento adotado pelo T II pode ser explicado pelos mesmos fatores que foram levantados ao T I. Portanto, não consideramos que é preciso colocar as tarefas de introdução e extensão a discussão, já que estes não tiveram nenhuma pretensão pelo treinador em questão.

Apesar de tudo isso, é possível observar, também, que em uma das sessões de treino, o T II se dispõe de tarefas de refinamento para se trabalhar habilidades das performances dos jogadores. Contudo, observamos, a partir dos dados, que a realização destas tarefas visou apenas o desenvolvimento das capacidades condicionantes (físicas). Isto é, o T II costuma, apesar da equipe está no período competitivo, condicionar o processo de ensino-treino-aprendizagem para o refinamento e/ou a manutenção das capacidades físicas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os treinadores possuem modelos de jogo definido, baseado nos seus princípios para os quatro momentos de jogo. Porém, o T II tem dificuldades em transmitir as informações acerca do modelo pretendido diferentemente de T I. Os dois treinadores transmitem as informações mais de caráter tático (natureza do conteúdo). As informações são transmitidas, quase sempre, durante a ação e raramente na não-ação. Em relação à especificidade da informação, os treinadores emitem as ideias de forma generalizada, sem especificar os critérios de realização da tarefa. No tocante aos objetivos das informações, o T I recorre ao *feedback* prescritivo, seguido de encorajamento e avaliação positiva, enquanto o T II ao *feedback* de encorajamento, seguido de prescrição e avaliação positiva, numa ordem decrescente. Ambos os treinadores direcionam as informações, na maioria das vezes, aos jogadores em nível individual, seguidas de subgrupo e finalmente, para a equipe. Em relação às tarefas instrucionais, o T I recorre aos exercícios de aplicação, enquanto o T II utiliza os exercícios de refinamento. No que se refere à relação de compromisso adotado pelo T I, entre a intervenção verbal e os exercícios, os conteúdos são mais de caráter tático. Por sua vez o T II não apresenta coerência entre a intervenção verbal e os exercícios apresentados, com acentuada preocupação no desenvolvimento e/ou manutenção das capacidades condicionantes.

Enfim, concluímos que o perfil da intervenção pedagógica sobre o conteúdo do T I é, na maioria das dimensões analisadas, coerente com a sua concepção acerca do ensino e jogo de futebol. Por outro, o perfil do T II, na maioria das observações, não mostra coerência na relação entre a intervenção e concepção de ensino e jogo de futebol. Acreditamos que os resultados deste estudo apresentaram diferenças entre os treinadores, acerca de suas intervenções e concepções pedagógicas, devem-se ao fato de apenas o treinador I ter formação superior em Educação Física.

6.1 Sugestões

Após uma análise crítica deste instrumento de pesquisa, podemos observar que este não permite sistematizar e avaliar o nível de conhecimento adquirido pelo treinador sobre o conteúdo do jogo de Futebol, sabendo este uma variável que influencia diretamente na conduta pedagógica. Sendo assim, sugerimos uma adaptação deste instrumento, podendo-se utilizar (como complemento) um recurso que nos permita identificar (sistematizar) o nível de

conhecimento sobre o conteúdo do jogo de futebol do treinador, nos proporcionando dados imprescindíveis para a compreensão qualificada da sua intervenção.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. B. de. **O treinador de futebol: do treino ao jogo**. Olinda, PE: Livro Rápido, 2009. 161 p.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 6024:2003: Informação e documentação: Numeração progressiva das seções de um documento escrito: Apresentação**. Rio de Janeiro: ABNT, 2003. 3 p.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 6027:2003: Informação e documentação: Sumário: Apresentação**. Rio de Janeiro: ABNT, 2003. 2 p.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 6028:2003: Informação e documentação: Resumo: Apresentação**. Rio de Janeiro: ABNT, 2003. 2 p.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 14724:2011: Informação e documentação: Trabalhos acadêmicos: Apresentação**. 3. ed. Rio de Janeiro: ABNT, 2011. 11 p.

AZEVEDO, S. E.; SHIGUNOV, V. **Reflexão Sobre as Abordagens Pedagógicas em Educação Física. Kinein**, Florianópolis, v. 1, n. 1, set./dez. 2000.

BALBINO, H. F. **Jogos Esportivos Coletivos e os Estímulos das Inteligências Múltiplas: bases para uma proposta em pedagogia do esporte**. 2001, 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas - SP, 2001.

BANGSBO, J. Energy demands in competitive soccer. **Journal of Sports Sciences**, London, v.12, p.5-12, 1994.

BERNARDES FILHO, F. **Formação Profissional do Treinador de Futebol: Estudo realizado com treinadores da 1ª divisão do estado do rio Grande do Norte**. 2009, 114 f. Dissertação (Mestrado em Treino de Alto Rendimento Desportivo) - Faculdade de desporto da Universidade do Porto. Porto/Portugal, 2009.

BORBA, R. M. P. **Estudo Descritivo e Comparativo do Processo Ofensivo e da Utilização do Espaço nas Variantes de Jogo Futebol 4 e Futebol 7**. 2007, 264 f. Dissertação (Mestrado em Treino do Jovem Atleta) – Faculdade de Motricidade Humana. Lisboa, 2007.

CASARIN, R. V. *et al.* Modelo de jogo e processo de ensino no futebol: princípios globais e específicos. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 03, p. 133-152, jul./set. de 2011.

CORRÊA, D. K. A. *et al.* Excelência na Produtividade: a performance dos jogadores de futebol profissional. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.15, n.2, p. 447-460, 2002.

COSTA, I. *et al.* Ensino-aprendizagem e Treinamento dos Comportamentos tático-Técnicos no Futebol. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 9, n. 2, p. 41-61, 2010.

COSTA, I. T. da *et al.* Princípios Táticos do Jogo de Futebol: conceitos e aplicação. **Motriz**, Rio claro, v. 15 n. 3 p.657-668, jul./set. 2009.

COSTA, I. T. da; SAMULSKI, D. M.; COSTA, V. T. da. Perfil de Liderança Para Treinadores de Futebol na Visão de Treinadores do Campeonato Brasileiro. **R. da Educação Física/UEM**. Maringá, v. 21, n. 1, p. 59-68, 2010.

COSTA, J. P. A. da. **A formação do treinador de futebol**: análise de competências, modelos e necessidades de formação. 2005.150 f. Dissertação (Mestrado em Treino do Jovem Atleta) Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana, Lisboa, 2005.

COSTA, J.C. *et al.* Inteligência e conhecimento específicos em jovens futebolistas de diferentes níveis competitivos. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 2, n. 4, p. 7-20, 2002.

CUNHA, J. C. C.. **Formar Para a Excelência em Futebol**: Estudo comparativo entre a percepção de jogadores e treinadores, sobre a importância dos fatores do treino, durante o processo de formação. 2007, 83 f. Monografia (Licenciando em Desporto e Educação Física) - Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Porto/Portugal, 2007.

CURY, A. **Nunca Desista de seus Sonhos**. Rio de Janeiro, RJ: Sextante I GMT, 2004, 160 p.

DAOLIO, J. Jogos Esportivos Coletivos: dos princípios operacionais aos gestos técnicos – modelo pendular a partir das idéias de Claude Bayer. **Rev. Bras. Ciên. e Mov.**, Brasília, v. 10 n. 4 p.99-104, out. 2002.

FARIAS, C. F. G. **A intervenção pedagógica do conteúdo do treinador de futebol** - estudo aplicado em treinadores e não licenciados em educação física nos escalões de escolinhas e infantis. 2007, 202 f. Dissertação (Mestrado em Desporto para Crianças e Jovens) - Ciências do Desporto, Porto, 2007.

FIGUEIRA, F. M.; GRECO, P. J. Futebol: um estudo sobre a capacidade tática no processo de ensino-aprendizagem-treinamento. **Rev Bras Futebol**; v.1 n.2, p.53-56. Jul./Dez. 2008.

GALATTI, L. R.; PAES, R. R. Pedagogia do esporte e a Aplicação das Teorias Acerca dos Jogos esportivos Coletivos em Escolas de Esportes: o caso de um clube privado de Campinas –SP. **Revista da faculdade de Educação Física da UNICAMP**, Campinas, v. 5, n. 2, p. 31-44, jul./dez. 2007.

GARGANTA, J.; GRÉHAIGNE, J.F.. Abordagem Sistêmica do Jogo de Futebol: moda ou necessidade?. **Movimento**, v.5, n.10, p. 40-50, 1999.

GAYA, A. Caminhos e Descaminhos nas Ciências do Desporto: entre o Porto Alegre e o Porto Sentido. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v.1, n.1, p.80-87, 2001.

GILBERT *et al.* **Development and Application of na Instrument to Analyse Pedagogical Content Interventions of Ice Hockey Coaches**. In. : SOSOL: Sociology of Sport Online.[s.l.]: [s.n.],1999. Disponível em: <<http://physed.otago.ac.nz/sosol/v2i2/v2i2a2.htm>>. Acesso em: 02 maio 2015.

GRAÇA, A.; MESQUITA, I. A investigação sobre os modelos de ensino dos jogos esportivos. **Rev Port Cien Desp.**, v.7, n.3, p. 401-421, 2007.

GRECO, P. J. Conhecimento Técnico-Tático: o modelo pendular do comportamento e da ação tática nos esportes coletivos. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte e do Exercício**, v.0, p.107-129, 2006.

HERNANDES MORENO, J. **Fundamentos del Deporte**: análisis de las estructuras del juego deportivo. Ed. 3, Barcelona – España: INDE Publicaciones, 205. 101 p.

KRAUSE, G. P(l)adrão FIFA. **Leia Já** – tudo que você precisa saber, por Eduardo Cavalcanti. Disponível em: <<http://www.leiaja.com/colunistas/gustavo-krause>>. Acesso em: 23 jun. 2015.

LOPES, M. A. D. **A Construção de um Futebol**: que preocupações na relação treino-hábito dentro de uma lógica de periodização tática/modelização. 2005, 88 f. Monografia (Licenciatura em Desporto e Educação Física) - Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, Porto, 2005.

MATIAS, A. A. **Comportamentos de Instrução dos Treinadores de Futebol Infanto-Juvenil em Situação de Competição**. 2012, 124 f. Dissertação (Mestrado em Atividade

Física) - Instituto Politécnico de Castelo Branco, Escola Superior de Educação de Castelo Branco, 2012.

MEIRELES, G. C.; ROSA, O. P. **A Intervenção do Treinador de Voleibol na Reunião de Preparação da Equipa para a competição.** 2003, 146 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Desporto, de Treino de Alto Rendimento Desportivo) – Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, Porto, 2003.

MESQUITA, I. *et al.* A intervenção pedagógica sobre o conteúdo do treinador de futebol. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v.23, n.1, p.25-38, jan./mar. 2009.

MESQUITA; A. F.. **Intervenção Pedagógica Sobre o Conteúdo do Treinador de Futebol Profissional** – estudo de caso. 2009, 150 f. Monografia – (Licenciatura em Desporto e Educação Física, área de Alto Rendimento - Futebol) - Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Porto/Portugal, 2009.

MOURA, C. C. *et al.* Pedagogia do esporte: a importância da utilização da situação problema no processo de ensino e aprendizagem dos jogos esportivos coletivos. **Educação Física em Revista**, Campinas, v.2, n.1, p.1-5, 2008.

MOURA, C. C.. **Aspectos Educacionais dos Jogos desportivos Coletivo:** a situação problema como estratégia para procedimentos pedagógicos. 2004, 55 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) - Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2004.

PACHECO, R. **Caracterização da intervenção do treinador na reunião de preparação da equipa para a competição:** Estudo comparativo de treinadores da 1ª liga e da 2ª Divisão-B no escalão de seniores masculinos. 2002, 2014 f. Dissertação – (Mestrado em Ciências do Desporto, Treino de Alto Rendimento Desportivo) Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto. Porto, 2002.

PAES, R. R. Pedagogia do Esporte: contextos, evolução e perspectivas. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.20, n.5, p.171, set. 2006.

RAMOS, V.; GRAÇA, A. B. S.; NASCIMENTO, J. V. do. O Conhecimento Pedagógico do Conteúdo: estrutura e implicações à formação em educação física. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.22, n.2, p.161/171, abr./jun. 2008.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; PAES, R. R. Pedagogia do Esporte: panorama e análise conceitual das principais abordagens. **Motriz**, Rio Claro, v. 15 n. 3 p. 600-610, jul./set. 2009.

SANTOS, A. C.; RODRIGUES, J. J. F. Análise da Instrução do Treinador de Futebol. comparação entre a preleção de preparação e a competição. **Fitness Performance J**, Rio de Janeiro, v.7, n.2, p.113, Mar./abr. 2008.

SANTOS, A. M. C. **Análise da Instrução na Competição em Futebol**: estudos das expectativas e dos comportamentos de treinadores da 2ª Divisão B, na preleção de preparação e na competição. 2003, 285 f. Dissertação (Mestrado em Treino de Alto rendimento) - Univesidade Técnica de Lisboa, Faculdade Motricidade Humana. Lisboa, 2003.

SANTOS, F. J. L. dos. **A Comunicação do Treinador de Futebol em Competição**: análise comparativa do comportamento de instrução em treinadores de jovens e treinadores de seniores. 2010,126 f. Dissertação (Mestrado em Desporto, Especialização em Treino Desportivo) – Escola Superior de Desporto de Rio Maior, Instituto Politécnico de Santarém. 2010.

SANTOS, S. **A Intervenção Pedagógica sobre o Conteúdo do Treinador de Voleibol em Função do Género dos Atletas e do Escalão de Prática**. 2008100 f. Dissertação (Monografia em Desporto e Educação Física, na área de Desporto de Rendimento - Voleibol) Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Porto, 2008.

SCAGLIA, A. J.; *et al.* O Ensino dos Jogos Esportivos Coletivos: as competências essenciais e a lógica do jogo em meio ao processo organizacional sistêmico. **Movimento**, Porto Alegre, v.19, n.04, p. 227-249, out./dez. de 2013.

SILVA, J. **Caracterização Técnico-tática de Jogos Reduzidos em Futebol**: Avaliação do impacto produzido pela alteração das variáveis espaço e número de jogadores. 2008, 137 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Desporto, na área de especialização de Desporto para Crianças e Jovens) Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. 2008.

SILVA, J. M. G. O Ensino dos Jogos Esportivos Coletivos: perspectivas e tendências. **Movimento**, v.4, n. 8, 1998.

SILVA, J. M. G. **Modelação Tática do Jogo de Futebol**: estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento. 1997, 309 f. Dissertação (Doutorado em Ciências do Desporto) - Universidade do Porto, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Porto, 1997.

SOARES, J. M. R. **Estudo do Feedback Pedagógico de Treinadores de Voleibol em Função do Género dos Atletas e Escalão de Prática**. 2008, 123 f. Monografia (Licenciatura em Desporto e Educação Física, na área de Desporto de rendimento - Voleibol) - Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Porto, 2008.

ANEXO A

Entrevista Semiestruturada TI (Licenciado)

Data: 16/02/2015 **Início:** 20:00 h **Término:** 20:29 h

Alguns dados serão codificados e trocados por algarismos no sentido de manter a confidencialidade dos treinadores e das equipes em estudo.

- 1. Para Mourinho é fundamental cada treinador definir um modelo de jogo pessoa e único para a sua equipe, treinando sempre em função disso mesmo. Como o senhor definiria as características fundamentais do seu modelo de jogo? Quais as suas principais preocupações na perspectiva construção e aplicação no processo de treino?**

Treinador 1: É, o modelo de jogo, no caso, o esquema que a gente usa, é sempre de está “aproximando as linhas de jogo” néh, “não deixar as linhas de jogo ficar muito distanciada néh, uma da outra, por isso que eu trabalho muito em cima de trabalho reduzido para que os jogadores estejam sempre próximo do outro, néh, pra que em momento em que a gente estiver atacando, vá compacto, momento em que estiver defendendo esteja compacto”, esteja próximo um do outro, as linhas néh, defesa do meio, o meio do ataque.

Antônio Neto: Seguindo essa lógica, em termos das quatro fases do jogo (ataque, transição defensiva, defensiva e transição defensiva), poderia exemplificar alguma característica de seu modelo de jogo de tal forma que sua equipe possa se comportar mediante o jogo?

Treinador 1: É dentro dessa forma de jogo, no “momento em que a gente está sendo atacado com... pelo adversário néh, eu procuro reduzir bastante o espaço do adversário, ao mesmo tempo quando eu tenho a posse de bola eu procuro sair rápido no contra-ataque pra tentar surpreender o adversário” néh, chegando rápido na frente, tanto a defesa como o meio e o ataque, então eu recolho o time quando eu estou sem a posse de bola, mas ao mesmo tempo quando eu ganho a posse de bola eu saio rápido pra o ataque pra tentar surpreender o adversário.

Antônio Neto: Quais as suas principais preocupações na perspectiva construção e aplicação no processo de treino?

Treinador: Repetição néh. A gente trabalha muito “em cima de repetição”. Quanto mais você repetir, quanto mais você ensaiar, quanto mais você trabalhar, é... as chances são maiores de dar certo no jogo néh, eu trabalho muito em cima de repetição, de repetir várias vezes e... de insistir realmente, tanto no setor ofensivo, hora de fazer o gol, como também no setor defensivo pra que eu tenha uma defesa consistente néh, que não fique oscilando muito, ao mesmo tempo o ataque efetivo que quando a bola aparecer “ele” consiga colocar o... fazer o gol néh... sem perder muitas oportunidades.

2. Sobre isso, o Prof. Vítor Frade afirma que “mais importante que a própria noção de modelo de jogo são os princípios do modelo”. Como procura operacionalizar os seus princípios de jogo?

Treinador: Trabalhando individualmente a... a função de cada um néh, os laterais especificando mais a parte de linha de fundo e de cruzamentos néh, é... trabalhando de forma separada em determinados trabalhos pra que cada um vá melhorando na sua função, os zagueiros trabalhando cabeceios néh, trabalhando antecipação, trabalhando visão de jogo, os volantes girando a bola, então são trabalhos que a gente muitas vezes trabalha específico com cada um e depois a gente coloca em prática já no coletivo.

Antônio Neto: Neste sentido, num mesmo momento de treino como você costuma organizar as tarefas, tendo em vista a separação de jogadores por grupos (zagueiros, meias e atacantes) para se trabalhar as funções singulares?

Treinador: No primeiro momento eu faço o treino fragmentado, separado, cada um... boto os zagueiros trabalhando em um lado, atacantes trabalhando do outro, meias trabalhando do outro. Aí no segundo momento eu reúno todos, cada uma vai colocar em prática aquilo que a gente fez de início na primeira parte do trabalho. Geralmente eu procuro dividir o trabalho em duas ou três etapas, dependendo das necessidades do trabalho eu faço em duas etapas, se precisar mais um pouco eu faço em três etapas.

- 3. Atualmente quase todas as equipes trabalham o lado tático do jogo, mas aquilo que distingue a forma de trabalhar de cada equipe será a “especificidade” com que operacionaliza. Concorda com isso? Em que medida?**

Treinador: Eu procuro na minha forma de trabalhar visando a... as dificuldades em que vou encontrar no jogo, é claro que cada jogo o adversário tem uma forma de jogar, então eu tenho que tá baseando meu trabalho em cima disso, se uma equipe vem com três atacantes eu vou operacionalizar minha equipe pra que ela venha trabalhar em cima desse esquema. Se o adversário joga com 1x3x5x2, eu vou moldar meu time pra que meu jogo encaixe é... naquele jogo do adversário, isso estou falando sem a posse da bola, com a posse de bola a preocupação tem que ser do adversário, mas eu tenho que me preocupar com o adversário como todo.

- 4. Considera ser possível afirmar que o modelo de jogo é uma criação do treinador que é recriada pelos jogadores? Que estratégias você utiliza para que estes se identifiquem o melhor possível com o seu modelo de jogo?**

Treinador: Eu acredito que o modelo de jogo é criado pelo treinador néh, agora é preciso que os jogadores... eles tenham a inteligência de assimilar aquilo que é passado pra ele, não é muito fácil, porque muitas vezes você trabalha, você monta um esquema de jogo, mas dentro uma partida as coisas mudam totalmente néh, o resultado, uma expulsão, uma lesão, então são muitos fatores que fazem com que aquilo que você preparou não der certo na partida.

- 5. O Prof. Guilherme Oliveira refere que “o processo de ensino-treino-aprendizagem deve incentivar a criatividade dos jogadores em prol do respectivo modelo de jogo”. Dito isso, como você procura conciliar a criatividade individual e organização coletiva, tendo em conta o modelo de jogo desejado para a equipe?**

Treinador: Eu procuro dar liberdade aos meus atletas pra eles criarem é... dentro da qualidade de cada um, por exemplo: eu armo um esquema no meio de campo pra que o time toquem rápido a bola, mas eu também dou a liberdade quando eles estão próximo do gol, deles criarem, usarem a qualidade porque eu não posso só limitar o jogador ao esquema tático, jogador tem a qualidade dele, ele tem aquele momento de

individualismo que vai resultar no gol, então eu não posso tá só limitando o meu jogador a jogar dentro do esquema, chega o momento que eu digo “não, use a criatividade”, porque tem momento no jogo que não tem como fazer um... você tem que ir pra... usar a sua qualidade e tentar driblar o adversário e fazer o gol, não ficar um... uma coisa mecânica néh, dentro do esquema, o esquema é bom pra organizar a equipe, mas tem que ter a individualidade de cada um pra fazer com que o adversário... é... pra fazer com que nós possamos superar o adversário dentro de uma característica individual do atleta.

Antônio Neto: Qual incidência desse tipo de trabalho que vise o desenvolvimento da criatividade individual do atleta?

Treinador: Muitas vezes, até porque a criatividade tem que ser trabalhada pra que a cada momento ele venha a melhorar cada vez mais néh, então nós temos trabalhos que eu incentivo o jogador a tentar driblar o adversário, no caso o zagueiro, o atacante driblar o zagueiro néh, pra que ele faça o gol naquele momento que ele não tem como tocar pra outro... pra um companheiro, ele tem que resolver aquilo sozinho, então ele vai ter que usar a qualidade dele, a criatividade néh, a imaginação que ele tem, a visão periférica dentro da partida, então são treinamento que a gente faz visando também trabalhar essa individualidade néh, de cada um, existe trabalhos técnicos também onde ele vai melhorar, aprimorar o passe, aprimorar a condução de bola, aprimorar o domínio de bola, então tudo isso faz com que a qualidade do jogador venha a sobressair dentro do adversário no jogo.

Antônio Neto: E quanto à organização coletiva?

Treinador: Uma equipe se não for organizada, se não for bem estruturada, não adianta a qualidade do jogador porque ele vai ficar correndo em vão néh, então pra que... pra que essa qualidade que a gente falou anteriormente venha a surgir ela tem que ter uma organização, tem que ser um time organizado néh, tem que ser um time que se preocupa em fazer o gol, mas ao mesmo tempo se preocupa em não deixar o adversário fazer o gol na gente, então é importante a organização, o padrão tático o modelo que a gente usa pra que a equipe entre organizada dentro de campo, então quando a equipe tá organizada com certeza a... à individualidade do jogador vai

crescer, se estiver desorganizado dificilmente alguém vai resolver o jogo sozinho sem organização.

- 6. Um treinador, pesquisado em Porto, referiu numa entrevista, que a concentração no início da temporada serve para “os novos jogadores perceberem as ideias atuais e começassem a assimilar determinado tipo de comportamentos para procurar corrigir algumas coisas que no ano passado não estiveram tão bem...”. A que tipos de comportamentos se refere?**

(Questão anulada)

- 7. Quais as suas preocupações ao nível dos conteúdos de treino que vai seguir ao longo do microciclo semanal com vista à preparação do jogo seguinte?**

Treinador: É, depende muito do... do cronograma de partidas néh, é... nós temos algumas competições que jogam duas vezes na semana, isso limita muito os trabalhos, porque nós temos que trabalhar e ao mesmo tempo tá preocupado em não desgastar o jogador, o atleta no caso, pra partida, então existe um cuidado da gente procurar mostrar é... aquilo que a gente quer dentro da partida, mas ao mesmo tempo a preocupação em não desgastar o atleta pra partida, então é importante que no trabalho do dia a dia seja voltado... nosso trabalho tem que voltado não só também em preparar o atleta pro jogo, mas também em recuperar o atleta pro jogo. Se você tem jogo em cima de jogo, o pós jogo se torna mais importante, muitas vezes, mais que o treinamento.

- 8. A Professora Isabel Mesquita sugere que para treinar bem, é necessária uma intervenção eficaz na condução do processo de treino onde a capacidade de comunicação se revela um aspecto fundamental. Que tipo de preocupações tem na comunicação em os seus jogadores?**

Treinador: Eu procuro ter uma comunicação mais clara possível néh, quando você trabalha com jogadores de um “nível intelectual” mais avançada você pode botar mensagens mais difíceis, mais requintadas, mas quando você trabalha com outros jogadores que muitas vezes não concluiu estudos, então você tem que ter uma linguagem prática, uma linguagem... não adianta você falar em... fisiologia, não

adianta você falar em processo de aprendizagem da parte cognitiva que eles não vão entender, você tem que puxar mais pra o... no popular “no B-A BA” do futebol, o prático, porque se for ele não vai entender, se você for puxar... se você for mostrar vídeos... se você for mostrar... botar um data show e for mostrar situações em que as grandes equipes jogam eles não vão entender, então o nosso caso aqui nós procuramos sempre a linguagem mais simples pra que o jogador assimile aquilo que você quer que ele faça dentro da partida.

9. Como interpreta a intervenção do treinador em nível do exercício de treino para que haja uma melhoria no entendimento do projeto de jogo coletivo por parte dos jogadores? Em que momentos o treinador deve intervir? (Antes, durante, após...)

Treinador: Acho que em todo o processo, como você falou (A. Neto) “antes, durante e após”, porque antes você planeja aquilo que vai colocar em campo néh, durante você vai corrigir aquilo que não deu certo néh, e depois você vai fazer uma análise e ver se há necessidade de mudança néh, se há necessidade só de uma correção dentro do trabalho, então acho que esse processo de... não tem uma importância o antes, durante ou depois. Acho que todo esse... essa situação faz parte da... do processo porque dentro de uma partida acontece muitas variáveis néh, uma equipe pode estar bem, num momento pode cair de rendimento néh. Então nós temos que estar é... atento tanto no início do jogo, durante a partida e após a partida também.

Antônio Neto: E como você interpreta a sua intervenção a nível das tarefas/exercícios de treino para que haja uma melhoria no entendimento do projeto de jogo coletivo por parte dos jogadores?

Treinador: Ela tem que ser passada todos os dias, é... são exercícios que... nós fazemos nos treinamentos que com certeza eles vão usar no jogo, nós não podemos tá fazendo exercícios, movimentos dos atletas, do... no trabalho que eles não vão usar dentro da partida, então tem que ter... ser tudo voltado. Todos os exercícios que a gente faz na... tanto no.. dentro do trabalho, é.. são movimentos que eles vão ter... vão precisar no jogo, então se ele praticou aquilo ali no treinamento com certeza no jogo ele vai ter facilidade em executar aquilo que a gente pede pra eles.

Antônio Neto: No caso, você se preocupa em conciliar exercícios voltados à realidade do jogo...

Treinador: Sim, sim, a realidade do jogo, a realidade do campo néh, porque nós pegamos campos de diferentes condições, campos bons, aí nós pedimos pra que o jogador use mais a sua qualidade, quando é um jogo mais... nu campo ruim, aí a gente pede que ele use o contato menos possível néh, então são situações que a gente analisa de acordo com o que a gente vai enfrentar da partida, então não tem uma... abordagem específica, “não, nós temos que jogar dessa forma o tempo todo”, não, é mudando sempre, mudando sempre, muitas vezes eu boto o jogador mais pesado porque o jogo é mais truncado, outro eu boto um jogador mais leve porque o jogo requer o cara mais leve. Então são situações que a gente tem que atento pra mudar... muitas vezes nem sempre dar certo néh, isso aí também não é a certeza de dar certo, mas a intenção é que der certo, muitas vezes a gente acerta, muita vezes a gente erra, e é um processo que vai ser isso sempre, hum... aaa... a mudança dentro de uma partida, ela vai... não é o treinador que mexe errado, é a mudança do treinador que não deu certo, é o jogador que não entrou ali... que não entrou atento, é o jogador que não rendeu aquilo que ele rendeu no treinamento, que deu certo no treinamento mas no jogo não deu certo néh. E ainda tem outro... um “porém” que é o adversário também que dificulta, nós temos adversário lá também que tá com o mesmo objetivo que o nosso, de vencer a partida, então, éé... se eu tenho aa... é... eu não combinei com o adversário aquilo que eu vou fazer, então o adversário vai dificultar as minhas ações dentro de campo.

10. Tendo em conta que existem diferentes formas de instrução verbal/não verbal (explicações, demonstrações, diferentes tipos de feedbacks...), o que considera mais importante na intervenção de um treinador profissional?

Treinador: Eu acho que éé... onde ele descreve aquilo que ele quer, ele mostra da forma que ele quer, ele explica da forma que ele quer, tá certo! É... na minha forma de trabalho eu explico durante a semana néh, o trabalho, a forma como eu quero, mostro no quadro néh, quando chego no vestiário que é aí momentos antes da partida, eu faço uma revisão, mostro tudo aquilo que... pergunto se eles entenderam, pergunto se eles acham que é a melhor maneira mais viável de entrar em campo, tá certo! Então eu

procuro também ter retorno de lá, dos atletas, não sou eu que vou impor néh, eu mostro o sistema, quero daquela forma, mas se o atleta tiver dificuldade, achar que não vai dar certo, eu também não vou insistir porque eu sei que... que ele está tendo dificuldades, então eu procuro mostrar pra ele, procuro explicar da forma que eu quero, eu acho que essa é a... pra mim, a forma melhor que tem, você mostrar néh, o jogador ver da forma que você quer que ele entre dentro de campo, trabalhando mais pelo lado esquerdo, trabalhando mais pelo lado direito, aproximando mais da área, tá certo! Ou ficando mais próximo do meio de campo.

Antônio Neto: Que método você utiliza para realizar essa mostra ou apresentação das ideias?

Treinador: É, eu uso quadro com jogadores magnetos (placa tática magnética) néh, daquele que você movimenta os atletas néh, pra que..., cada um tem sua numeração, então eles sabem exatamente o que eu quero. Então, eu procuro mostrar dentro de campo néh, no campo com lápis mostrando a eles pra que eles assimilem, tá certo! E muitas vezes, também, se for usar data show néh, agora na nossa realidade é um pouco mais difícil porque os campos não ajudam pra você ter um local mais adequado pra você néh... colocar e mostrar... geralmente são vestiários pequenos, então isso dificulta muito, então eu procuro simplificar o máximo nesse sentido.

11. Falando especificamente sobre os feedbacks, podemos dividi-los em descritivos, prescritivos, avaliativos positivos e negativos, de questionamento e de encorajamento. Há algum tipo de feedback que considera mais eficaz e que habitualmente aplica nos treinos tendo em conta o nível de desempenho dos seus jogadores?

Treinador: Eu procuro prescrever, que é o que a gente procura mostrar a eles o que a gente quer, e o que a gente analisa depois do jogo néh. Eu tenho uma pessoa responsável que fica na arquibancada fazendo “scout” no jogo, que é analisando passes errados, perda de bola, finalizações e uma série de situações que acontece no jogo. Então após o jogo eu analiso, faço uma análise desse “scout” e passo pra eles, onde o jogador errou mais, onde ele fez mais falta, onde ele finalizou, onde teve os

escanteios, onde teve as faltas. Então, após o jogo eu procuro fazer essa análise desse “scout” e passar para os atletas pra que esse processo venha melhorar a cada jogo.

Antônio Neto: Durante o jogo ou treino, costuma utilizar algum desses tipos de feedback com mais frequência, ou deixa a atividade se desenvolver por si só?

Treinador: Eu deixo se desenvolver, mas quando eu vejo alguma coisa errada, eu paro e mostro a forma que quero. Se eu vejo... por exemplo: eu peço pra o time trabalhar rápido a bola, quando eu vejo o jogador conduzir além daquilo que eu quero, eu paro, e boto pra ele conduzir da forma que quero, tá certo! Agora dou a liberdade pra um atleta criar na forma... na hora que precisa criar, agora eu paro o treino normalmente que eu acho que tem a necessidade de parar, porque quando se desmantela um pouco o time, quando se desorganiza, o padrão fica... se desmanchou aquele padrão néh, eu tenho que parar, eu não posso deixar tudo desorganizado, é minha função parar, organizar, repetir até que o time fique entrosado, aí as coisas começam a fluir melhor.

12. Sobre isto, a Professora Isabel Mesquita refere-se à importância pertinente do feedback ser específico e focado nos objetivos que orientam e regulam o processo de ensino-treino-aprendizagem. Considera pertinente esta preocupação? O que é para você intervir de forma específica quando se lida com jogadores profissionais?

Treinador: É quando o jogador erra no jogo néh, várias situações, então eu tenho que corrigir durante a semana aquilo que ele não executou especificamente. Eu puxo ele, mostro no “scout” o que ele... a quantidade de bolas que ele falhou, que é a função dele. Então ele vai trabalhar específico, vai repetir, vai aprimorar pra que no jogo ele venha a ter resultado melhor. Então, de acordo com aquilo que foi passado pra mim no “scout” os erros de cada um é avaliado individualmente, aí eu procuro melhorar, se eu vejo minha defesa pegando muita bolas aéreas, então eles vão trabalhar mais pra que no jogo não venha acontecer esse... essa falha. Então vão trabalhar específico, cada um fica trabalhando específico da situação, e quando a coisa tá boa também, tá funcionando, é o momento também de continuar trabalhando pra que melhore cada vez mais.

- 13. Um autor (Daryl Siedentop) sugere a importância de uma intervenção baseada na colocação de questões ou como refere Mourinho “descoberta guiada”, sugerindo as opções possíveis para cada situação. Qual a incidência deste tipo de intervenção aplicada nos seus treinos? E se concorda com isso?**

Treinador: É... essa questão de futebol, futebol é muito amplo, é muito... cada um tem uma visão néh, ninguém pode dizer que a visão de um tá ultrapassada ou que a visão de outro é a visão certa. Se você analisar direitinho cada autor vai ter uma visão diferente uma da outra, cada um vai ter a sua utilidade néh. Eu na minha visão, eu acredito que o objetivo dos trabalhos, a intensidade dos trabalhos é que faz com que você consiga seus objetivos, é a repetição como eu falei em perguntas anteriores, é tá sempre repetindo, o jogador que tá sempre... repetindo, repetindo, repetindo pra que no jogo a única oportunidade que ele tiver, ele vai ter que... ele não vai ter outra oportunidade, então ele vai ter que... que fazer o gol, ou vai ter tirar uma bola, ou vai ter que deixar um companheiro na cara do gol. Então se ele tá bem treinado, consequentemente, as chances dele acertar vai ser maior. E essa questão de minha visão, é uma visão individual néh, não estou dizendo que minha a visão é a visão certa, mas eu procuro colocar em prática aquilo que acho, a minha vivência no futebol. Trabalhei com grandes treinadores, procuro também captar muitas situações que eu vivi, que eu aprendi, que eu vejo nos noticiários. Então é um apanhado de situações que você vai analisando cada uma e ver aquela que se adéqua melhor ao seu sistema de jogo.

Entrevista Semi-estruturada T II (Não-Licenciado)

Data: 23/12/2014 **Início:** 15:24 h **Término:** 15:38 h

Alguns dados serão codificados e trocados por algarismos no sentido de manter a confidencialidade dos treinadores e das equipes em estudo.

- 1. Para Mourinho é fundamental cada treinador definir um modelo de jogo pessoa e único para a sua equipe, treinando sempre em função disso mesmo. Como o senhor definiria as características fundamentais do seu modelo de jogo? Quais as suas principais preocupações na perspectiva construção e aplicação no processo de treino?**

Treinador 1: Meu modelo de jogo se caracteriza no equilíbrio das ações ofensivas e defensivas, respeitando as características individuais dos jogadores. Me preocupo em idealizar treino que leve o jogador a desempenhar funções.

Antônio Neto: Você poderia exemplificar alguma característica do seu modelo levando em consideração as quatro fases do jogo (Transição ofensiva, ofensiva, transição defensiva e defensiva)?

Treinador 1: Enfim, o... principalmente no que se refere a transição de jogo defensivo pra o setor ofensivo, eu trabalho principalmente com jogadores que ficam desempenhando funções no meio campo, certo! é de fundamental importância o entendimento entre o setor de meio campo, tanto do setor defensivo como do setor ofensivo, e o trabalho deles é fundamental para essa transição acontecer com sucesso.

2. Sobre isso, o Prof. Vítor Frade afirma que “mais importante que a própria noção de modelo de jogo são os princípios do modelo”. Como procura operacionalizar os seus princípios de jogo?

Treinador: É... eu procuro sempre verbalizar as ideias para o modelo de jogo e praticá-las em treino, são muito importantes.

3. Atualmente quase todas as equipes trabalham o lado tático do jogo, mas aquilo que distingue a forma de trabalhar de cada equipe será a “especificidade” com que operacionaliza. Concorda com isso? Em que medida?

Treinador: Eu concordo. O trabalho específico é um dos fatores que constitui a qualidade do jogo néh. E a medida toda porque é trabalhando de forma específica que o jogador entende aquilo que é preciso fazer dentro da partida.

Antônio Neto: Quando me refiro à “especificidade” estou falando sobre os conhecimentos específicos que são trabalhados dentro/fora de campo, podes me exemplificar algum tipo de conhecimento específico?

Treinador: Tudo que constitui a qualidade faz com que o trabalho específico seja importante pra essa qualidade também construída, porque é... o trabalho é realizado durante a semana de forma a levar o atleta de cada posição para desenvolver a função e, praticar na sua perfeição. Então, o trabalho específico desde o trabalho defensivo que envolve os atletas que jogue nessa zona de campo, no meio campo, jogadores que jogam tanto desarmando como armando e, também, jogadores que jogam na área ofensiva do campo, esse trabalho é feito de forma que os jogadores finalizem néh, o trabalho específico de cruzamento, de cabeceamento, de passe. Tudo isso é trabalho específico, então isso constitui realmente uma qualidade muito boa de jogo.

4. Considera ser possível afirmar que o modelo de jogo é uma criação do treinador que é recriada pelos jogadores? Que estratégias você utiliza para que estes se identifiquem o melhor possível com o seu modelo de jogo?

Treinador: Eu considero sim. Eu utilizo sempre palestras e pré-eleições antes de treinos e jogos, pra deixá-los unidos de informações acerca do que se pretende pra o jogo que se segue.

Antônio Neto: Qual a incidência dessas palestras durante o microciclo semanal?

Treinador: Dependendo do tempo néh, se for uma semana cheia, iniciamos os trabalhos desde a segunda feira pensando no jogo no final de semana, no domingo. Pelo menos umas três palestras nós fazemos e, também, isso inclui uma palestra na véspera do jogo e uma pré-eleição ainda no vestiário antes do jogo.

5. O Prof. Guilherme Oliveira refere que “o processo de ensino-treino-aprendizagem deve incentivar a criatividade dos jogadores em prol do respectivo modelo de jogo”. Dito isso, como você procura conciliar a criatividade individual e organização coletiva, tendo em conta o modelo de jogo desejado para a equipe?

Treinador: Respeitando sempre a organização coletiva, que é importante respeitar porque o futebol... ou uma equipe não é feita com um ou dois atletas, mas sim o coletivo, pelo menos de onze pra iniciar. Mas no contexto do trabalho temos pelo menos de vinte sete a vinte oito atletas. Então, respeitando sempre essa organização coletiva, é importante considerar a criatividade individual que trás um resultado positivo. Então, desde que essa criatividade individual esteja inserida dentro de um contexto coletivo, nós temos que considerar que ela é importante para um resultado positivo no final.

- 6. Um treinador, pesquisado em Porto, referiu numa entrevista, que a concentração no início da temporada serve para “os novos jogadores perceberem as ideias atuais e começassem a assimilar determinado tipo de comportamentos para procurar corrigir algumas coisas que no ano passado não estiveram tão bem...”. A que tipos de comportamentos se refere?**

(QUESTÃO ANULADA)

- 7. Quais as suas preocupações ao nível dos conteúdos de treino que vai seguir ao longo do microciclo semanal com vista à preparação do jogo seguinte?**

Treinador: Me preocupo em desenvolver trabalhos que mostra que vamos fazer frente ao nosso adversário. Então, sempre visando o jogo seguinte, nós desenvolvemos trabalhos já com informações quase que na precisão dos adversários néh, o desafio se é o jogo em casa ou jogo fora. Tudo isso faz parte e nós desenvolvemos trabalhos visualizando... e fazendo todo uma preparação para esse jogo que é o adversário que tem pela frente e, é... e que ele mostre... passe a ideia realmente pra os jogadores absorverem todas ideias pensando no próximo adversário.

Antônio Neto: A partir de qual dia do microciclo semanal você tem a preocupação em abordar os conteúdos voltados ao jogo seguinte?

Treinador: Levando em consideração a semana cheia, a partir da quarta feira, na metade do microciclo, já se tá trabalhando a parte tática pro jogo de domingo.

- 8. A Professora Isabel Mesquita sugere que para treinar bem, é necessária uma intervenção eficaz na condução do processo de treino onde a capacidade de comunicação se revela um aspecto fundamental. Que tipo de preocupações tem na comunicação em os seus jogadores?**

Treinador: Prezo muito pela comunicação, pois entendo que o jogador deve saber as pretensões do treinador acerca do treino, porque é do treino é que se vai levar para o jogo todas as pretensões do treinador. o jogador tem que entender na perfeição quais são as pretensões néh, a ideia real, ou o projeto ou pelo menos a estratégia pra o jogo que se segue.

- 9. Como interpreta a intervenção do treinador em nível do exercício de treino para que haja uma melhoria no entendimento do projeto de jogo coletivo por parte dos jogadores? Em que momentos o treinador deve intervir? (Antes, durante, após...)**

Treinador: Para mim, todos os momentos são oportunos. O antes, é exatamente o momento em que você tá transmitindo, passando todas as informações possíveis, o durante é porque... é o processo, nós estamos dentro do processo e, o após é, exatamente, a preparação da continuação néh, existe uma continuidade, o trabalho não se encerra por ali, e desde que não chegue o ponto final da competição os momentos são sempre oportunos.

Antônio Neto: Ao nível de exercícios, como você interpreta a sua intervenção para que haja uma melhoria no entendimento do projeto de jogo coletivo por parte dos jogadores?

Treinador: Levando sempre em consideração a questão, também, de cada jogador ter sua personalidade, ter a sua característica, a comunicação é importante... é importante, também, você conhecer bem o atleta, é por isso que existe um período chamado de pré-temporada, que é o momento onde não só você conhece o atleta jogador, como, também, o atleta pessoa como cidadão néh, que você tem que saber lidar com aquele profissional pra ele ter um grande rendimento dentro daquele trabalho. Então, eu vejo

que a informação que se passa dentro do trabalho é importante nós exigirmos do atleta que ele execute com perfeição aquilo que se está fazendo.

10. Tendo em conta que existem diferentes formas de instrução verbal/não verbal (explicações, demonstrações, diferentes tipos de feedbacks...), o que considera mais importante na intervenção de um treinador profissional?

Treinador: A instrução verbal, ela é de grande importância. E no que se refere à explicativa e demonstrativa, principalmente, são muito importante. Porque a explicativa você vai lançar pra o atleta... explicar pra ele qual é o objetivo do treino, e quais são os resultados após o treino e o que se vai levar para o jogo. A demonstrativa vai variar de profissional pra profissional, porque, pelo menos, no meu caso ainda tenho condição física pra mostrar... de forma, realmente, demonstrativa como se fazer. Já tem outros profissionais talvez por conta de fisicamente não ter essa condição, ou não ter uma certa habilidade ou não foi um profissional, jogador de futebol, talvez tenham um pouquinho mais de dificuldade, mas usam de outros recursos néh, como vídeo, talvez um auxiliar pra demonstrar, mas, eu acho importante a explicação e a demonstração, realmente, na prática de como deve fazer.

11. Falando especificamente sobre os feedbacks, podemos dividi-los em descritivos, prescritivos, avaliativos positivos e negativos, de questionamento e de encorajamento. Há algum tipo de feedback que considera mais eficaz e que habitualmente aplica nos treinos tendo em conta o nível de desempenho dos seus jogadores?

Treinador: Pra mim, todos têm a sua importância. Mas eu gosto muito da avaliação positiva e negativa e, também, de encorajamento, porque quando se faz a avaliação positiva e negativa você expõe o desempenho do atleta, e o encorajamento é exatamente pra fazer levar o atleta a buscar sempre o melhor. Por isso que essa avaliação positiva e negativa, seguida de encorajamento, eu acho que é de suma importância pra o desenvolvimento de um bom trabalho.

12. Sobre isto, a Professora Isabel Mesquita refere-se à importância pertinente do feedback ser específico e focado nos objetivos que orientam e regulam o processo

de ensino-treino-aprendizagem. Considera pertinente esta preocupação? O que é para você intervir de forma específica quando se lida com jogadores profissionais?

Treinador: A orientação é fundamental, acredito que orientar o atleta é deixar ele unido de informações e deixar ele preparado para as diversidades que ele vai encontrar dentro da partida, os seus erros, um adversário pela frente, e circunstâncias de jogo. Então, orientar, motivar e exigir conforme a medida possível.

Antônio Neto: Você acha pertinente essa preocupação? Em que medida?

Treinador: Eu acredito que sim. Porque é... uma competição de... ou se tratando de um profissional de alta competição, ele deve ter orientado, motivado, mas, também, exigido dentro da medida do possível, respeitando, também, toda sua capacidade, não se pode exigir de quem não pode dar. Mas... tratando de profissionais que vivem disso, acredito que é possível, sim, isso acontecer.

13. Um autor (Daryl Siedentop) sugere a importância de uma intervenção baseada na colocação de questões ou como refere Mourinho “descoberta guiada”, sugerindo as opções possíveis para cada situação. Qual a incidência deste tipo de intervenção aplicada nos seus treinos? E se concorda com isso?

Treinador: Quase nenhuma. Porque eu praticamente discordo dessa ideia. Mas... é pra mim, é quase nenhuma. A questão da descoberta guiada é uma ideia particular, mas ela é muita vaga, ela é muito solta néh, ela deixa muitas brechas, aí como não é fundamentada, é... em algo que nos der segurança, então pra mim é quase nenhuma.

ANEXO B

Observação Sistemática – Treinador I

Os nomes próprios foram substituídos por “jogador 1”, “jogador 2” ou “jogador 3” por forma a garantir a confidencialidade do treinador e da equipe em estudo.

Treino nº1

Exercício nº1

- Isso, aí pode receber a bola...
- Lembrando, cobra da equipe laranjinha aí jogador 1, pra ele fazer o gol...
- Isso, rouba a bola e joga com o branco...
- Vai jogar, vai jogar, vai jogar... isso! Trabalha a bola... dois toques na bola, dois toques na bola!
- Isso... Trabalha a bola jogador 1, trabalha a bola... isso! dar opção, dar opção jogador 2...
- Pode, pode passar... Dar continuação aqui ó... Finalizou continua...
- Adianta jogador 1, adianta jogador 1... Isso jogador 2, participa jogador 2...
- Vai girando, vai girando, vai girando rápido, vai girando rápido!
- Vai jogador 1, vai jogador 1... Isso jogador 2! Vem com jogador 3, só deixa o curinga! Só deixa o curinga!
- Vamos jogador 1...
- Vai girando jogador 1, vai girando... pede jogador 2! Pede jogador 3!
- Joga em jogador 1, joga em jogador 1...
- Marca, não deixa passar... não deixa passar...
- Vamos jogador 1, vamos jogador 1...
- Vai jogador 1, diminui (o espaço) jogador 1... Joga jogador 2, joga jogador 2...
- Vai, marca! Marca o restante! Isso! Tá valendo!
- Joga jogador 1!
- Dar opção! Vem jogador 1, vem jogador 1!
- Joga jogador 1, joga jogador 1... trabalha essa bola, trabalha essa bola!
- Vamos gente! Trabalha rápido, trabalha rápido!
- Vai girando, vai girando jogador 1... Vai girando jogador 2, vai girando jogador 2! Ver daí o jogo, ver daí o jogo jogador 2... não, não!
- Borá, borá jogador 1, borá jogador 1...
- Rouba a bola, rouba a bola!

- Olha o passe que você deu jogador 1...
- Opa! Sai aí em jogador 1, sai aí em jogador 1 jogador 2... rápido jogador 1, rápido!
Pensa rápido!
- Deixa só o curinga jogador 1...
- Olha aí, olha aí ó! (má marcação)
- Encosta jogador 1, ele não pode receber livre jogador 1!
- Trabalha essa bola, trabalha essa bola! Joga, joga, joga rápido, joga rápido...
- Isso jogador 1, não deixa ele receber jogador 1...
- Isso! Força em jogador 1, força mesmo jogador 2... (pressão na marcação) isso! Vai jogar aqui, vai jogar aqui... isso... joga rápido, joga rápido...
- Capricha jogador 1, olha o passe errado no que dar?
- Isso jogador 1... dar opção, dar opção...
- Joga, joga jogador 1... dar opção, dar opção jogador 2... Diminui jogador 3... Isso, boa bola! Aí jogador 4!
- Problema é aqui, errou o passe, não adianta... Vai rápido, vai rápido, trabalha rápido essa bola, vai rápido... não erra esse passe jogador 1, não erra esse passe...
- Vai girando, vai girando... isso! Vai girando, vai girando... olha o espaço, olha o espaço aqui!
- lá atrás, isso jogador 2... vai jogador 2, faz um/dois...
- Isso, diminui, cada um pega um, cada um pega um jogador 1...
- Conversa! Tá muito calado jogador 1, tá muito calado...
- Vai jogar, vai jogar jogador 1! A bola passou pra aqui já é homem a homem, tá certo? Passou pra cá já encaixa a marcação...
- Passou pra aqui já encosta mano a mano, já é livre...
- Aqui ainda não, aqui ainda não, só aqui que é livre...
- Dar opção, dar opção jogador 1, dar opção jogador 2... dar opção...
- Cai nas costas, cai nas costas jogador 1...
- Falta, falta aí...
- Vem pra aqui, quando passar pra aqui é mano a mano também hem?...
- É livre, é livre a bola, ele está livre, vamos meu filho... (chute livre)
- Aí tá mano a mano, quem está com jogador 1?, quem está com jogador 2?... encosta a marcação, encosta a marcação...
- Diminui jogador 1, diminui espaço dele... diminui jogador 2, diminui jogador 2... pode dar aqui jogador 3, isso! Pode, pode é opção dele, é uma equipe só...

- É você que tem que está lá, viu jogador 1, que tem que roubar a bola dele...
- Encosta jogador 1, encosta jogador 1... jogador 2, jogador 2, marca próximo jogador 2... vai com ele, vai com ele jogador 3...
- Quem errou? Joga lá com branco...
- Jogador 1, jogador 1! Não vai poder passar não viu, você, se não vai ficar fácil, vai todo mundo tocar em você, você só pode jogar com a posse de bola, não pode passar não a bola, viu?...
- De quem é?... Para aê, quando a bola sair do lado ou atrás, é sempre que estiver atacando é que vai ter a vantagem, tá certo?, é só quando o goleiro pegar é que joga com a equipe laranja, tá certo?, não valeu não esse gol, tá certo?, porque ficou na dúvida por falta de explicação, tá certo?... então tá valendo agora, mano a mano... saiu do lado, começa quem está atacando...
- Vamos jogador 1, faz o gol jogador 2...
- Marca, cadê a marcação?, isso, isso... encosta jogador 1, próximo dele jogador 2... Calma, sem falta néh...
- Vai jogador 1, tá valendo lá... encosta nele jogador 2, diminui o espaço dele jogador 1... chega com ele jogador 3, boa jogador 3, vai embora jogador 3...
- Vamos jogador 1...
- Cochilou jogador 1... (expressão negativa)
- Cadê a marcação de jogador 1?... Toca no jogador 1... tá valendo... cochilou jogador 1, cadê a orientação ao jogador 1 aí?
- Vai com ele jogador 1...
- Mano a mano... Vai com ele, vai com ele jogador 1, diminui... ele não pode fazer gol, jogador 2... jogador 2 não pode fazer gol... encosta a marcação... boa jogador 1... vem, vem buscar, encosta a marcação, encaixa, encaixa, encaixa a marcação jogador 2, diminui o espaço dele... vai com teu jogador 3, vai com teu jogador 3, diminui... jogador 2 não pode fazer gol, jogador não pode...
- Olha aí jogador 1, olhou pra bola, olhou pra bola!
- Vem, vem, vem... jogador 1 esquece a bola, esquece jogador 2, é o seu... vai, vai, vai embora jogador 3, vai embora jogador 3...
- Diminui jogador 1, chega, chega jogador 1, bota a frente dele...
- Marca o seu, marca o seu, ele não vai ter opção, ele não vai ter opção...
- Falta, falta, falta... vem aqui jogador 1... falta, falta, levar cartão numa falta dessa, rapaz?...

- Sai dele, sai dele... joga, joga jogador 1, vai, passa dele jogador 1, passa dele, boa jogador 1...
- Vamos jogador 1...
- Sai de trás, sai de trás, fala jogador 1, puxa o time... sai jogador 2... Sai lá, sai lá, aí foi roubo! (violou a regra)
- Isso jogador 1...
- Dar opção jogador 2... Trabalha a bola, dois toques na bola...
- Vai jogador 1, chega , chega... vamos, vamos... não deixa os caras passarem aqui ó, toda hora os branquinhos (equipe branca) passam aqui...
- Trabalha a bola, trabalha a bola... isso jogador 1... vai tocando, vai tocando...
- Vamos jogador 1, recupera jogador 1, jogador 2 não pode passar... joga jogador 3...
- Cuidado jogador 1... cuidado... valeu jogador 2...
- Pode dar opção aqui ó! (estimula a equipe se movimentar)
- Vai jogar, vai jogar equipe laranja, dar opção, sai do canto... isso! Vai trabalhando a bola! Dar opção equipe laranja... isso jogador 1...
- Trabalha a bola, trabalha a bola... vai girando,vai girando... dar opção, dar opção jogador 1... tira a bola jogador 2, isso...
- Não pode perder essa bola jogador 1, dar o adversário! Capricha jogador 1... capricha jogador 2... (controlar bem a bola) tá valendo, tá valendo... vamos finalizar! Cobra da equipe laranja o gol... cobra jogador 3 o gol da equipe laranja, cobra jogador 3...
- Vai jogar, pede jogador 1...
- Vem jogador 1, vai trabalhando, vai trabalhando... dar opção na frente jogador 2... isso! Trabalha a bola... 2x0 para equipe branca, tá só olhando a equipe laranja, vamos [...] queira aqui, queira no jogo...
- Joga, joga jogador 1... isso, isso... vai, vai, joga, joga rápido...
- Vem, vem com ele, vem com ele jogador 1...
- Passou pra aqui é mano a mano agora, certo? Passou pra aqui é mano a mano... jogador 1 e 2 aqui é mano a mano, ok? Mano a mano aqui, viu? Jogador 3 não passa...
- Encosta jogador 1, encosta jogador 1... vai embora, vai embora...
- Vai embora jogador 1, vai embora jogador 1... joga jogador 2, joga jogador 2...
- Não, não, sai dele jogador 1... aí é jogador 2...
- Jogador 1, jogador 1, só pode jogador 1... falta, falta...

- Capricha jogador 1, capricha jogador 1... cobra de tua equipe jogador 1... vamos equipe laranja! Vamos jogador 2, vamos jogador 3... ai jogador 3 no cochilo... [...] a equipe laranja dar um chute no gol hem... equipe laranja não dar um chute a gol!
- Vai com ele jogador 1, vamos jogador 1... isso [...]
- Vai jogar jogador 1, vai jogar jogador 1... vamos jogador 2, vamos jogador 2, não desiste...
- Vai girando, vai girando... cadê a marcação de jogador 1 jogador 2? Diminui jogador 3... Chega jogador 2...
- Você fica cochilando, erra um passe desse ó, aí no jogo erra do mesmo jeito...
- Isso jogador 1, boa jogador 1, vai com ele, boa jogador 1... diminui jogador 2, diminui jogador 2... isso, fica com seu, deixa ele trabalhar lá... são 5 minutinhos só, individual...
- Isso jogador 1, trabalha a bola... vai, vai...
- Borá, essa bola aí foi dividida!
- Chega, chega jogador 1, força o erro jogador 1, força o erro, sem falta, força sem falta...
- Chega jogador 2, joga em pé... valeu! Cadê o do jogador 3?, cadê o do jogador 3? (marcador do jogador 3)
- Boa, vai jogar, vai jogar...
- Borá jogador 1, borá jogador 1, desistiu jogador 1?
- Olha esse passe jogador 2? Olha esse passe jogador 2? (expressão negativa)
- Esquece jogador 1, esquece jogador 1... Jogador 1 não faz gol, jogador 1 não faz gol... vamos equipe laranja, vamos equipe laranja, não deu um chute no gol, não deu um chute a gol...
- Vai jogador 1!
- Vai, vai com ele jogador 1... isso! Sem falta, sem falta... boa,boa jogador 1... vai embora com ela (bola) jogador 1, vai embora com ela jogador 1...

Exercício nº2

- É, tem que chutar jogador 1, tem que chutar jogador 1, só faz gol quem chuta...
- Bota no chão jogador 1... dar opção jogador 2... isso, tem pressa não...
- Vamos, vamos, olha aí ó!
- Acompanha jogador 1, acompanha jogador 1...
- Chega jogador 1... chega jogador 2... vamos jogador 3, vamos jogador 3...

- Marca, marca, marca...
- Vem, vem, vem... sai de trás, sai de trás...
- Chega jogador 1, chega jogador 1... dar opção jogador 2, dar opção jogador 3...
- Toca jogador 1... recupera jogador 2, recupera jogador 2...
- Vai girando, vai girando jogador 1... vai levando jogador 2, faz o gol jogador 3... ah jogador 4, vamos jogador 4...
- Aqui, aqui! a bola é do lado de cá, a bola é do lado de cá... (duas bolas em campo)
- Diminui o espaço, diminui o espaço jogador 1...
- Vai, joga, joga, joga... joga a equipe branca... vamos a equipe laranja, vamos...
- Trabalha a bola rápido, trabalha a bola rápido... diminui o espaço!
- Tá acabando o tempo da equipe branca hem, tá acabando o tempo...
- Foi gol? Foi fora, não tem precisão de tá... [...] não vamos... (expressão negativa da conduta dos jogadores)
- Vem, vem aqui, muito tempo ali, muito no lado de lá, muito tempo...
- Tem que chutar jogador 1, a finalidade do trabalho, também, é chutar...
- Marca, marca jogador 1...
- Diminui, diminui o espaço dele jogador 1...
- Não passa! Jogador 1 não passa... (norma do jogo em que o jogador não pode passar a linha delimitada)
- Acompanha! Isso jogador 1, vai embora jogador 1...
- Vamos jogador 1, ficou longe jogador 1, ficou longe...
- Oh jogador 1, não pode errar um passe desse, olha o prejuízo do passe errado... encosta no seu jogador 1, encosta no seu jogador 1, ele é seu. Jogador 2 olha a bola não, olha o cara, olha o cara jogador 2, acompanha, acompanha. Boa!
- Vai jogar jogador 1, vai jogar jogador 1, vai com ela dominada jogador 1, fecha jogador 1!
- Mano a mano, cadê a do jogador 1?
- Vai com ela jogador 1... isso jogador 1
- É o seu jogador 1, é o seu!
- Vai embora jogador 1, vai embora jogador 1... Chega jogador 2... bora jogador 3, participa jogador 3, ela viajar, pode ir nela...
- Sem falta, sem falta...
- Não, jogador 1 não, jogador 1 não vale gol, cada um marca o seu, jogador 1 não pode fazer gol...

- Tá valendo, tá valendo, não para jogador 1, encosta, encosta jogador 1, é seu...
- Vai embora jogador 1... Cadê jogador 2?
- Vamos jogador 1, diminui esse espaço, diminui esse espaço, diminui o espaço dele...
- Boa, boa jogador 1...
- Diminui o espaço dele, isso, isso jogador 1! Deixe o outro lá, deixe o outro lá que o outro se vira, companheiro se vira , acompanha jogador 2...
- Vai! Adiantou, adiantou... vai com ele jogador 1...
- Ah jogador 1, tá marcando longe, tá marcando longe, tá deixando o atacante virá, tá deixando virá...
- Diminui jogador 1, vai com ele jogador 1, esquece o outro jogador 1, esquece o outro... lá é seu, lá é seu...
- Vai com ele jogador 1, vai jogar jogador 1...
- Vai jogar jogador 1, não desiste jogador 1...
- Não pode passar (regra) jogador 1...
- Cochilou, cochilou jogador 1...
- Valeu, valeu jogador 1, chega jogador 2...
- Chega, chega, diminui, cadê o jogador 1?, cadê aqui jogador 2?
- Vem, vem com ela jogador 1, cadê o jogador 2?, olha aí ó, cochilou!
- Dar opção pra ele, dar opção pra ele, isso... ah jogador 1, terceiro passe errado?, capricha rapaz, teu forte era o passe, capricha, não fica... se cobra mesmo!
- Joga, joga, joga...
- Acompanha jogador 1...
- Boa jogador 1, vai embora jogador 2...
- Vai jogador 1, tira o chute, vem jogador 2, tira o chute...
- Vamos, vamos, não desiste, não desiste!
- Isso jogador 1, cadê o (marcador) do jogador 1?
- Vai acompanha, vem jogador 1, vem jogador 1...
- Dois toques na bola, dois toques na bola...
- Vai pra ele, vai pra ele! (passe)
- Borá jogador 1...
- Faz o gol, faz o gol, [...] debaixo da barra (traves) chuta pra fora?
- Diminui, diminui... (espaço)
- Rápido, rápido, vai jogar, vai jogar... vem pra ele, jogador 1 não pode passar não...

- Capricha, capricha, é esses passes que acabam com a gente, passes errados aqui complica com a gente...
- Vamos jogador 1, aqui, aqui... Isso, isso, pode ser opção, pode ser opção, por que não?
- Ah, vamos caprichar jogador 1, é muito passe errado velho...
- Isso, dar opção! Cadê um aqui ó? pra diminui o espaço dele!
- Acorda jogador 1...
- Tá valendo, tá valendo, não para, não para!
- Encosta, encosta nele, encosta nele... (diminuir espaço)
- Vem, vem, vem jogador 1. Sai de trás, sai de trás, empurra jogador 2, empurra jogador 2, empurra o time jogador 2... sai de trás, sai de trás...
- Vai jogar jogador 1, vai jogador 1... vai jogar!
- Tá valendo, tá valendo, joga jogador 1 com a equipe laranja...
- Chega, chega jogador 1. Chega, chega, vamos jogador 2...
- Vai pra bola, vai pra bola, chega na bola jogador 1...
- Chega na área...
- Faz um dois...
- Sai de trás, sai de trás...
- Trabalha, trabalha a bola, vai na bola jogador 1...
- Boa jogador 1...
- Tá valendo, tá valendo, tá valendo!
- Trabalha, não é obrigado passar na agonia, jogador 1 não passa...
- Aqui é mano a mano no lado de cá hem...
- Isso, isso! Cobra de jogador 1, vai pra ele, vai pra ele...
- Joga rápido, joga rápido...
- Mano a mano, vai com ele, vai com ele!
- Cadê jogador 1, cadê jogador 2? (marcação e pressão no portador da bola)
- Mano a mano, cadê jogador 1? Bate com ele jogador 1, tá longe dele demais... vai com ele!
- Vem, vem, vem jogador 1, diminui o espaço dele, mano a mano aqui...
- Encosta no teu jogador 1...
- Isso jogador 1...
- Vai, vai, joga, diminui o espaço dele jogador 1, diminui o espaço...
- Faz o gol jogador 1...
- Cadê o jogador 1...? (no espaço vazio)

- Vamos jogador 1, olha o teu jogador 1...
- Não, não, sem pressa, cadê? Dar opção pra jogador 1, dar opção! Cobra opção jogador 1...
- Vai embora jogador 1, vai com jogador 2...
- Encosta no teu jogador 1, deixa o jogador 2...
- Vai jogador 1...
- Vai pra trás, vai pra trás, encosta no jogador 1...
- Porra que passe hem jogador 1...
- Valeu, valeu jogador 1, valeu jogador 2...

Exercício nº3

- Vai faz o gol, é pra fazer o gol, 2-1 tem que sair o gol... vai jogador 1, sai da área, sai da área...
- Capricha jogador 1, pega o da frente, esquece o outro...
- Vem, vem, vem... agora volta, agora volta...
- Faz o gol jogador 1... tira daí jogador 2, isso!
- Rápido, rápido, faz o gol jogador 1, sai da área...
- Chega, faz o gol, vamos jogador 1, sai da área, sai da área...
- Faz o gol, um dois, um dois, ah não tem que esperar que os caras chegue...
- Isso jogador 1, vamos, vamos!
- Faz o gol jogador 1, isso, sai da área jogador 1, sai da área jogador 1, vem, vem, vem, faz o gol jogador 1...
- Faz o gol! Boa jogador 1, sai da área...
- Vem, vem aqui jogador 1, não desiste, não desiste...
- Faz o gol, confere! Sai da área, vem jogador 1...
- Chega, chega, chega, puxa jogador 1, faz o gol...
- Vamos, vamos jogador 1, ah jogador 1, bate com mais tesão jogador 1, faz o gol...
- Ah, capricha jogador 1, vem, vem, vem... sai da área, sai da área jogador 2...
- Faz o gol, faz o gol, não tem o que pensar, isso!
- Olha aqui, aqui, aqui... sai da área! Isso jogador 1...
- Faz o gol, faz o gol, vamos jogador 1, [...] jogador 1, faz o gol! Vamos evoluir jogador 1, vamos evoluir velho...
- Chega, chega jogador 1, isso! Sai, sai da área, sai da área... tira forte jogador 1, tira forte...

- Faz o gol, faz o gol...
- Vem, vem, vem jogador 1, sai da área jogador 1, sai da área...
- Vem, sai da área, sai da área, não, não jogador 1, não jogador 2...
- Usa a experiência, vai, vai, joga, joga... Chega!
- Capricha, capricha essa bola [...]!
- Puxa jogador 1, vamos jogador 2, vamos jogador 3, olha lá chegando...
- Vem,vem, puxa jogador 1...
- Borá jogador 1, faz o gol... olha aqui, olha aqui ó! Isso jogador 1...
- Borá jogador 1, pega o primeiro jogador 1, pega o primeiro...
- Isso, aí o jogador 1 chega, vem jogador 2, vem jogador 2...
- Vem, vem, aqui, aqui, vem aqui jogador 1, capricha!
- Chega, chega jogador 1, isso! Coisa linda! Valeu jogador 2...
- Passa por trás jogador 1, passa por trás jogador 1, não precisa pensar jogador 1...
- Boa, boa jogador 1...
- Vem, vem jogador 1, sai da área jogador 1, sai da área... puxa jogador 1,puxa jogador 1... (avança a defesa)
- Um dois,um dois, faz o gol, não tem o que pensar não. Ah garoto, tira do goleiro... (chute colocado tirando do alcance do goleiro)
- Vem,vem, vem jogador 1, aih! Não pode errar um passe desse, 2x1 jogador 1, situação de jogo jogador 1...
- Isso jogador 1, aqui, aqui, aqui ó, isso! Capricha jogador 2, capricha jogador 2. Boa, isso, tira do meio, tira do meio...
- Isso jogador 1, cochilou, o zagueiro chega rasgando (livrando a bola de zona de risco)...
- Chega, chega jogador 1, ah jogador 2, tira jogador 2...
- Puxa o segundo jogador 1 (marcação), chega jogador 1! Boa jogador 1, confere, confere! Isso jogador 1, boa jogador 2...
- Sai da área, sai da área. Vem na área jogador 1, vem na área jogador 1,capricha jogador 2, capricha jogador 2...
- Isso, isso jogador 1, não tem brincadeira, sai da área...
- Vai, diminui espaço, não toma gol...
- Não toma o gol, isso, tira o chute jogador 1 (impedir a finalização), não vai tomar o gol...
- É, se der o espaço, os caras vão chutar, tira o espaço deles...

- É, boa jogador 1, no lado contrário, no contra pé do goleiro, boa...
- Cuidado nessas bolinhas, boa...
- Borá jogador 1, solta o pé jogador 1, poderia ter feito jogador 1, poderia ter feito...

Treino nº2

Exercício nº1

- Não pega em cima, não pega em cima jogador 1, pode jogar jogador 2...
- Trabalha essa bola com rapidez, isso! Trabalha com rapidez... mais rápido...
- Vai levando jogador 1 (condução de bola)...
- Vai jogar, sai pra ele jogador 1...
- Vai jogador 1, não saiu jogador 1...
- Aperta, aperta, faz ele quebrar (tirar a bola de zona de perigo).
- Não deixa ela (bola) sair...
- Vamos gente, joga, joga, vai fechando do lado, vai fechando do lado... vem jogador 1, vem jogador 1, isso, isso!
- Rouba, rouba...
- Agiliza jogador 1, trabalha essa bola mais rápido, trabalha mais rápido... isso, isso!
- Valeu a intenção, valeu a intenção...
- Trabalha a bola, trabalha a bola...
- Tá livre jogador 1...
- Valeu jogador 1, aí tá bom jogador 2...
- Agora chega, agora chega, isso...
- Valeu jogador 1, vai trabalhando a bola, isso, sem pressa...
- Chega, chega, chega, aperta, aperta, aperta...
- Vai trabalhando, solta o pé, boa, boa bola jogador 1...
- Chega pra ganhar jogador 1, vem fechando jogador 2, isso jogador 3...
- Vem jogador 1, olha as costas jogador 2, avisa jogador 3, avisa, avisa...
- Aí você faz o zagueiro, aí você faz o zagueiro, beleza! Pode acontecer isso jogador 1...
- Isso, isso jogador 1, isso jogador 2...
- Divide, divide jogador 1...
- Boa jogador 1
- Força o erro, força o erro dele jogador 1, força o erro dele jogador 2...
- Vai, tá valendo, olha a bola, vai jogar, vai jogar...

- Olha o time tá aberto, o adversário tá aberto...
- Toca a bola jogador 1... foi o que que falei neste instante aê jogador 1? Aqui não faz isso jogador 1, aqui não tem como fazer isso aqui, se perde a bola a gente toma o gol , acabei de falar ali, acabei de falar ali, aqui faz 1-2, agora ali pode ir pra dentro velho...
- Centraliza, centraliza jogador 1...
- Ele tem que fazer 1-2 quando vim aqui , se ele perder essa bola tá [...] aqui, tão numa dura, vocês estão de frente pro jogo, toca a bola [...]... (grupo de zagueiros)
- Agora sai rápido, sai rápido quando pegar no contra-ataque jogador 1... Porra, vamos, vamos gente, dar de graça demais (perde a bola fácil)...
- Jogador 1, chega, chega, dar opção para o cara, você é o meia direito...
- Fez certo, fez certo, fez a intenção certa, finalizou!
- Jogador 1, dar opção também...
- Fez certo, soltou o pé certo, não tenha vergonha de errar não...
- Rápido, rápido, isso é rápido, vai jogar, dar opção jogador 1...
- Aperta, tá em cima ai jogador 1, aperta, aperta...
- Chega, chega, vamos gente, vamos jogador 1...
- Vem, vem jogador 1, isso jogador 2...
- Jogador 1 já chega decidido pra tomar a bola, ficou você e jogador 2 esperando um pelo outro, comunicação [...], se nós não estivermos comunicação o adversário passa por cima da gente...
- Vai jogar, vai jogar jogador 1...
- Aí a gente erra um passe desse olha, aí o adversário faz o que eles (equipe reserva) estão fazendo com a gente, o adversário vai fazer isso, não pense que eles não venham pra cima da gente não, então a gente tem que ter paciência...
- É melhor sair pelo os lados jogador 1... abre pra receber jogador 2, isso não tem pressa não, tá fechado o adversário...
- Nós temos que ser um time rápido e não pressa...
- Vamos melhorar, já tá aquecido, vamos melhorar esse passe.
- Cadê opção? Vamos jogador 1 dar opção...
- Fecha jogador 1, fecha jogador 2...
- Boa jogador 1!
- Tira do sufoco, abre (passar a bola) de lado jogador 1...
- Entrega em jogador 1...

- Aperta ele jogador 1, aperta ele, ele não vai ter facilidade no jogo jogador 1...
- Vai jogador , passa a frente dele jogador 1...
- Chega na área jogador 1, chega na área...
- Confere, confere...
- Bota no chão, bota no chão jogador 1, isso...
- Trabalha a bola, trabalha jogador 1... (controlar a bola)
- Não vai não jogador 1, não vai não...
- Chega, diminui o espaço...
- Vamos trabalhar mais, vamos trabalhar mais essa bola com qualidade...
- Quero velocidade, não pressa, quero velocidade... (errando muito nos passes)
- Força o erro, pode ir jogador 1, vem no meio jogador 2...
- Temos que ser mais rápido na chegada aí na frente, foi muito lento
- Isso, não deu, segurança jogador 1! (tirou a bola de zona de perigo por falta de opção)
- Calma, vai pra ele, vai pra ele, toca (passe)...
- Vai girando, vai girando jogador 1
- Isso, isso jogador 1
- Recupera, recupera jogador 1, isso, bota no chão, trabalha a bola
- Vem jogador 1, olha o ladrão chegando, fala jogador 2...
- Vai pro jogo, vai pro jogo...
- Borá jogador 1, sai jogador 1...
- Olha as costas jogador 1, fala jogador 1...
- Jogador 1, jogador 1 olha o gol aqui, vamos jogar, quando estiver aqui vamos fechar, mas quando estiver com a bola vamos fazer o gol...
- Movimenta jogador 1, movimenta jogador 2...
- Vamos jogador 1, esse passe morto jogador 1?!
- Não, não arrisca esse passe jogador 1, vai levando...
- Isso, vai jogar...
- Faz o gol, boa jogador 1, não tem que tá pensando, solta o pé...
- Boa jogador 1, posiciona!
- Faz 1-2, vai pro jogo...
- Boa bola, aí jogador 1, valeu, todos participaram do lance, coisa linda, não só foi o jogador 2 que fez o gol não, foi todos...
- Joga a equipe branca, joga a equipe branca...
- Chega, chega não deixa pensar...

- Vem pra sobra jogador 1, vem pra sobra...
- Bate com ele jogador 1, bate com ele jogador 1...
- Tá errado jogador 1, escuta jogador 1, é comunicação, não pode ficar sem comunicação...
- Vem jogador 1, vem jogador 2, vem jogador 3 até o meio...
- Vamos dar uma melhorada nessa qualidade do passe...
- Bate, bate com ele jogador 1, vamos jogador 2 tá olhando!
- Vamos, vamos, vamos gente...
- Bota no chão, bota no chão...
- Chega, chega, vai jogar aí dentro é? Toca a bola...
- Vai jogar, vai jogar, toca jogador 1, toca a bola...
- Vem, vem jogador 1, sai pro jogo, vem jogador 2, vem jogador 3...
- Valeu a jogada, valeu a jogada, recupera...
- Fecha lá jogador 1, fecha lá jogador 2, não dar o bote não...
- Vem jogador 1, vem jogador 1
- Cadê o volante? Cadê o volante? Acompanha jogador 1
- Cadê jogador 1?, jogador 2 está com dois (marcando dois jogadores) jogador 1, chega lá

Exercício nº2

- Fecha o lado jogador 1, fecha o lado jogador 1, vai lá não jogador 1, deixe que eles venham aqui
- Diminui o espaço, diminui o espaço...
- Não jogador 1, vai não jogador 1, deixa jogador 2, vai jogador 2...
- Chega, chega
- Sai jogador 1, vai jogar jogador 1 Vai com ele, vai com ele, na segunda!
- Vai saindo, vai saindo, vai saindo de trás...
- Jogador 1, só você ficar entre o zagueiro e o lateral pra ele (zagueiro) sair pelo meio, zagueiro nunca tem qualidade pra sair...
- Fecha os lados, fecha os lados pra ele sair pelo meia...
- Diminui o espaço, diminui o espaço...
- Vamos jogador 1, vamos jogador 1, não erra esse passe na saída de jogo, não tem que errar um passe desse...
- Não pára jogador 1...

- Bota no chão jogador 1...
- Rouba, rouba (bola)...
- Organiza a marcação, organiza a marcação...
- Ô jogador 1, nesse instante o jogador 2 recebeu a bola e foi sozinho, sai com ele [...], aí é a hora de centralizar, vai colado velho....
- Isso, isso! Segurança, abre jogador 1...
- Trabalha a bola sem erro...
- Vai pro gol, chega na área, isso jogador 1, capricha jogador 2...
- Faz 1-2, chega com ele, faz o gol...
- Capricha jogador 1, capricha jogador 1, aí tem que sair o gol...
- Vai diminui o espaço dele, fecha o lado jogador 1, isso, deixa ele sair pelo meio...
- Troca de posição...
- Deixa ele tocar aqui, não tem problema...
- Fecha o lado, fecha o lado, isso jogador 1...
- Cuidado jogador 1...
- Boa, boa jogada, valeu jogador 1, valeu jogador 2, valeu jogador 3...
- Posiciona novamente, fecha os lados jogador 1 e 2...
- Encosta jogador 1, encosta jogador 1...
- Porra, um espaço desse é foda, o cara domina e vai pra frente, se o atacante dominar for de frente você não pega não, cadê a comunicação? Não pode isso, se o atacante chega, você tem que sair junto, bem colado...
- Jogador 1, com a bola você joga...
- Jogador 1, vai jogar rápido, olha o ladrão (adversário)...
- Solta o pé jogador 1, faz o gol...
- Trabalha a bola, vamos jogador 1...
- Foi falta aqui...
- Força o erro dele, força o erro dele, isso jogador 1, fecha o lado, fecha o lado...
- Isso jogador 1, se ele for vai com ele...
- Força o erro dele, isso!
- Isso jogador 1, faz o jogo fruir, faz o jogo fruir, boa...
- Já recompõe , já recompõe, isso...
- Vamos, tá muito mole, tá muito mole...
- Recupera (a marcação) jogador 1...
- Mata a jogada, mata a jogada, isso jogador 1, cobertura...

- Pra que tanta correria, trabalha a bola...
- Não para, se o juiz (árbitro) não der, não para...
- Trabalha a bola, encosta a marcação, trabalha a bola...
- Chega, chega, não deixa virar não...
- Isso jogador 1, valeu jogador 1...
- Rouba, rouba a bola jogador 1...

Treino nº3

Exercício nº1

- Jogador 1 passa essa bola rápido, tu não precisa ter desgaste hoje, faz a bola correr rápido, faz a bola correr rápido, mesma coisa você jogador 2...
- Trabalha a bola rápido jogador 1 que é da forma que a gente quer, trabalha rápido...
- Vem, vem a equipe verde...
- Trabalha essa bola rápido, toca rápido...
- Vem jogando, vem jogando, isso, não erra o passe...
- Vem jogador 1, isso!
- Dois toques jogador 1, isso, sem agonia, sem agonia...
- Não tá correndo feito um louco, tem que correr a bola mais rápido, mais rápido a bola, isso... Vem, vem, dar opção jogador 1, vai jogar jogador 2...
- Olha esse passe jogador 1, olha esse passe jogador 1, cobra isso dele jogador 2...
- Vamos jogador 1, recupera...
- Toca pra ele...
- Cuidado jogador 1...
- Vai pra trás jogador 1...
- Chega jogador 1, não vai lá jogador 2, deixa ele trabalhar lá trás...
- Jogador 1, quando ele sair, sai pela diagonal para dar opção lá atrás..
- Vai apertando...
- Bate com ele jogador 1...
- Aí vem mais, se ele for só não vá... Vem jogador 1, empurra jogador 1...
- Vai pra cima da bola...
- Não pode perder essa bola, primeira bola!
- Diminui jogador 1, diminui jogador 1...
- Trabalha, trabalha, faz 1-2, isso jogador 1...
- Vamos jogador 1, trabalha jogador 1...

- Chega, chega não deixa girar (não deixar o atacante ficar de frente para o ataque) não...
- Isso, trabalha rápido, trabalha rápido...
- Marca jogador 1...
- Isso, qualidade no passe...
- Vamos jogador 1, joga em pé jogador 1...
- Jogador 1, fica mais de lado...
- Centraliza jogador 1...
- Ficou os dois meia lá, jogador 1 e 2...
- Isso bota no chão...
- Chega, chega, pode vim jogador 1, ah capricha, capricha...
- Passa a linha da bola, passa linha da bola...
- Sobe jogador 1, sobe (avançar ao ataque)...
- Olha o ladrão, isso gente, trabalha a bola, faz 1-2...
- Jogador 1, ver a quantidade de gente que a gente chegou velho, não pode errar um passe desse, tem que ter qualidade velho, a gente não pode entregar de graça ao adversário, capricha velho...
- Bota no chão jogador 1, isso trabalha, trabalha com qualidade...
- Chega jogador 1, chega jogador 1, chega jogador 2...
- Ei, fique preso não, com a bola, vá jogar, estou prendendo ninguém...
- Aí fica os três aqui ó, jogador 1 pega o rebote, jogador 2 pega o jogador 3, agride a bola tá certo? A gente não pode levar o contra-ataque!
- Isso acredita, não tem bola perdida...
- Jogador 1 flutua essa bola...
- Vai acredita, faz o gol, faz o gol...
- Divide jogador 1, abre lá jogador 2...
- Jogador 1 diminui aqui que eles não vão sair aqui, tá certo? Se fizer isso ele não vão sair aqui, eles vão quebrar...
- Bota no chão, vai jogar, chega jogador 1, vai jogar jogador 2...
- Pode chegar jogador 1, pode chegar, faz o gol...
- Não para, não para...
- Vai força o erro, força o erro, vai aperta!
- Vamos garoto, vamos jogador 1, isso!
- Vai girando, vai girando, vai girando...

- Vai pra ele, vai pra ele jogador 1, faz 1-2, faz 1-2...
- Bota essa bola parada aê, pega uma aberta e outra fechada, tá certo? Ver aí jogador 1, vai precisar de alguém aqui jogador 2? Tá ligado néh jogador 1, se ele ficar aqui com dois, você tá ligado, fica ligado pra...
- Tira jogador 1, valeu! Não tem bola perdida, ninguém espera por ninguém...
- Tá valendo, vai jogar, vai jogar...
- Sai rápido, sai rápido até o meio, vamos jogador 1, a gente pegar um contra-ataque desse tem que caprichar velho, tem que pra dentro do gol...
- Jogador 1 encosta...
- Chega jogador 1, chega jogador 1...
- Tá os dois volantes num lado só jogador 1...
- Chega, chega, chama pro jogo, vai jogador 1, vai jogador 1... Vai, rouba, rouba!
- Toca, toca, chega na área, vai jogador 1...
- Calma jogador 1, tá desequilibrado jogador 1...
- Jogador 1, faz 1-2, faz 1-2 rápido...
- Jogador 1, sai rápido nessa bola velho...
- Vamos, vamos, recupera, vem jogador 1, recupera, não precisa tá desgastando...
- Vamos jogador 1, vamos mais forte...
- Valeu, valeu jogador 1...
- Toca em jogador 1, toca em jogador 1...
- Isso, vem jogador 1, vem fechando jogador 1...
- Faz 1-2, faz 1-2 com jogador 1, valeu jogador 2...
- Vamos botar no chão (falta), aí no chão, capricha, bota no jogador 1...
- Capricha pra ela cair ali na frente do goleiro (falta)...
- Capricha jogador 1, só temos uma no jogo, não podemos errar, temos que caprichar...
- Trabalha a bola, trabalha a bola, trabalha a bola...
- Esse passe sem precisão...
- Trabalha, deixa lá atrás jogador 1, vai fechando só os lados...
- Deixa o volante...
- Força o erro dele...
- Capricha o passe jogador 1, cobra o passe dele jogador 2...
- Já cobrava opção, jogador 1 cobra opção de jogador 2 lá atrás...
- Diminui o espaço dele, força o erro, fecha os lados, deixa ele vim pelo meio, deixa ele vim, ai nós vamos apertando, agora chega, agora chega...

- Vem jogador 1, rouba, rouba, isso! TI/A/API
- Ajeita!
- Isso, valeu a jogada, valeu, tem que arriscar a jogada, tem que arriscar...
- Falta, tomou cartão...
- É seu, é seu, cadê o volante, vai jogar jogador 1, vai jogar...
- Deixa tocar pra trás, deixa tocar pra trás...
- Faz ele voltar pra trás jogador 1, isso!
- Faz de primeira, faz de primeira, solta o pé de primeira...
- Aí não tem o que mais fazer jogador 1...
- Olha aí o cochilo que a gente deu!
- Falta pouco, vamos mais um pouco...
- Mira lá jogador 1, mira lá...
- Vai, vai...
- Faz 1-2, tem ninguém na área...
- Trabalha essa bola, paramos de trabalhar a bola...
- Chega! Não dar espaço...
- Sem falta, sem falta, isso, isso...
- Centraliza jogador 1, centraliza jogador 1, isso! Fica só preocupado com o volante dele, é com jogador 2, deixa jogador 3, é com volante...
- Vem jogador 1, não vai buscar lá não...
- Vem pelo meio jogador 1...

Observação Sistemática – Treinador II
--

Os nomes próprios foram substituídos por “jogador 1”, “jogador 2” ou “jogador 3” por forma a garantir a confidencialidade do treinador e da equipe em estudo.

Treino nº1

Exercício nº1

- Vai, vai, vai, vamos
- Vamos jogador 1 pra frente, pra frente, pra frente
- Isso...
- Joga, joga, joga, vamos jogador 1
- Tá valendo, tá valendo

- Joga, joga, joga
- Vamos jogador 1, vamos jogador 1
- Joga jogador 1, joga jogador 1, tem um apoio, tem um apoio, isso...
- Jogador 1, jogador 1 tem o jogador 2 (para passar a bola)
- Faz os goleiros trabalharem, faz os goleiros trabalharem (mais finalização)
- Joga, joga, joga
- Anda jogador 1, anda jogador 1 para o gol
- Vem embora, vem, vem, vamos jogador 1, aqui jogador 1
- Isso...
- Vamos pessoal, dar ritmo ai, dar ritmo
- Anda laranja (equipe), anda laranja!
- Vem embora, vem embora, vem laranja vem laranja!
- Joga, joga, joga, joga...
- Vai dentro, vai jogador 1, vai jogador 1
- Anda, anda, anda...
- Joga pra frente, joga pra frente...
- O gol é aqui, o gol é aqui, o gol é aqui! (passar para frente)
- É bom, é bom, faz o gol, faz o gol
- Anda, anda, anda, anda...
- Vamos, vamos, vamos laranja, vamos laranja...
- Joga, joga, joga, joga...
- Joga, joga, joga...
- Joga jogador 1, joga jogador 1
- Isso...
- É bom, é bom, joga, joga, joga...
- Tá valendo jogador 1, tá valendo...
- joga aí jogador 1!
- anda, anda, anda...
- vamos pessoal, vamos pessoal, já deu pra aquecer, já deu pra aquecer!
- já deu pra aquecer, tem um coringa, tem um coringa, quem tem a bola tem um coringa (pra passar)
- aparece outro, aparece outro (dar opção)
- é bom, joga aí jogador 1, joga aí!
- vai, vai, aparece, aparece!

- capricha, capricha no passe, bate na bola com convicção
- isso, isso...
- anda, anda, anda...
- vai saindo (avanço a zona adversária) laranja, vai saindo laranja, vai saindo laranja...
- isso...
- tá valendo, tá valendo, tá valendo, joga...
- na bola, na bola, calma, na bola, isso...
- anda laranja, anda laranja, aparece laranja...
- tá valendo, tá valendo jogador 1
- capricha, capricha, joga aqui, joga aqui...
- dois minutos, dois minutos, dois, dois
- aparece pra ele, aparece pra ele
- tá valendo jogador 1, tá valendo jogador 1
- na bola, na bola, na bola, tem que ganhar na moral, tem que ganhar na moral...
- vamos pessoal, vamos pessoal!
- borá, tem que criar situação de gol, tem que criar situação de gol...
- isso, aí ó!
- é bom, é bom, aproveita, aproveita!
- joga, joga, joga, dois e meio, dois e meio...
- sai da marcação, sai da marcação, sai dele
- isso, vai dentro, vai dentro...
- é boa bola, aproveita, aproveita, joga, joga ,joga...
- tá valendo, tá valendo!
- joga cinza (equipe), joga cinza
- capricha, capricha, é bom, é bom...
- cuidado, cuidado... Cuidado jogador 1!
- joga, joga, joga, joga, joga...
- vem jogador 1, vem jogador 1, nessas bolas não se ganha assim não, viu!
- isso, toca bem, toca bem
- é bom, é bom!
- boa bola, boa bola, vamos fazer o gol laranja
- aparece pra ele, aparece
- aqui, aqui, aqui, aqui...
- vai acabar já...

- um minuto, um minuto...
- na bola, na bola...
- vamos fazer o gol laranja, vamos fazer o gol laranja
- tá valendo, tá valendo para o cinza, outro...
- boa, boa bola...

Exercício nº2

- vamos pessoal que agora é curtinho, é só cinco, é só cinco
- vamos andar, vamos andar, joga, joga
- joga, joga, joga
- tem que tocar jogador 1
- aparece equipe verde, aparece equipe verde
- é bom, vai jogar, vai jogar com ele, tem apoio, tem apoio, apertou tem apoio, apertou tem apoio
- boa jogador 1
- boa bola, boa bola, é boa bola
- um minuto, um minuto, vamos lá equipe verde
- vem na área, vem na área verde, vem na área verde
- olha aí ó, boa, boa
- bom, joga, joga jogador 1
- adianta o cinza, adianta o cinza
- joga, joga, joga, joga
- vamos, vamos
- aparece equipe cinza, aparece equipe cinza
- joga, joga, é bom, é bom
- vai na área, vai na área
- pra alguém, pra alguém, tem que mandar pra alguém jogador 1
- isso, isso, isso
- movimenta, movimenta, movimenta
- aí ó, aí ó, faz um dois, faz um dois com ele jogador 1
- vai embora, vai embora jogador 1
- calma, calma, na bola, na bola
- vamos cinza, vamos cinza

- aahh faz o gol, joga, joga, joga
- é bem jogado equipe cinza, é bem jogado
- aparece, aparece, vamos jogador 1, vamos, participa jogador 1, participa
- vamos equipe verde pro gol, vamos, olha aí ó, olha aí ó
- isso
- faz o gol jogador 1, faz o gol jogador 1
- três minutos, três minutos
- vai, vai, vai, vai
- quanto mais simples melhor, quanto mais simples melhor
- borá, aparece, aparece, dar opção
- joga, joga, joga jogador 1, joga jogador 1
- joga, joga, joga, joga
- olha aí, fecha, fecha lá, fecha
- capricha, olha o capricho
- joga jogador 1, joga jogador 1
- sai a equipe verde, sai a equipe verde
- vamos, vamos, é bom, vai dar gol lá olha
- isso, boa jogador 1
- joga, joga, joga, joga
- vamos embora, vamos embora, quatro minutos, quatro minutos
- fazer o gol equipe verde, fazer o gol equipe verde
- joga, joga, joga, joga
- joga, joga jogador 1, joga jogador 1
- trinta segundos, trinta, trinta
- vamos equipe verde, vamos equipe verde
- agora, três pra dois, três pra dois
- capricha, aqui, aqui
- vamos jogador 1, vamos jogador 1
- vamos, vamos pessoal, vamos
- isso, isso
- joga, joga, joga
- aparece outro, aparece, aparece, vamos fazer o gol, verde, verde
- é bom o chute, é bom

- aqui fica jogador 1 e jogador 2 quando a equipe laranja está com a bola, você tem que sair da marcação pra receber a bola, você está muito preso, tá muito parado, tá entendendo?, pra pedir a bola tem que sair do cara, viu jogador 3.
- Joga, joga, joga
- Bota no chão, bota no chão
- Capricha aê, capricha aê, capricha, capricha
- Ô jogador 1, ô jogador 1, tanto tempo com a bola, tanto tempo com a bola
- Vamos equipe verde, vamos equipe verde
- Agora, aproveita, aproveita, isso, passa dele, passa dele, sai dele jogador 1, faz o gol, faz o gol jogador 2, é bom
- Joga jogador 1, joga jogador 1
- Vamos jogador 1, vamos jogador 1
- Vamos embora, vamos embora equipe verde, movimenta equipe verde
- Isso
- Joga, joga
- Passa (a bola) aqui jogador 1
- Bom chute, bom chute, joga, joga
- Anda, anda, isso...
- Boa bola
- Isso, na bola, na bola, joga, joga, joga
- Vamos equipe verde, boa pressão, boa pressão
- Aparece laranja, passa dele jogador 1, passa dele jogador 1
- Joga, joga, joga equipe verde, aproveita equipe verde
- Faz o gol, faz o gol, calma jogador 1, estás em cima do gol aí, estás em cima do gol...
- Dois minutos, dois minutos, só falta dois minutos
- É bom, é bom
- Olha o capricho, olha o capricho
- Isso, aí
- Tá demorando a definir, por isso está difícil jogador 1, tá deixando chegar a marcação
- É bom, é bom, vai dentro, vai dentro, goll...
- Aqui, aqui, aqui, joga aqui, joga aqui
- Borá [...], borá [...]
- Aproveita, vem equipe laranja, vem equipe laranja
- Isso, faz o gol jogador 1, faz o gol

- Joga, joga, joga
- Deixa cair o ritmo não, deixa cair o ritmo não
- Vai dentro rapaz, vai dentro rapaz, vamos jogador 1, vamos jogador 1
- Avança, avança
- Outro, outro, outro
- Isso jogador 1, isso jogador 1, joga no apoio, joga no apoio e vai... vai pra área, vai pra área
- Apertou, joga no apoio
- Tem área, joga na área
- Joga, joga agora, vem, vem equipe laranja, vamos jogador 1, pára não jogador 1
- Entrega não (perder a bola), entrega não jogador 1
- Vai, vai, um minuto, um minuto, não pára não
- Vamos equipe laranja, vamos equipe laranja
- É boa bola, tá valendo, tá valendo pra equipe verde
- Vamos, vamos, vamos, decida aí ó
- Joga, joga, joga, aí ó, chegou hén
- Isso... faz o gol, faz o gol, boa
- Joga jogador 1
- Anda, anda, anda equipe laranja
- Tá valendo, tá valendo
- Anda, anda, anda
- Vamos pessoal, vamos pessoas, vamos
- Aproveita equipe laranja agora, vamos jogador 1, vamos jogador 1, isso, anda, anda
- Vai, na bola, na bola
- Calma, calma, joga, joga, joga
- Vamos embora, vamos embora, isso, toca a bola, toca a bola
- Vem, vem jogar, vem jogar
- Isso, aparece outro, aparece, aparece
- Oi, tem, tem, tem
- Vamos jogador 1, vamos jogador 1
- Sai daí, sai daí, vem, vem dar opção aqui, vem jogador 1 dar opção
- Tá ruim viu, use o apoio
- Passa aqui, passa aqui, isso rapaz, olha aí
- Aparece outro

- Vai jogar, vai jogar, vai jogar com ele
- Na bola, na bola jogador 1, na bola, na bola
- Joga, joga, joga, joga
- Vamos equipe laranja, vamos equipe laranja, vamos
- Boa jogador 1, bom, joga aqui
- Vem, vem, equipe cinza, equipe cinza
- É bom, é bom, vamos, vamos, joga, joga
- Sai aqui a equipe laranja, sai aqui a equipe laranja
- Vem embora, aproveita, aproveita, vamos jogador 1, vamos jogador 1, isso, aparece outro, aparece outro
- Vem, vem, vem jogador 1, está faltando gente aqui, está faltando gente aqui
- Olha aí jogador 1, é bom, é bom, joga, joga
- Vamos equipe laranja pra outro gol, pra outro gol
- Isso, vamos lá jogador 1, vamos lá jogador 1
- Outro, outro, outro
- Toca, toca, toca
- Capricha aí
- É boa jogador 1
- Vamos embora equipe laranja, vamos pro gol, pro gol equipe laranja
- Na bola, na bola, na bola, na bola
- Já tem, já tem, isso...
- Segura, segura, joga no apoio, joga no apoio
- É bom, é bom, vamos embora, vamos embora
- Vem, vem, vem, vamos equipe cinza, vamos equipe cinza
- Boa bola, é bom, é bom jogador 1, é bom jogador 1, tá valendo, tá valendo
- Boa jogador 1, boa jogador 1
- Vai saindo, vai saindo equipe laranja, sai marcando...
- Isso, isso... vamos pro gol, vamos pro gol...
- Joga... vai...
- Passa bem, passa bem...
- Vem a equipe cinza pro gol, vem, vem (concentrar-se a defesa próxima a baliza)...
- Vai dentro da equipe cinza, vai dentro...
- Boa bola, vamos jogador 1, olha o ladrão (adversário), faz o gol, isso, isso...

Exercício nº3

- Anda, anda... vem a equipe verde pro gol, vem a equipe verde pro gol
- Boa jogador 1, boa jogador 1
- Joga, joga
- Vamos,vamos o apoio, vamos o apoio
- Tá ruim de apoio, tá ruim de apoio
- Vamos jogador 1, vamos jogador 1
- Joga, joga, joga, joga
- Vamos equipe verde, vamos equipe verde
- Borá, deixa cair não, deixa cair não (ritmo de jogo)
- Vai saindo, vai saindo equipe cinza, vai saindo equipe cinza...
- Aproveita, aproveita, passa dele, passa dele
- Na bola, na bola, na bola
- Vai saindo equipe verde, vai saindo equipe verde
- Olha aí ó, olha aí, olha aí, vai dentro, vai dentro
- E agora 3-2, 3-2, isso...
- Perdoa não, perdoa não jogador 1, boa... joga, joga...
- Vamos equipe cinza, vamos equipe cinza, desiste não, desiste não
- Outro já, outro já, outro
- Vamos jogador 1, vamos jogador 1...
- Ah... define logo jogador 1, define logo jogador 1... não deixa ele (adversário) chegar não, não deixa chegar perto não jogador 1, toca perto aê
- Vamos equipe cinza, vamos equipe cinza, larga não equipe cinza
- Vamos jogador 1, não larga não... aproveita...
- Joga equipe verde, joga equipe verde, anda...
- Calma jogador 1, calma jogador 1...
- Vai... vai... vai...aparece outro, isso...
- Cuidado, cuidado...
- Jogador 1 joga assim (prescrição gestual)...
- joga... joga.. joga jogador 1...
- ah, era boa... capricha, capricha...
- bom... aí... passa dele, passa dele...
- na bola, na bola, cuidado para não machucar, cuidado para não machucar...
- joga... joga...

- vamos embora, vamos embora equipe verde...
- vai dar gol aqui, vai dar gol aqui jogador 1?

Treino nº2

Obs: para esse treino, houve a necessidade de um preparador físico assumir o processo devido à formação permiti-lhe atuar no aspecto físico, onde o objetivo do treino se dava por melhorar a resistência muscular localizada. No entanto, deixamos aqui algumas das expressões que possa identificar melhor o trabalho.

Exercícios nº 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 e 11

- A gente vai fazer um trabalho de força com características mais de resistência... que é a capacidade do músculo se manter em movimento... com cargas mais leve...
- Esse trabalho é de resistência, não de força pura, pois se fosse força pura trabalharia com 5 ou 6 repetições com cargas altíssima...
- Os azuis (cones) que estão aqui são de membros superiores...
- Até aqui em cima, isso! (se referindo ao limite do movimento)
- Mais um pouquinho pra baixo.
- Agacha jogador 1, agacha jogador 1.
- Vamos jogador 1, vamos agachar mais.
- Boa jogador 1, isso aí jogador 1.
- Se tiver pesado diminui a carga!
- Isso, flexiona as pernas jogador 1
- Boa jogador 1, desce mais um pouquinho
- Jogador 1, se tiver pesado pode tirar (diminuir o peso)
- Vai só um perna só, isso, é isso aí
- Estende mais a perna, isso!
- Olha o movimento correto?
- Não flexiona a perna toda
- ...

Treino nº3

Exercício nº1

- Borá lá, vamos jogador 1... boa bola jogador 1

- O domínio é importante... isso!
- Joga no lateral...
- Vai buscar, vai buscar...
- Tá ficando (espaço livre) sempre... tá ficando sempre...
- Escora pra ele ... anda, anda...
- Mete já jogador 1, mete já jogador 1 (lançamento)... isso!
- Isso! Vai embora, vai, vai...
- Joga, joga aqui, joga aqui...
- Isso! Vai pessoal, vai, vai...
- Anda, anda, anda...
- Joga, joga... machucou jogador 1?
- Anda, anda... vamos embora, vamos embora...
- Jogador 1! Vai revezando aqui com um viu... só ir revezando com qualquer um... vai descansando um aqui, sempre vai descansando um aqui...
- Joga, joga... vamos jogador 1, vamos jogador 1...
- Olha aí... olha aí jogador 1... joga, joga...
- Vamos jogador 1! Vamos jogador 1!
- Isso, 1-1, 1-1... Gol, GOL!
- Vamos jogador 1, deixa parar não jogador 1... deixa parar não, já tem bola, já tem bola...
- Faz o gol, faz o gol...
- Já tem, já tem... Presta atenção! Presta atenção!
- Vamos aqui, vamos aqui (lançar a bola para cruzamento)... segundo! (cruzamento na segunda trave) Segundo! Aí ó!
- Joga, joga... vai, vai... vamos jogador 1! Vamos jogador 1! Isso!
- É bom, é bom o domínio...
- Vamos embora, vamos embora!
- Vai, anda, anda... já tem bola, já tem bola...
- Joga, joga, deixa parar não...
- mete aí não jogador 1... aí não tem disputa não jogador 1...
- isso, isso, isso...
- recupera um, recupera um aqui, recupera um aqui...
- vamos jogador 1, vamos jogador 1, olha o capricho jogador 1...
- tá valendo jogador 1... anda, anda...

- vai pessoal, já está acabando aqui...
- vamos jogador 1, vamos jogador 1...
- aqui mais no segundo, chega!
- Quando for no segundo vem buscar aqui ó...
- Joga, joga, joga... vamos jogador 1, vamos jogador 1...
- Abre no segundo, abre no segundo, abre no segundo...
- Olha aí ó, olha aí ó jogador 1!
- É bom jogador 1, é bom jogador 1...
- Cinco minutos pessoal...
- Joga, joga, joga, joga...
- Vem no segundo, vem no segundo, vem no segundo mesmo, olha aí ó!
- Ah jogador 1, é pra baixo (finalizar/cabeceio) jogador 1, é pra baixo...
- Tem que tirar o peso, está batendo muito forte na bola, está batendo muito forte...
- Olha aí ó (espaço aberto na área), cadê os zagueiros?, cadê o zagueiros?
- Joga, joga, joga... tem três aí caramba, tem três...
- Faz o gol, faz o gol! Isso! Faz o gol jogador 1... batendo na bunda (na parte de baixo com efeito pra cima) da bola jogador 1...
- Ajeita aí, ajeita aí jogador 1... olha aí ó!
- Anda, anda, isso! Manda no primeiro jogador 1, manda no primeiro, isso! Olha aí ó!
- Deu você jogador 1!
- Joga, joga, joga... deixa parar não, deixa parar não... olha aí ó! Olha aí ó!
- Camisa 9 jogador 1 (número da camisa que veste)... camisa 9 jogador 1... vamos jogador 1! De três tem que deixar 2 lá jogador 1 (cabecear para o gol)... de três tem que deixar duas lá...
- Vamos lá jogador 1! Vamos lá jogador 1!
- Deixa cair o ritmo não, deixa cair o ritmo não...
- Isso, isso! Vamos, vamos! Tá acabando já, tá acabando já!
- Isso rapaz! O bom era lá dentro (gol)... ganha o primeiro, ganha o primeiro!
- Boa, boa jogador 1! Boa jogador 1!
- Vamos lá jogador 1! Vamos jogador 1!
- Com força, com força! Vai! Eita jogador 1 que teta hén (falha)... que teta hén jogador 1, na sua altura...
- Quero ver o gol aqui! Quero ver o gol aqui! Isso!
- Dois minutos mais, dois minutos mais!

- Mete já, meta já jogador 1! Aí!
- Vai, vai.. segundo! Segundo! (segunda trave) Tá valendo!
- Isso! Tira dele! Tira dele! Perdoa não, perdoa não, perdoa não jogador 1... no jogo ela aparece assim... (após a bola ser cruzada houve o rebote ofensivo, zagueiros tirem a bola)
- É bom, é bom (bom cruzamento)!
- Deixa cair não (a bola no ar após ser cruzada)! Deixa cair não! Joga, joga!
- Olha o capricho aí jogador 1, olha o capricho!
- Boa jogador 1, bom, bom!
- Joga, joga! Vamos lá, vamos lá jogador 1!

Exercício nº2

- Presta atenção nessa segunda bola, principalmente nessa segunda bola... Valendo, valendo!
- Vamos jogador 1, vamos jogador 1!
- Vem, vem, vem... esquece aí, esquece aí, esquece!
- Anda, anda, anda cinza, anda cinza!
- Joga, joga! Pode jogar! Pode jogar!
- Isso, isso! Valoriza a bola, é boa jogador 1! É boa!
- Calma, calma!
- Calma, calma jogador 1! Calma jogador 2! Eu quero que eles venham... deixa eles chegarem... deixa chegar!
- Vem, vem aqui... posiciona aqui! Posiciona! Posiciona aqui o cinza! Posiciona!
- Joga, joga...
- Valoriza a posse de bola... valoriza... valoriza...
- Vem ,vem...
- Adianta, adianta, adianta a equipe verde! Adianta equipe verde!
- Tá certo! Tá certo! É isso mesmo jogador 1! É isso mesmo!
- Tá faltando alguém ali no meio, era jogador 1.
- Vem no meio aqui (passar a bola), vem aqui.
- Marca homem! Marca homem!
- Equipe verde aqui! Verde! Dentro, dentro!
- Jogador 1 por dentro jogador 1! Jogador 1, Jogador 2 está lá... vem aqui dentro. Tais entendendo? Foi jogador 2 e jogador 3 fazer a sua lá, foram três pra lá, aí você vem

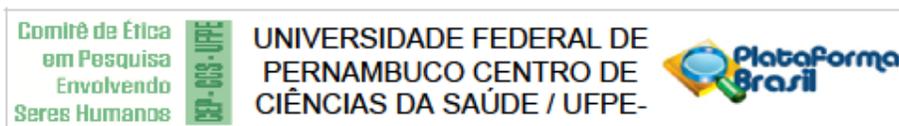
aqui... você não rodou? Aí você foi lá e ficou os três lá, aí se os meninos pega aqui, FERROU! Entendeu?

- Calma, calma! Jogador 1 aqui, isso! Aí centraliza, se ele for jogar você centraliza, entendeu? Se ele for jogar você centraliza!
- Valoriza a posse de bola! Valoriza! Valoriza! Isso!
- Aqui jogador 1, aqui dentro! Isso, isso! Pronto!
- Agora calma, calma...
- Vai jogar, vai jogar...
- Aqui, aqui equipe cinza, aqui equipe cinza...
- Calma jogador 1, calma jogador 1...
- Situação de jogo pessoal, a gente precisa trabalhar isso, a gente precisa trabalhar isso...
- Controla a bola, bola, bola... isso...
- Vamos lá, vamos lá! Duas do outro lado jogador 1, duas do outro lado jogador 1...
- Situação de jogo... a gente tem que resolver, a gente tem que resolver.
- Aí jogador 1... aqui, aqui... vem embora, vem, vem! Calma...
- Joga, joga, joga...
- Vem, vem jogador 1, vem jogador 1...
- No chão, no chão, no chão...
- Olha aqui jogador 1, jogador 1!
- Mais uma aí jogador 1, mais uma...
- Posiciona aqui, posiciona!
- Calma... dois, dois (dois do mesmo time na mesma bola)... valoriza ela (bola)...
- Escanteio lá no canto... Vem jogador 1, vem jogador 2...
- É aberto, é aberto (cruzamento aberto)...
- Jogador 1 fica, vai embora jogador 2...
- Duas (cobranças) aqui viu, duas...
- Lá do outro lado, jogador 1 faz tu...
- Duas aqui também, duas...
- Vai jogar, vai jogar... joga, joga, joga...
- Vai jogar com ele jogador 1... é bom, é bom, é bom...
- Boa jogador 1! Boa jogador 1!
- Isso, isso! Gol!
- É bom, mas a vinda (recuperação defensiva) é boa, a vinda é boa!
- Vai! (Escanteio, não deixou claro o objetivo da situação)

- Lá de novo, de novo (outro escanteio)... vamos lá jogador 1! É boa, é boa! Faz o gol jogador 2!
- Lá do outro lado, mais duas lá, mais duas! (mais escanteios)
- Vai! Lá, lá (na segunda trave)!
- Jogador 1, tenta “chegar aqui” (?), ficou um pouco distante de você (a bola cruzada), mas tente chegar... raspou aí (falhou na tirada de bola), é meio gol aqui...
- Faz outra (cobrança)...
- Vai jogar, vai jogar viu... é bom, é bom... joga jogador 1, joga jogador 1... tá valendo... Faz aí jogador 1... (situação de escanteio)
- Posiciona aqui... calma jogador 1... sai daí jogador 1... sai! Isso! (ainda o escanteio)
- Toca... valoriza... dois, dois...
- Vamos jogador 1! Vamos jogador 1...
- Valoriza ela... valoriza ela...
- Centraliza aqui, centraliza aqui você...
- Aparece, aparece pra jogar... isso, isso!
- Era boa...
- Dar opção pra ele, dar opção pra ele... isso, isso... pronto!
- Jogador 1 fica aí, vá no volante aí, deixa aqui com jogador 2 e com jogador 3...
- Isso, não volta muito não (centroavante), joga do meio pra frente, deixa aqui que jogador 1 e jogador 2 jogue... estou com dois volantes aqui pra... (ocupar a zona meia ofensiva)
- Vem jogador 1, vem jogador 1 jogar...
- bota ali jogador 1 (falta), faz uma barreira aí... aproveitar e fazer a barreira lá (?)...
- Joga, joga, joga equipe verde...
- Bota lá na frente (outra falta)... jogador 1 bota a bola lá (na entrada da área pequena)... tá bom aí...
- Ta bom jogador 1? É boa bola (bom lugar para bater a falta)... boa bola....
- É muito (outra falta)! Tá batendo muito em baixo da bola...
- Boa jogador 1 (mais uma falta)... é boa!
- Joga, joga, joga (continuação da jogada após a falta)...
- Joga aí jogador 1! Joga aí jogador 1!
- Vem aqui equipe verde, vem aqui...
- Roda (movimenta) aqui jogador 1...
- Cinco minutos pra acabar, mais cinco minutos só... vamos lá!

- Boa jogador 1, era boa... boa!
- Acabando pessoal, falta dois minutos, só dois...
- Era boa, era boa jogador 1! Era boa, era boa...

ANEXO C



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Análise da Relação Entre as Concepções de Ensino e treino com as Intervenções Pedagógicas no Treino de Futebol Profissional

Pesquisador: Marcelus Brito de Almeida

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 38646014.7.0000.5208

Instituição Proponente: Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 897.688

Data da Relatoria: 02/12/2014

Apresentação do Projeto:

Este trabalho intenciona analisar a relação entre as concepções de ensino e treino dos treinadores de futebol profissional com as suas intervenções pedagógicas no decorrer das sessões de treino. Por isso, este estudo há de contribuir num melhor entendimento e compreensão do processo de ensino-treino-aprendizagem do futebol, bem como nos avanços significativos no que se refere à intervenção pedagógica eficaz.

Objetivo da Pesquisa:

- 1) Identificar a formação específica e o modelo de jogo defendido pelo treinador;
- 2) Identificar suas concepções de ensino e treino;
- 3) Identificar o conteúdo substantivo transmitido;
- 4) Identificar quando, como e a quem são direcionados os conteúdos;
- 5) identificar a natureza das tarefas instrucionais propostas; bem como sua relação com conteúdos substantivos de feedback pedagógico
- 5) identificar a alteração da natureza das tarefas instrucionais e dos conteúdos substantivos de feedback pedagógico durante os treinos.

Endereço: Av. da Engenharia s/nº - 1º andar, sala 4, Prédio do CCS
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2126-8588 **E-mail:** cepocs@ufpe.br